



Convergência

Fevereiro, Março e Abril • 2023 • ANO LVIII





Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Eliane Cordeiro de Souza, mc
Editor: Frei Vanildo Luiz Zugno, ofmcap
Redatora: Ir. Maria Neusa dos Santos, MTB - 40099/SP

Conselho Editorial: Ir. Maria Neusa dos Santos, ciic
Fr. Oton da Silva Araújo Júnior, ofm
Ir. Edgar Nicodem, fsc
Ir. Silvânia Aparecida Coelho, sts
Ir. Zirlaide Barreto Mendonça, cp

Projeto Gráfico e Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Frei Vanildo Luiz Zugno, ofmcap
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da Capa: Ir. Luiz Carlos Lima, FMS

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: publicacoes@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73



Sumário



EDITORIAL5

MENSAGENS DO PAPA

 Discurso do Papa Francisco às participantes na
 XXII Assembleia Plenária da União Internacional das
 Superioras Gerais (UISG)7

 Discurso do Papa Francisco aos Salesianos
 vindos para a canonização do Beato Artêmidas Zatti.....13

 Mensagem do Santo Padre Francisco para o
 VI Dia Mundial dos Pobres.....17

INFORMES

 Mensagem Final da XXI Assembleia Geral da CLAR.....25

 VI Seminário Nacional de Religiosos Irmãos29

 II Encontro Nacional de Religiosos Presbíteros.....33

CLAR

 Mulheres da Aurora - A Ousada Esperança no
 Despontar da Aurora35

ARTIGOS

 Sinodalidade e Vida Consagrada.....67

 A Missão do Presbítero Religioso e
 o Clericalismo85

 No Rio da Vida, O Irmão é Missão
 fecundando o Reino:99

RESENHAS 113

**ORIENTAÇÕES PARA OS/AS
COLABORADORES/AS** 119





4





Editorial



O início de um novo ano é sempre um momento de esperar, de vislumbrar novos horizontes, construir caminhos e andar. Com um misto de alegria e comprometimento que nos impulsiona na Consagração a Deus chegamos até você e sua comunidade com a primeira edição da Revista Convergência do ano de 2023.

Para fazer jus a este momento, o tema central desta edição são As Mulheres da Aurora, o ícone eleito na XXI Assembleia Geral da Confederação Latino-americana e Caribenha de religiosos e religiosas realizada em junho passado, em Rionegro, Colômbia. Na imagem das mulheres que, ao amanhecer, movidas pela certeza de que a Vida é mais e maior que a morte, a Vida Religiosa Consagrada quer reafirmar seu compromisso com tantos homens e mulheres e com toda a criação que, a cada dia, são ameaçados em sua existência.

As mulheres da aurora correm apressadamente para anunciar a Boa Notícia aos discípulos que estavam ainda transtornados e

com medo. É neste espírito de alegria que a edição atual traz, entre os demais textos de informes e resenha, o texto completo da CLAR com os horizontes e prioridades para a VRC na América Latina e no Caribe. Assim, expressamos nossa sintonia como CRB com a grande expressão da VRC no continente da esperança, mesmo em meio às dores, angústias, temores e êxitos. Não é hora de retroceder. É hora de avançar, de sair ao encontro e de agir.

O documento da CLAR convida-nos a oito movimentos de saída com a arte de saber esperar:

1º Movimento: Rumo à vida na esperança;

2º Movimento: rumo ao essencial do seguimento de Jesus e à centralidade das relações humanas;

3º Movimento: Rumo à dignidade humana e à cultura do cuidado;

4º Movimento: rumo à possibilidade de ser sinal, palavra e metáfora credível;





5º Movimento: Rumo à sinodalidade;

6º Movimento: Rumo à utopia do reino: um mundo de irmãs e irmãos;

7º Movimento: Rumo à mudança sistêmica e à incidência política;

8º Movimento: Rumo ao cuidado responsável do ambiente e dos direitos das gerações futuras.

Uma proposta que vai em consonância com o apelo do Papa Francisco ao falar às Superiores Gerais, no final da reunião plenária de 2022. Na ocasião ele pediu que a VRC “abraça a vulnerabilidade”, que saiba lavar os pés umas das outras. Neste sentido, a CLAR, tanto na Assembleia Geral Eletiva como nos horizontes e prioridades, chama nossa atenção para assumirmos a experiência da madrugada de Páscoa quando, as mulheres da aurora, vão ao túmulo e o encontram vazio. E, no vazio, a voz do anjo anuncia que aquele homem das dores, agora, não sofre mais, não está ali, Ressuscitou.

A proposta da CLAR tem como horizonte o sonho de uma Igreja sinodal onde todas e todos possamos viver como irmãs e irmãos.

Os três artigos que seguem o texto da CLAR tocam realidades muito sensíveis nestes tempos de sinodalidade. Frei Ugo Sartorio nos oferece uma bem fundamentada reflexão sobre aspectos estruturais para a vivência sinodal da VRC. Os dois textos seguintes são complementares e dialogam entre si na medida em que abordam aspectos bem situados das congregações masculinas. Pe. Rafael Lopez Villaseñor aborda a temática nem sempre tão simples dos religiosos presbíteros e o risco da clericalização. Frei Edimar, O.Carm, reflete sobre a profissionalização dos religiosos irmãos no horizonte da vida comunitária e da missão.

Por fim, cabe-nos agradecer profundamente ao Pe. João da Silva Mendonça Filho, sdb, pelo período que exerceu a missão de Editor da Revista Convergência. Seu empenho permitiu que esta revista continuasse a ser referência para a VRC no Brasil. Este número deve a ele boa parte da composição. Esperamos, com paciência, tenacidade e dedicação, dar continuidade a seu excelente trabalho.

FREI VANILDO LUIZ ZUGNO, OFMCAp





Mensagens do Papa



DISCURSO DO PAPA FRANCISCO ÀS PARTICIPANTES NA XXII ASSEMBLEIA PLENÁRIA DA UNIÃO INTERNACIONAL DAS SUPERIORAS GERAIS (UISG)

(Sala Paulo VI - Quinta-feira, 5 de maio de 2022)

Quero saudar-vos, neste tempo pascal, com as palavras do Ressuscitado: “A paz esteja convosco!”

Tendo em conta o tema escolhido para a assembleia, - Abraçar a vulnerabilidade no caminho sinodal -, gostaria de refletir sobre certos pontos e oferecer algumas chaves para o vosso discernimento.

Abraçar a vulnerabilidade

Pensando neste tema de “abraçar a vulnerabilidade”, vieram-me à mente duas cenas do Evangelho.

A primeira, quando Jesus lava os pés de Pedro na Última Ceia.

Contemplá-la leva-nos a reconhecer a vulnerabilidade de Pedro e, ao mesmo tempo, a vulnerabilidade que Jesus faz sua para ir ao seu encontro. Pedro sente dificuldade em aceitar que precisa de uma mudança na sua mentalidade, uma mudança no coração, de deixar que lhe lavem os pés para que possa fazer o mesmo com os seus irmãos e irmãs. Indo ao seu encontro, o Filho de Deus coloca-se numa posição vulnerável, na posição de servo, mostrando como a vida de Jesus só pode ser compreendida através do serviço. Com Pedro, a Igreja aprende do seu Mestre que, para poder dar a vida servindo os outros, é convidada a reconhecer e a



acolher a própria fragilidade e, a partir daí, a inclinar-se diante da fragilidade do outro.

Convido-vos, a vós que tendes a missão específica de animar a vida das vossas congregações e acompanhar o discernimento nas vossas comunidades, a entrar nessa cena do lava-pés, percorrendo este caminho da Igreja, e a viver a vossa autoridade como serviço.

Também a vida religiosa hoje reconhece a sua vulnerabilidade, embora às vezes a aceite com dificuldade. Estávamos habituados a ser significativos pelos nossos números e pelas nossas obras; a ser relevantes e considerados socialmente. A crise que atravessamos fez-nos sentir as fragilidades e convida-nos a assumir a condição de minoria. Tudo isto nos convida a recuperar a atitude que o Filho de Deus tem para com o Pai e para com a humanidade, a de “se fazer servo”. Não se trata de servidão. Abaixar-se não significa fechar-se nas próprias feridas e incoerências, mas abrir-se a uma relação, a uma troca que cura e nos faz dignos, como no caso de Pedro, e a partir da qual tem início um novo caminho com Jesus.

Deste modo, o lugar que o Filho de Deus quer ocupar ao colocar-se aos pés da humanidade é um espaço teologal,

e devemos posicionar-nos ali. Portanto, se a nossa vocação é seguir os passos de Jesus, e fazê-lo “de perto”, cada vez que a história e o Espírito reposicionarem a Igreja e a vida religiosa neste lugar, será para nós uma fonte de alegria e de crescimento, uma fonte inspiradora que nos permitirá rejuvenescer. Pois é a partir dali, de baixo, que cada um pode reler o próprio carisma e a sua história.

Esta atitude sempre iluminou a vida religiosa. Como Pedro e com Pedro agora somos chamados, depois de termos reconhecido as nossas vulnerabilidades, a perguntar-nos quais são as novas vulnerabilidades perante as quais, como consagrados, devemos abaixar-nos hoje. À luz dos sinais dos tempos, que ministérios o Espírito nos pede? Que mudanças requer de nós no modo de viver o serviço da autoridade? Como podemos trabalhar por uma autoridade que seja evangélica, uma autoridade que não deixe feridas pelo caminho sem crescimento? Não tendes receio desta procura de novos ministérios e de novas formas de exercer a autoridade evangélica. Que não seja uma busca teórica e ideológica — as ideologias mutilam o Evangelho — mas uma busca que tenha



início com a aproximação aos pés da humanidade ferida, caminhando ao lado das irmãs e irmãos feridos, a começar pelas irmãs das vossas comunidades.

A segunda cena que me vem à mente, falando de vulnerabilidade, tem como protagonista Maria Madalena. Ela sabe muito bem o que significa passar de uma vida desordenada e frágil para uma vida centrada em Jesus e no serviço do anúncio. Os evangelistas mostram-na como uma mulher que experimentou uma grande libertação no seu encontro com Jesus (cf. Lc 8, 2). Eles preservaram este dado e certamente não o fizeram para julgar a sua história passada, mas para nos dizer que Jesus conta com ela como sua apóstola no testemunho da ressurreição, colocando a sua fragilidade transformada ao serviço do anúncio.

Representais numerosos carismas, muitas formas de leitura do Evangelho: cada um deles nasce para a missão da Igreja. À luz destes dois discípulos de Jesus, Pedro e Maria Madalena, contemplai e deixai que Jesus olhe para vós e vos transforme, e desta forma podereis colocar-vos igualmente ao serviço da humanidade. A partir da vossa fragilidade, libertadas dos espíritos que vos perturbam, podereis

aliviar o vosso passo para um anúncio do Evangelho cheio de esperança. Sei que tendes muitas preocupações, que provavelmente vos tiram o sono – a falta de vocações, a idade média em constante aumento, o abandono da vida consagrada, entre outras – mas espero que a vossa principal preocupação seja como proceder para não abandonar o horizonte da missão.

O caminho sinodal

Consideremos, em segundo lugar, qual é a contribuição que a Igreja espera da vida religiosa no caminho sinodal da Igreja, e qual é o vosso serviço como superiores neste caminho. Se o Sínodo é sobretudo um momento importante de escuta e discernimento, a contribuição mais importante que podeis oferecer é participar na reflexão e no discernimento, pondo-vos em atitude de escuta do Espírito e abaixando-vos como Jesus para poder encontrar o irmão na sua necessidade. E isto faz-se através das várias mediações previstas neste momento – como consagradas, nas paróquias, nas dioceses – enriquecendo a Igreja com os vossos carismas. Ao longo deste processo sinodal, sede construtoras de comunhão, memória da vida e



missão de Jesus. De vós esperase que sejais tecelãs de novas relações para que a Igreja não seja uma comunidade de pessoas anônimas, mas de testemunhas do Ressuscitado, apesar da nossa fragilidade.

Mas além de participar ativamente no processo sinodal a nível de Igreja local, é muito importante que as comunidades e congregações percorram o seu caminho sinodal. Muitas congregações já o fazem. É uma oportunidade para vos ouvirdes umas às outras, para vos encorajardes reciprocamente a falar com parresia, para fazerdes perguntas sobre os elementos essenciais da vida religiosa de hoje. Também para deixar emergir questões incômodas. Não tenhais medo da vossa vulnerabilidade, não tenhais receio de a apresentar a Jesus.

Para ser fiel ao caminho e ao espírito sinodal, é necessário ir além da esfera dos nossos Institutos e da própria União internacional das superiores-gerais. É um caminho que já partilhais e encorajovos a prosseguir-lo. Exortovos também a cooperar estreitamente com a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica. A comunhão

eclesial, a diversidade de vocações e carismas, e o encontro, embora por vezes difícil, enriquecem-nos sempre.

Conto convosco, queridas irmãs, no momento de acompanhar o povo santo de Deus neste processo sinodal, como especialistas na construção da comunidade, na promoção da escuta e do discernimento. O ministério de acompanhamento é urgente (cf. EG 103, 169, 171).

Conto convosco a fim de que o processo sinodal que vivemos na Igreja também tenha lugar nos vossos institutos, onde jovens e idosas compartilhem a própria sabedoria e visão da vida consagrada; onde todas as culturas se sentem à mesma mesa do Reino; onde as histórias sejam processadas à luz de Jesus Ressuscitado e do seu perdão; onde os leigos possam participar nas vossas espiritualidades.

Um bom sinal desta renovação sinodal deve ser o cuidado recíproco. Neste contexto, penso nas pequenas congregações e naquelas que diminuem, a ponto de experimentar uma difícil sustentabilidade. Confio que estes processos, no futuro, vos aproximem ainda mais umas das outras, para vos apoiar e ajudar reciprocamente nos caminhos de formação e discernimento.



Confio também que estes processos ajudem a comunidade eclesial no seu diálogo com o mundo, sem esquecer a atenção pela casa comum.

Também sei que nalguns lugares a falta de vocações e o envelhecimento são motivo de preocupação. Mas o importante é poder dar sempre uma resposta fiel e criativa ao Senhor. Abraçai o tempo que vivemos

como um dom de Deus, um *kai-rós*, pois para Ele nada passa despercebido.

Com Maria, com o seu passo ligeiro, com fé, vamos em frente! Abençoo-vos de coração, abençoo as vossas comunidades, especialmente os membros mais vulneráveis, e abençoo quantos beneficiam do trabalho que realizais.

E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim!





12





DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS SALESIANOS VINDOS PARA A CANONIZAÇÃO DO BEATO ARTÊMIDES ZATTI

(Sala Paulo VI - Sábado, 8 de outubro de 2022)

Prezados irmãos e irmãs salesianas, bom dia e bem-vindos!

Agradeço ao Reitor-Mor a sua apresentação; saúdo os membros do Conselho Geral, os Cardeais e os Bispos salesianos — são tantos! — e estou feliz por receber os peregrinos vindos de Boretto, terra natal de Artêmides Zatti, e os provenientes da Argentina e das Filipinas; saúdo os membros da Família salesiana de numerosos países do mundo, de modo particular os salesianos coadjuutores. E uma saudação especial à pessoa que recebeu a graça da cura por intercessão do Beato, que amanhã terei a alegria de canonizar. Gostaria de recordar a sua figura, a partir de quatro pontos de vista.

Em primeiro lugar, como migrante. Os salesianos chegaram à Argentina em 1875 e inicialmente exerceram o seu apostolado em Buenos Aires. Em Buenos Aires não foram ao bairro mais importante, foram à Boca, onde viviam os comunistas, os socialistas, os anticlericais! Os salesianos foram para lá e para outros lugares, especialmente para ajudar os emigrantes italianos. Artêmides conheceu os salesianos em Bahía Blanca onde, em 1897, tinha chegado da Itália com a sua família. Infelizmente, muitos migrantes perdiam os valores da fé, todos ocupados com o trabalho e com os problemas que encontravam. Mas a família Zatti, graças a Deus, foram



uma exceção. A participação na vida da comunidade cristã, as relações cordiais com os sacerdotes, a oração comum em casa e a frequência dos sacramentos não faltaram. Artêmidas cresceu num ótimo ambiente cristão e, graças à orientação do padre Carlo Cavalli, amadureceu a escolha pela vida salesiana.

Um segundo aspecto, o “parentesco”: ele foi um “parente de todos os pobres”; este é o parentesco de Zatti. A tuberculose que o atingiu aos vinte anos parecia interromper todos os sonhos, mas graças à cura alcançada por intercessão de Maria Auxiliadora, Artêmidas dedicou a vida inteira aos doentes, especialmente aos mais pobres, abandonados e descartados. Os hospitais de San José e Sant’Isidro foram um recurso de saúde precioso e único para cuidar especialmente dos pobres de Viedma e da região do Rio Negro: o heroísmo de Zatti tornou-os lugares de irradiação do amor de Deus, onde os cuidados de saúde se tornaram experiência de salvação. Naquela porção de terra na Patagônia, onde o nosso Beato leva a sua vida, foi escrita de novo uma página do Evangelho: o Bom Samaritano encontrou nele coração, mãos e paixão, sobretudo pelos pequeninos, os pobres, os pecadores, os últimos. Assim, um hospital tornou-se a “Pousada do

Pai”, sinal de uma Igreja que quer ser rica em dons de humanidade e Graça, morada do mandamento do amor a Deus e ao irmão, lugar de saúde como penhor de salvação. É também verdade que isto faz parte da vocação salesiana: os salesianos são os grandes educadores do coração, do amor, da afetividade, da vida social; grandes educadores do coração!

O hospital e as casas dos pobres, visitados noite e dia de bicicleta, eram a fronteira da sua missão. Viveu a doação total de si a Deus e a consagração de todas as suas forças ao bem do próximo. O trabalho intenso e a incansável disponibilidade às necessidades dos pobres foram animados por uma profunda união com o Senhor: a oração constante, a adoração eucarística prolongada, a recitação do rosário. Artêmidas é um homem de comunhão, que sabe trabalhar com os outros: religiosas, médicos, enfermeiras; e com o seu exemplo e conselho forma as pessoas, plasma as consciências, converte os corações.

Em terceiro lugar, vemos-lo como salesiano coadjutor. Recordemos o bonito testemunho que deu em 1915 em Viedma, na inauguração de um monumento à memória do padre Evasio Garrone, salesiano missionário



que Artêmides considera como insigne benfeitor. Nessa ocasião fez esta declaração: “Se estou bem, saudável e em condições de fazer um pouco de bem ao meu próximo doente, devo-o ao padre Garrone, médico que, vendo piorar a minha saúde dia após dia, dado que eu sofria de tuberculose com hemoptises frequentes, disse-me com decisão que, se eu não quisesse acabar como muitos outros, deveria fazer uma promessa a Maria Auxiliadora de permanecer sempre ao seu lado, ajudando-o nos cuidados aos doentes, que ele, confiando em Maria, me teria curado. Acreditei, pois sabia por fama que Maria Auxiliadora o ajudava de modo visível. Prometi, pois sempre tive o desejo de ajudar o meu próximo de algum modo. E, tendo Deus escutado o seu servo, sarei”. Acreditei, prometi, sarei! Três palavras escritas ali.

Esta vida resgatada já não é sua propriedade: sente que é totalmente para os pobres. Os três verbos “acreditei, prometi, sarei” exprimem a bênção e a consolação que tocam a vida de Artêmides. Vive esta missão em comunhão com os irmãos de hábito salesianos: era o primeiro que estava presente nos momentos comunitários, e com a sua alegria e simpatia anima a fraternidade.

O quarto e último traço que gostaria de salientar: ele é intercessor pelas vocações. Eu experimentei-o. Narro-vos uma experiência pessoal. Quando eu era Provincial dos Jesuítas da Argentina, conheci a história de Artêmides Zatti, li a sua biografia e confiei-lhe o pedido ao Senhor de santas vocações para a vida consagrada laical para a Companhia de Jesus. Desde que começamos a rezar pela sua intercessão, o número de jovens coadjutores aumentou sensivelmente; e eram perseverantes e muito empenhados. Assim fui testemunha desta graça que recebemos.

E a este propósito, gostaria de salientar a importância da vocação dos irmãos. Vi-o na Companhia de Jesus e sei que o mesmo se pode dizer dos salesianos. Os irmãos têm um carisma especial, alimentado na oração e no trabalho. E fazem bem a todo o corpo da Congregação. São pessoas piedosas, alegres, trabalhadoras. Nelas não se veem “complexos de inferioridade”, não, são maduras, não se sentem complexadas por não ser sacerdotes, e não aspiram a tornar-se diáconos, não: irmãos; não querem promoções: irmãos, pois toda a riqueza consiste nisto. Estão conscientes da sua vocação e querem-na assim (cf. Carta ao padre Cayetano Bruno, 1986).





16

MENSAGENS DO PAPA FRANCISCO

A vós, caros irmãos coadju-
tores, obrigado, obrigado! Que
também vós possais ser sempre
gratos pelo dom desta chamada,
que dá um peculiar testemunho
de vida consagrada, e assim
propô-la aos jovens como estilo
de vida evangélica ao serviço dos
pequeninos e dos pobres.

Obrigado a todos, irmãos e ir-
mãs, por terdes vindo festejar a
canonização de Artêmidas Zatti.
Abençoo-vos de coração, inclusive
quantos não puderam vir devido
à idade, às condições de saúde ou
do bolso! Abençoo todos.

E peço-vos, por favor, que re-
zeis por mim. Obrigado!





MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO PARA O VI DIA MUNDIAL DOS POBRES

(XXXIII Domingo do Tempo Comum – 13 de novembro de 2022)

Jesus Cristo fez-Se pobre por vós (cf. 2 Cor 8, 9)

1. “Jesus Cristo (...) fez-Se pobre por vós” (2 Cor 8, 9). Com estas palavras, o apóstolo Paulo dirige-se aos cristãos de Corinto para fundamentar o seu compromisso de solidariedade para com os irmãos necessitados. O Dia Mundial dos Pobres torna este ano como uma sadia provocação para nos ajudar a refletir sobre o nosso estilo de vida e as inúmeras pobreza da hora atual.

Há alguns meses, o mundo estava a sair da tempestade da pandemia, mostrando sinais de recuperação econômica que se esperava voltasse a trazer alívio a milhões de pessoas empobrecidas pela perda do emprego. Abria-se uma nesga de céu sereno que, sem esquecer a tristeza pela perda dos

próprios entes queridos, prometia ser possível tornar finalmente às relações interpessoais diretas, encontrar-se sem embargos nem restrições. Mas eis que uma nova catástrofe assomou ao horizonte, destinada a impor ao mundo um cenário diferente.

A guerra na Ucrânia veio juntar-se às guerras regionais que, nestes anos, têm produzido morte e destruição. Aqui, porém, o quadro apresenta-se mais complexo devido à intervenção direta duma “superpotência”, que pretende impor a sua vontade contra o princípio da autodeterminação dos povos. Vemos repetir-se cenas de trágica memória e, mais uma vez, as ameaças recíprocas de alguns poderosos abafam a voz da humanidade que implora paz.



2. Quantos pobres gera a insensatez da guerra! Para onde quer que voltemos o olhar, constata-se como os mais atingidos pela violência sejam as pessoas indefesas e frágeis. Deportação de milhares de pessoas, sobretudo meninos e meninas, para os desenraizar e impor-lhes outra identidade. Voltam a ser atuais as palavras do Salmista perante a destruição de Jerusalém e o exílio dos judeus: “Junto aos rios da Babilônia nos sentamos a chorar, / recordando-nos de Sião. / Nos salgueiros das suas margens / penduramos as nossas harpas. / Os que nos levaram para ali cativos / pediam-nos um cântico; / e os nossos opressores, uma canção de alegria / (...). Como poderíamos nós cantar um cântico do Senhor, / estando numa terra estranha?” (Sl 137, 1-4).

Milhões de mulheres, crianças e idosos veem-se constrangidos a desafiar o perigo das bombas para pôr a vida a salvo, procurando abrigo como refugiados em países vizinhos. Entretanto, aqueles que permanecem nas zonas de conflito têm de conviver diariamente com o medo e a carência de comida, água, cuidados médicos e sobretudo com a falta de afeto familiar. Nestes momentos, a razão fica obscurecida e quem sofre as consequências é

uma multidão de gente simples, que vem juntar-se ao número já elevado de pobres. Como dar uma resposta adequada que leve alívio e paz a tantas pessoas, deixadas à mercê da incerteza e da precariedade?

3. Neste contexto tão desfavorável, situa-se o VI Dia Mundial dos Pobres, com o convite – tomado do apóstolo Paulo – a manter o olhar fixo em Jesus, que, “sendo rico, Se fez pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza” (2 Cor 8, 9). Na sua visita a Jerusalém, Paulo encontrou Pedro, Tiago e João, que lhe tinham pedido para não esquecer os pobres. De fato, a comunidade de Jerusalém debatia-se com sérias dificuldades devido à carestia que assolava o país. O Apóstolo preocupou-se imediatamente em organizar uma grande coleta a favor daqueles pobres. Os cristãos de Corinto mostraram-se muito sensíveis e disponíveis. Por indicação de Paulo, em cada primeiro dia da semana recolhiam quanto haviam conseguido poupar e todos foram muito generosos.

Como se o tempo tivesse parado naquele momento, também nós, cada domingo, durante a celebração da Santa Missa, cumprimos o mesmo gesto, colocando em comum as nossas ofertas para



que a comunidade possa prover às necessidades dos mais pobres. É um sinal que os cristãos sempre cumpriram com alegria e sentido de responsabilidade, para que a nenhum irmão e irmã faltasse o necessário. Já o testemunhava no século II São Justino que, ao descrever ao imperador Antonino Pio a celebração dominical dos cristãos, escrevia: “No dia do Sol, como é chamado, reúnem-se num mesmo lugar os habitantes, quer das cidades quer dos campos, e leem-se, na medida em que o tempo o permite, ora os comentários dos Apóstolos ora os escritos dos Profetas. (...) Seguidamente, a cada um dos presentes se distribui e faz participante dos dons sobre os quais foi pronunciada a ação de graças, e dos mesmos se envia aos ausentes por meio dos diáconos. Os que possuem bens em abundância dão livremente o que lhes parece bem, e o que se recolhe põe-se à disposição daquele que preside. Este socorre os órfãos e viúvas e os que, por motivo de doença ou qualquer outra razão, se encontram em necessidade, assim como os encarcerados e hóspedes que chegam de viagem; numa palavra, ele toma sobre si o encargo de

todos os necessitados” (Primeira Apologia, LXVII, 1-6).

4. Voltando à comunidade de Corinto, sucedeu que, depois do entusiasmo inicial, começou a esmorecer o empenho, e a iniciativa proposta pelo Apóstolo perdeu impulso. Este é o motivo que leva Paulo a escrever com grande paixão, relançando a coleta, “para que, como fostes prontos no querer, também o sejais no executar, conforme as vossas possibilidades” (2 Cor 8, 11).

Neste momento, penso na disponibilidade que, nos últimos anos, moveu populações inteiras para abrir as portas a fim de acolher milhões de refugiados das guerras no Médio Oriente, na África Central e, agora, na Ucrânia. As famílias abriram as suas casas para deixar entrar outras famílias, e as comunidades acolheram generosamente muitas mulheres e crianças para lhes proporcionar a devida dignidade. Mas quanto mais se alonga o conflito, tanto mais se agravam as suas consequências. Os povos que acolhem têm cada vez mais dificuldade em dar continuidade à ajuda; as famílias e as comunidades começam a sentir o peso duma situação que vai além da emergência. Este é o momento de não ceder, mas de renovar a motivação inicial. O que começamos



precisa de ser levado a cabo com a mesma responsabilidade.

5. Com efeito, a solidariedade é precisamente partilhar o pouco que temos com quantos nada têm, para que ninguém sofra. Quanto mais cresce o sentido de comunidade e comunhão como estilo de vida, tanto mais se desenvolve a solidariedade. Aliás, deve-se considerar que há países onde, nas últimas décadas, se verificou um significativo crescimento do bem-estar de muitas famílias, que alcançaram um estado de vida seguro. Trata-se dum resultado positivo da iniciativa privada e de leis que sustentaram o crescimento económico, aliado a um incentivo concreto às políticas familiares e à responsabilidade social. Possa este patrimônio de segurança e estabilidade alcançado ser agora partilhado com quantos foram obrigados a deixar as suas casas e o seu país para se salvarem e sobreviverem. Como membros da sociedade civil, mantenhamos vivo o apelo aos valores da liberdade, responsabilidade, fraternidade e solidariedade; e, como cristãos, encontremos sempre na caridade, na fé e na esperança o fundamento do nosso ser e da nossa atividade.

6. É interessante notar que o Apóstolo não quer obrigar os cristãos, forçando-os a uma obra

de caridade; de fato, escreve: “Não o digo como quem manda”. O que ele pretende é “pôr à prova a sinceridade do amor” demonstrado pelos Coríntios na atenção e solicitude pelos pobres (cf. 2 Cor 8, 8). Na base do pedido de Paulo, está certamente a necessidade de ajuda concreta, mas a sua intenção vai mais longe. Convida a realizar a coleta, para que seja sinal do amor testemunhado pelo próprio Jesus. Enfim, a generosidade para com os pobres encontra a sua motivação mais forte na opção do Filho de Deus que quis fazer-Se pobre.

Na realidade, o Apóstolo não hesita em afirmar que esta opção de Cristo, este seu “despojamento”, é uma “graça” – aliás, é “a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo” (2 Cor 8, 9) – e só acolhendo-a é que podemos dar expressão concreta e coerente à nossa fé. O ensinamento de todo o Novo Testamento revela a propósito uma especial unanimidade, como se verifica nesta passagem da Carta do apóstolo Tiago sobre a Palavra que foi semeada nos crentes: “Tendes de a pôr em prática e não apenas ouvi-la, enganando-vos a vós mesmos. Porque, quem se contenta com ouvir a palavra, sem a pôr em prática, assemelha-se a alguém que contempla a sua fisionomia num espelho; mal



acaba de se contemplar, sai dali e esquece-se de como era. Aquele, porém, que medita com atenção a lei perfeita, a lei da liberdade, e nela persevera – não com quem a ouve e logo se esquece, mas como quem a cumpre – esse encontrará a felicidade ao pô-la em prática” (1, 22-25).

7. No caso dos pobres, não servem retóricas, mas arregaçar as mangas e pôr em prática a fé através dum envolvimento direto, que não pode ser delegado a ninguém. Às vezes, porém, pode sobrevir uma forma de relaxamento que leva a assumir comportamentos incoerentes, como no caso da indiferença em relação aos pobres. Além disso acontece que alguns cristãos, devido a um apego excessivo ao dinheiro, fiquem empantanados num mau uso dos bens e do patrimônio. São situações que manifestam uma fé frágil e uma esperança fraca e míope.

Sabemos que o problema não está no dinheiro em si, pois faz parte da vida diária das pessoas e das relações sociais. Devemos refletir, sim, sobre o valor que o dinheiro tem para nós: não pode tornar-se um absoluto, como se fosse o objetivo principal. Um tal apego impede de ver, com realismo, a vida de todos os dias e ofusca o olhar, impedindo de

reconhecer as necessidades dos outros. Nada de mais nocivo poderia acontecer a um cristão e a uma comunidade do que ser ofuscados pelo ídolo da riqueza, que acaba por acorrentar a uma visão efêmera e falhada da vida.

Entretanto não se trata de ter um comportamento assistencialista com os pobres, como muitas vezes acontece; naturalmente é necessário empenhar-se para que a ninguém falte o necessário. Não é o ativismo que salva, mas a atenção sincera e generosa que me permite aproximar dum pobre como de um irmão que me estende a mão para que acorde do torpor em que caí. Por isso, “ninguém deveria dizer que se mantém longe dos pobres, porque as suas opções de vida implicam prestar mais atenção a outras incumbências. Esta é uma desculpa frequente nos ambientes académicos, empresariais ou profissionais, e até mesmo eclesiais. (...) Ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social” (Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 201). Urge encontrar estradas novas que possam ir além da configuração daquelas políticas sociais “concebidas como uma política para os pobres, mas nunca com os pobres, nunca dos pobres e muito menos



inserida num projeto que reúna os povos” (Francisco, Carta enc. Fratelli tutti, 169). Em vez disso, é preciso tender para assumir a atitude do Apóstolo, que podia escrever aos Coríntios: “Não se trata de, ao aliviar os outros, vos fazer entrar em apuros, mas sim de que haja igualdade” (2 Cor 8, 13).

8. Estamos diante dum paradoxo, que, hoje como no passado, é difícil de aceitar, porque embate na lógica humana: há uma pobreza que nos torna ricos. Recordando a “graça” de Jesus Cristo, Paulo quer confirmar o que o próprio Senhor pregou, ou seja, que a verdadeira riqueza não consiste em acumular “tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os corroem e os ladrões arrombam os muros, a fim de os roubar” (Mt 6, 19), mas, antes, no amor recíproco que nos faz carregar os fardos uns dos outros, para que ninguém seja abandonado ou excluído. A experiência de fragilidade e limitação, que vivemos nestes últimos anos e, agora, a tragédia dum guerra com repercussões globais, devem ensinar-nos decididamente uma coisa: não estamos no mundo para sobreviver, mas para que, a todos, seja consentida uma vida digna e feliz. A mensagem de Jesus mostra-nos

o caminho e faz-nos descobrir a existência dum pobreza que humilha e mata, e há outra pobreza – a d’Ele – que liberta e nos dá serenidade.

A pobreza que mata é a miséria, filha da injustiça, da exploração, da violência e da iníqua distribuição dos recursos. É a pobreza desesperada, sem futuro, porque é imposta pela cultura do descarte que não oferece perspectivas nem vias de saída. É a miséria que, enquanto constringe à condição de extrema indigência, afeta também a dimensão espiritual, que, apesar de muitas vezes ser transcurada, não é por isso que deixa de existir ou de contar. Quando a única lei passa a ser o cálculo do lucro no fim do dia, então deixa de haver qualquer freio na adoção da lógica da exploração das pessoas: os outros não passam de meios. Deixa de haver salário justo, horário justo de trabalho e criam-se novas formas de escravidão, suportada por pessoas que, sem alternativa, devem aceitar este veneno de injustiça a fim de ganhar o mínimo para comer.

Ao contrário, pobreza libertadora é aquela que se nos apresenta como uma opção responsável para alijar da estiva quanto há de supérfluo e apostar no essencial. De fato, pode-se individuar facilmente o sentido de insatisfação



que muitos experimentam, porque sentem que lhes falta algo de importante e andam à sua procura como extraviados sem rumo. Desejosos de encontrar o que os possa saciar, precisam de ser encaminhados para os humildes, os frágeis, os pobres para compreenderem finalmente aquilo de que tinham verdadeiramente necessidade. Encontrar os pobres permite acabar com tantas ansiedades e medos inconsistentes, para atracar àquilo que verdadeiramente importa na vida e que ninguém nos pode roubar: o amor verdadeiro e gratuito. Na realidade, os pobres, antes de ser objeto da nossa esmola, são sujeitos que ajudam a libertar-nos das armadilhas da inquietação e da superficialidade.

Um padre e doutor da Igreja, São João Crisóstomo, em cujos escritos se encontram fortes denúncias contra o comportamento dos cristãos para com os mais pobres, escrevia: “Se não consegues acreditar que a pobreza te faça tornar rico, pensa no teu Senhor e deixa de duvidar quanto a isso. Se Ele não tivesse sido pobre, tu não serias rico; trata-se de algo extraordinário: que da pobreza tenha derivado riqueza abundante. Aqui Paulo entende por “riquezas” o conhecimento da piedade, a purificação dos

pecados, a justiça, a santificação e milhares doutras coisas boas que nos foram dadas agora e para sempre. Tudo isto, o temos graças à pobreza” (Homilias sobre a II Carta aos Coríntios, 17, 1).

9. O texto do Apóstolo a que se refere este VI Dia Mundial dos Pobres apresenta o grande paradoxo da vida de fé: a pobreza de Cristo torna-nos ricos. Se Paulo pôde comunicar este ensinamento – e a Igreja difundiu e testemunhá-lo ao longo dos séculos – é porque Deus, em seu Filho Jesus, escolheu e seguiu esta estrada. Se Ele Se fez pobre por nós, então a nossa própria vida ilumina-se e transforma-se, adquirindo um valor que o mundo não conhece nem pode dar. A riqueza de Jesus é o seu amor, que não se fecha a ninguém mas vai ao encontro de todos, sobretudo de quantos estão marginalizados e desprovidos do necessário. Por amor, despojou-Se a Si mesmo e assumiu a condição humana. Por amor, fez-Se servo obediente, até à morte e morte de cruz (cf. Flp 2, 6-8). Por amor, fez-Se “pão de vida” (Jo 6, 35), para que a ninguém falte o necessário, e possa encontrar o alimento que nutre para a vida eterna. Também em nossos dias parece



difícil, como foi então para os discípulos do Senhor, aceitar este ensinamento (cf. Jo 6, 60); mas a palavra de Jesus é clara. Se quisermos que a vida vença a morte e que a dignidade seja resgatada da injustiça, o caminho a seguir é o d'Ele: é seguir a pobreza de Jesus Cristo, partilhando a vida por amor, repartindo o pão da própria existência com os irmãos e irmãs, a começar pelos últimos, por aqueles que carecem do necessário, para que se crie a igualdade, os pobres sejam libertos da miséria e os ricos da vaidade, ambos sem esperança.

10. No passado dia 15 de maio, canonizei o Irmão Carlos de Foucauld, um homem que, tendo nascido rico, renunciou a tudo para seguir Jesus e com Ele tornar-se pobre e irmão de todos. A sua vida eremita, primeiro em Nazaré e depois no deserto do Saara, feita de silêncio, oração e partilha, é um testemunho exemplar da pobreza cristã. Ajudar-nos-á a meditação destas suas palavras: “Não desprezemos os pobres, os humildes, os operários; são não só nossos irmãos em Deus, mas também os que mais perfeitamente imitam a

Jesus na sua vida exterior. Eles apresentam-nos perfeitamente Jesus, o Operário de Nazaré. São primogênitos entre os eleitos, os primeiros chamados ao berço do Salvador. Foram a companhia habitual de Jesus, desde o seu nascimento até à sua morte (...). Honremo-los, honremos neles as imagens de Jesus e dos seus santos progenitores (...). Tomemos para nós [a condição] que Ele tomou para Si (...). Nunca deixemos de ser, em tudo, pobres, irmãos dos pobres, companheiros dos pobres; sejamos os mais pobres dos pobres, como Jesus, e como Ele amemos os pobres e rodeemo-nos deles” (Comentário ao Evangelho de Lucas, Meditação 263). Para o Irmão Carlos, estas não eram apenas palavras, mas estilo concreto de vida, que o levou a partilhar com Jesus o dom da própria existência.

Oxalá este VI Dia Mundial dos Pobre se torne uma oportunidade de graça, para fazermos um exame de consciência pessoal e comunitário, interrogando-nos se a pobreza de Jesus Cristo é a nossa fiel companheira de vida.

Roma, São João de Latrão, na Memória de Santo António, 13 de junho de 2022.



MENSAGEM FINAL DA XXI ASSEMBLEIA GERAL DA CLAR



Foto: Arquivo CLAR

Na cidade de Rionegro, Departamento de Antioquia, na Colômbia, aconteceu, de 1º a 4 de junho de 2022, a XXI Assembleia Geral da Confederação Latino-americana e Caribenha de Religiosas e Religiosos. A Assembleia Geral é o organismo maior da entidade que congrega as Conferências de Religiosas e Religiosos da região. Além de avaliar a caminhada da Vida Religiosa Consagrada, de partilhar os desafios, as esperanças e aprofundar o fundamento evangélico da consagração, a Assembleia Geral também é um espaço para projetar juntas e juntos a missão na sociedade e na Igreja.

Transcrevemos aqui a Mensagem Final da Assembleia dirigida a toda a Vida Religiosa Consagrada do Continente e do Caribe.



Como religiosas e religiosos de América Latina e do Caribe, nos reunimos, as 22 Conferências Nacionais, presentes nas entranhas dos nossos povos, na XXI Assembleia Geral da CLAR. Estiveram conosco representantes da Vida Consagrada feminina e masculina dos Estados Unidos e o secretário geral adjunto do CELAM.

Ao calor do fogo da esperança, no meio das sombras e incertezas deste tempo, deixamo-nos inspirar pelas *silleteras* - mulheres antioquenas fabricantes de cadeiras ornadas de flores - para armar as cadeirinhas da inclusão, fazer uma travessia orante, pintar com beleza e parresía, o futuro da Vida Consagrada em nosso Continente.

Colocados no coração de Maria, Nossa Mãe, sentimos novamente na profundidade do nosso ser, o convite: “Façam tudo o que Ele vos disser”. A força que provém da “Ruah Divina” dinamiza nosso compromisso místico-profético-comunional com os mais empobrecidos e excluídos, anima-nos a contemplar os seus sofrimentos com seus olhos, sentir com o coração deles e escutar seus clamores nos gritos dos pobres e da terra.

Foi uma bonita oportunidade para rezar juntos(as) ao Deus do “chamado” e voltar a confirmar

que a Vida Consagrada está na vanguarda profética como dom expansivo. Voltaremos a cada um de nossos países para viver alegremente nossa entrega generosa, presente que sentimos como um orvalho pascal.

Esses dias de encontro foram únicos para voltar a nos escutarmos reciprocamente, buscar a vontade de Deus e ficar atentos(as) aos convites do Espírito Santo; desde a experiência daquilo que o Espírito diz às Igrejas de hoje, abrimos o ouvido para discernir que a Vida Consagrada deve semear, cultivar e colher um novo modo de ser Igreja no processo sinodal.

Nesse discernimento, sentimos a urgência de deixar as formas anti-evangélicas de ser Igreja e intuir os sinais da sua presença, no “amanhecer de cada dia” desta hora histórica, e recriar a centralidade do nosso seguimento de Jesus de Nazaré com renovado compromisso com o Reino e com os mais pobres, para viver nosso discipulado missionário com sentido, radicalidade e novo encantamento.

Com “as mulheres do amanhecer”, na manhã da ressurreição, com as mulheres *silleteras* antioquenas, que tornam visível a “memória viva do ressuscitado”



no cotidiano de suas existências, decidimos, mulheres e homens consagrados, a “aconchegar o mistério da vida” com o colorido de nossas flores que germinam nos ambientes periféricos do Continente. E, com a multiplicidade de aromas e fragrâncias dos nossos carismas, empreendermos o caminho de volta, à plena luz do dia, a nossa Galileia original.

As “mulheres do amanhecer”, muitas delas sem nome, sumidas no esquecimento e no silêncio, convertem-se em nosso ícone inspirador para o triênio 2022-2025. São nossa fonte de inspiração, nosso alento vital, são nossas companheiras de caminho. Nas incertezas da noite, dão vitalidade à nossa ousadia de transgredir o que está estabelecido para que, vencendo os medos de tantas obscuridades, corramos o risco de sair e gritar, no meio das auroras existenciais e geográficas que a vida urge, que a esperança é mais certa que a escuridão da morte e que Jesus ressuscitou. Jesus continua ressuscitando com uma criatividade esplendorosa na “aurora de uma Igreja sinodal”, na aurora de reinventar novas lideranças, na aurora de inaugurar

novas relações humanas e ministeriais, na aurora de novas itinerâncias, na aurora de novos modelos comunitários desde a intercongregacionalidade, na aurora da interdependência desde a interculturalidade e da intergeracionalidade, na aurora de uma relação sadia com a natureza, nossa casa comum, na aurora de seguir tecendo nossa unidade com os fios da diversidade, na aurora para cultivar uma cultura da prevenção em ambientes sadios e seguros.

Celebramos e agradecemos às irmãs e irmãos que nos acompanharam na animação da CLAR no triênio passado. E acolhemos com alegria a generosidade da nova Presidência da CLAR, que enfrenta o desafio de nos acompanhar neste processo de transformação eclesial e carismático.

Na vigília de Pentecostes, com a expectativa da noite do cenáculo, rezamos com ela, a Mulher da Ruah Divina, repetindo as palavras que a Igreja canta no decorrer de sua história: “Vem Espírito e renova a face da terra”.

Rionegro/Colômbia, 4 de junho de 2022





28





VI SEMINÁRIO NACIONAL DE RELIGIOSOS IRMÃOS

Belém-PA, 22 a 25 de setembro de 2022



Foto: Arquivo CRB Nacional

Tema: No rio da vida, o Irmão é missão fecundando o Reino.

Lema: “Os braços de um rio vêm trazer alegria.” (Cf. Sl 46)

Mensagem Final

Entre os dias 22 e 25 de setembro de 2022, no Colégio Marista

Nossa Senhora de Nazaré, na cidade de Belém-PA, estivemos 102 Religiosos Irmãos, de 25 congregações, realizando o VI Seminário Nacional dos Religiosos Irmãos, promovido pela Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil – CRB Nacional. O tema que inspirou



nosso Seminário foi “No rio da vida, o Irmão é missão fecundando o Reino”, iluminados pelo texto bíblico “Os braços de um rio vêm trazer alegria” (Sl 46, 5).

Essa diversidade de carismas reforça a riqueza e a beleza da vida e missão do Religioso Irmão na Igreja. Foram 4 dias de fortes momentos de reflexão, partilha, vivência, descontração e irmandade. Atentos aos apelos da nossa missão específica de sermos Irmãos nos dias atuais, e considerando as marcas deixadas pela forte experiência da pandemia, nós Religiosos Irmãos fomos convidados a aprofundar a metáfora do curso de um rio e os princípios que marcam nossa presença do ser religioso, da fraternidade, da alegria e da esperança.

A presença dos assessores nos diferentes momentos do nosso encontro marcou o Seminário com provocações e questionamentos que nos ajudaram a apontar novas direções. Entre as diversas reflexões, acentuaram-se alguns elementos que não contribuem para a vivência da nossa consagração. Percebemos que ainda vivemos em uma Igreja clericalista que impacta em nossa vocação de Irmãos (animação vocacional, vida comunitária, formação e missões assumidas). O conservadorismo presente em

estruturas da Igreja impedem que o sopro do Espírito renovador e conciliador. Percebemos também o fechamento das estruturas que por vezes prejudicam nosso ser Irmãos, e por vezes nos dedicamos mais tempo ao fazer, esquecendo-nos do ser.

Também encontramos elementos positivos e propositivos que nos ajudam e possibilitam a vivermos melhor nossa vocação. Percebemos que ainda hoje o ser irmão motiva jovens nos mais diversos carismas. Somos Religiosos Irmãos, e isso nos realiza em nossos mais diversos carismas e funções. Temos e precisamos manter um olhar amoroso, um olhar cuidadoso, um olhar esperançoso. Em tempos de sinodalidade, a referência da vida do Irmão Religioso pode tornar-se espelho. O ser Religioso Irmão também nos conecta com a nossa irmã a mãe Terra e nos compromete no cuidado com ela. Pedimos que as congregações sigam se empenhando em animar a vocação dos religiosos irmãos em suas entidades desde a animação vocacional até a plena realização de suas vidas e missão.

Assim, como Religiosos Irmãos, em nossas comunidades e também na diversidade em que nos encontramos, nos alegamos com o que vivemos nestes dias e



nos comprometemos em continuar essa bela caminhada. cremos que devemos avançar nas águas do rio da vida e seguir firmes na defesa da vida em todas as suas formas, na sustentabilidade, sem deixarmos de fora o cuidado com nossa Casa Comum.

Irmanados em Jesus que, pela sua encarnação nos concedeu a graça de sermos chamados filhos de Deus

e iluminados pela presença maternal de Maria, a Mãe de Nazaré, queremos confiar nossa vida, vocação e missão a Deus criador e misericordioso, para continuarmos seguindo os passos de nossos fundadores e fieis aos nossos carismas e sendo verdadeiros anunciadores do Reino.

Belém, 25 de setembro de 2022.





II ENCONTRO NACIONAL DE RELIGIOSOS PRESBÍTEROS

Brasília, 27 a 29 de setembro.



Foto: Arquivo CRB Nacional

Em Brasília, no Centro Cultural Missionário (CCM), nos dias 27 a 29 de setembro de 2022, realizou-se o II Encontro Nacional dos Religiosos Presbíteros. Estiveram presentes 44 religiosos de 8 diferentes Congregações. Foram dias de reflexão, oração

e convivência fraterna. O tema geral foi: “A identidade do religioso presbítero à luz da sinodalidade: carisma e missão”. Padre Ronaldo Zacharias, sdb, Doutor em Teologia Moral, assessorou a reflexão do tema destacando elementos da identidade

carismática do religioso presbítero a partir dos apelos à sinodalidade colocando em evidência a importância do discernimento e o papel da autoridade no processo. Apresentou os pesadelos que interferem no discernimento e as formas de reação, sobretudo no empenho de ressignificar a Vida Religiosa Consagrada. Enfatizou, à luz do magistério do Papa Francisco, que precisamos de uma hermenêutica peregrina, capaz de deixar-nos mover pelo Espírito Santo que sempre renova a Igreja, nunca a paralisa.

Irmã Eliane Cordeiro, mc, presidente da CRB, apresentou o caminho feito pela XXVI Assembleia Geral Eletiva, o horizonte e

prioridades que assumimos para este triênio 2023-2025.

Dom Amilton Manoel da Silva, passionista, bispo de Guarapuava, apresentou os aspectos da identidade do religioso presbítero, sua presença carismática numa diocese e os elementos fundamentais para uma sadia presença evangelizadora à luz do carisma dos fundadores.

O clima do encontro foi de fraternidade, excelente participação e ficou o gosto de manter estes encontros para aproximar cada vez mais os religiosos presbíteros do caminho da CRB.

Pe. João Mendonça, sdb
Coordenador



MULHERES DA AURORA - A OUSADA ESPERANÇA NO DESPONTAR DA AURORA

Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosas e Religiosos - Horizonte Inspirador 2022-2025.

O Icone

E bem cedo, no primeiro dia da semana, ao raiar do sol, chegaram ao túmulo (Mc 16,2).

No meio da escuridão, as mulheres se puseram a caminhar...

Porque ainda não amanheceu para nossos povos: deslocamento de populações e movimentos migratórios, pobreza que deixa tantas famílias sem abrigo e sem trabalho, exploração da terra (desmatamento, incêndios, fragmentação, contaminação do solo e das águas), violência que mata sobretudo mulheres e crianças, tráfico de pessoas, drogas e armas... sombras da noite e da morte que continuam à espreita. Contudo, a cada alvorecer e em cada uma das nossas aldeias, mulheres e homens se põem a



caminhar e ficam à porta de cada túmulo para testemunhar a vida, a luz e a Ressurreição.

**Autora: Cristina Hereñú
(Argentina)**





Apresentação do Horizonte Inspirador

A Igreja não é uma realidade imóvel e acabada. Ela é um projeto que, no sopro do Espírito e na abertura aos sinais dos tempos e lugares, vai se transformando para tornar-se mais credível e coerente, mais significativa e evangélica. Neste contexto, o valor profético da Vida Religiosa consiste em despertar o mundo a partir da lógica feminina representada nas Mulheres da Aurora.

Por trás do desejo e do imperativo de uma maior presença e participação das mulheres consagradas na Igreja, não existe uma ambição de poder ou um sentimento de inferioridade, nem uma procura egocêntrica de reconhecimento; existe um clamor para viver em fidelidade o plano de Deus, que quer que no povo com quem Ele fez um pacto, todos sejam reconhecidos como irmãos e irmãs.

Trata-se do direito à participação e igual corresponsabilidade no discernimento e na tomada de decisões. Fundamentalmente, é um desejo de viver de forma consciente e coerente com a dignidade comum dada a todas e todos pelo batismo.

O potencial feminino tem uma extraordinária riqueza implícita, a capacidade de trabalhar em cooperação e, a partir da experiência de sentir-pensar; a flexibilidade para procurar alternativas onde abunda o caos; a empatia e a capacidade de comunicação para gerar relações e laços na vida cotidiana; a disposição de colaborar de forma solidária; de tecer redes e gerar sinergias; a abertura para procurar respostas e novos canais de solução; a resiliência para resistir no meio de situações difíceis; a alegria para promover a celebração e prolongar a celebração.

Como mulheres e homens consagrados, somos chamados nesta hora sinodal a despertar para o desdobramento de dons e possibilidades que surgem quando a noite é quebrada, quando as pedras que aprisionam a vida são removidas, quando o Espírito é autorizado a habitar, a espalhar a paz, e a vestir-se com força e esperança, de tal forma que se possa contribuir para a tão necessária reforma da Igreja.

As Mulheres do Amanhecer, aquelas da mais radical ousadia, aquelas que sustentam a esperança agarradas à promessa, aquelas que caminham pela noite e em estado de missão abrem





brechas para o Espírito, para que ele possa entrar e fertilizar tudo.

A Vida Religiosa do continente está entrando num novo triênio, acolhendo como ícone inspirador de sua caminhada as Mulheres da Aurora. Nos dias de hoje, mais do que nunca, estamos convencidos de que a verdadeira reforma vem do encontro com Jesus, no eco de sua Palavra, no aprendizado de suas atitudes e critérios, na assimilação de seu estilo. Isto o sabem muito bem as Mulheres da Aurora, essas que souberam transformar sua própria existência no encontro com Jesus, essas que, movidas pelo amor, partiram pelas estradas e caminhos.

Que a contemplação das Mulheres da Aurora abra espaço para o Espírito e encoraje a Vida Religiosa do Continente a dar vida. Que este Horizonte Inspirador nos coloque no lugar da esperança ousada.

CONTEXTO: VER-ESCUTAR

Realidade Sociopolítica

Nos últimos anos, a pandemia de Covid 19 na América Latina e no Caribe criou uma situação

sem precedentes. As condições de vida dos latino-americanos e caribenhos pioraram, causando a morte de centenas de milhares de pessoas e aumentando a desigualdade e a falta de crescimento econômico em países que, por um lado, estão conscientes dos muitos males que os afligem e, por outro, não têm os meios materiais, culturais e políticos para superá-los. Nesta luta contra o Covid-19, a solidariedade nem sempre brilhou, com algumas vacinas acumuladas e deixando muitas outras pessoas à mercê da devastação.

Países que haviam progredido em várias áreas nas últimas décadas voltaram à pobreza extrema, permanecendo suas populações em condições vulneráveis. Muitas pessoas perderam seus empregos e voltaram à miséria. As classes médias também viram suas esperanças de prosperidade diminuir. Para todas/os no Continente, a perspectiva não é encorajadora. A guerra na Ucrânia aumentou a inflação. Os salários valem menos. Os rendimentos não são suficientes. A fome está crescendo.

Desde 2019, as ondas de agitação sócio-política têm aumentado em vários países por diferentes razões. As exigências contra a desigualdade têm



sido o denominador comum. Reclamações estão sendo levantadas em toda parte contra a concentração do poder econômico e político. A democracia é ameaçada pelos poderosos e às vezes pelos próprios políticos. Em alguns países, a imprensa é censurada. Em outros, a independência dos tribunais está sendo ofuscada.

A fragilidade do planeta foi exposta. A consciência da gravidade desta situação é inigualável na história da humanidade. Nunca antes o mundo inteiro teve diante de seus olhos a possibilidade da extinção da espécie humana e de numerosas outras espécies, algumas das quais de fato já deixaram de existir. A mudança climática está causando secas e enchentes devastadoras em diversos lugares. A Amazônia está em perigo. Grupos étnicos que sempre viveram em harmonia com a natureza são vítimas do desmatamento causado pela ganância de pessoas sem escrúpulos.

A violência assola a região. Dos assassinatos mundiais, 34% são cometidos na América Latina e no Caribe, um continente onde vive 9% da população mundial. Esta violência está intimamente ligada ao narcotráfico. Homens, mulheres, jovens e crianças são

vítimas do uso de drogas. Em muitos de nossos bairros predominam os traficantes de drogas, com muitos saques e brigas, tiroteios à noite e crimes. Há também violência nas famílias, abuso policial, feminicídios, exclusão e maus-tratos às pessoas LGBTQIA+.

Mas “quem disse que tudo está perdido...?” Neste mesmo contexto sombrio há sinais do Reino nos quais reconhecemos o poder do Espírito do Cristo Ressuscitado, que faz triunfar do fracasso, da injustiça, da morte e do desespero. Quais são estes sinais?

São os migrantes e refugiados que finalmente conseguiram atravessar a fronteira e encontrar trabalho em algum país estrangeiro e uma escola onde educar seus filhos. As crianças crescem e fazem novos amigos. Irmanam países e transformam a configuração da sociedade. É um sinal muito claro do Reino quando o pessoal de saúde, enfermeiros, auxiliares de enfermagem, médicos, choram em silêncio a morte de seus colegas, mas continuam ao pé das camas dos doentes de Covid-19 e tantas outras enfermidades. Outra estrela no firmamento são os defensores da Casa Comum. Eles são os novos mártires, mortos indefesos por



defenderem o planeta e suas primeiras vítimas, os mais pobres. Três quartos dos ambientalistas mortos no mundo são latino-americanos. Eles morrem, mas iluminam.

A consciência da dignidade da mulher está crescendo na América Latina e no Caribe. As mulheres estão exigindo paridade e a estão alcançando em muitos espaços. A conscientização sobre a riqueza cultural e espiritual dos povos indígenas está ganhando terreno. Eles estão recuperando suas terras e seus idiomas. Eles estão rompendo com a suposta homogeneidade dos países que se consideram brancos. Há também políticos que conseguem se libertar do lobby, estudar a realidade do continente e forjar políticas públicas que promovem o desenvolvimento integral de seus países. E partidos políticos que realmente acreditam na democracia e a defendem a todo custo.

Na América Latina e no Caribe há muitas pessoas que “entregam seu coração”. A vida religiosa tem numerosos motivos para proclamar as bem-aventuranças de Jesus e para desdobrar corajosamente os processos transformadores que antecipam o Reino.

Realidade Eclesial

39

Novas mudanças na Igreja e na sociedade: Assim como a pobreza foi o grande sinal dos tempos durante o período pós-conciliar latino-americano, hoje podemos dizer que o é a desigualdade. Este fenômeno afeta as condições de vida do ponto de vista econômico, passando por relações de exclusão – seja por gênero, raça ou cultura – e gerando violência. Muitas pessoas são forçadas a migrar por causa da guerra, situações de vida precária ou ameaças de grupos poderosos, sejam eles do tráfico de drogas ou de ideologias políticas. A pandemia revelou o estado de vulnerabilidade e impotência de centenas de milhões de pessoas em nosso planeta que não têm nenhuma chance de terem uma chance. São os novos pobres.

Nestes tempos, a Igreja tem o desafio pastoral de acompanhar tanta fragilidade humana e de apoiar processos de reconstrução do tecido sociocultural. Ao examinarmos os sinais dos tempos, nos perguntamos como estamos hoje realizando nossa caminhada juntos e em meio a tantos povos e culturas. Duas imagens da Igreja podem nos ajudar. De um lado, uma Igreja ao alcance dos missionários (EG 20) encontrando



os excluídos (EG 24), com portas abertas (EG 46) e capaz de transformar “costumes, estilos, horários, linguagem e toda estrutura eclesial” (EG 27). E de outro lado, uma Igreja samaritana que se detém livremente e sem preconceitos moralizadores para se deixar evangelizar.

Esgotamento do modelo institucional: Entramos no século XXI com processos de desinstitucionalização, desigrejamento e fragmentação. A Igreja ainda não superou o modelo pré-conciliar de uma sociedade que se considera perfeita. Existe um esgotamento do atual modelo institucional, que se enraíza numa cultura clerical que se reflete em ritualismo, funcionalismo e centralismo da organização, e que se traduz em formas de exercício da autoridade que provocam abusos de poder, econômicos, de consciência e sexuais. Há aqueles que procuram preservar ou apenas renovar estruturas ultrapassadas, e outros que pedem a criação de novas estruturas. Tudo isso nos desafia e exige mudanças no comportamento eclesial, para o qual é fundamental um processo de conversão capaz de rever atitudes pessoais, modos relacionais e o modelo institucional subjacente ao nosso modo de ser Igreja.

Tempo de conversão e reformas: A fase atual da recepção conciliar à luz da eclesiologia do Povo de Deus nos chama a viver a conversão eclesial num “estado permanente de reforma” (EG 26; UR 4.6). O magistério latino-americano fala de uma conversão pastoral (SD 30), que afeta tudo e todos em relação aos estilos de vida (prática pessoal e comunitária), exercícios de autoridade e poder (relações de igualdade e autoridade), e modelos eclesiais (estruturas e dinamismos). Tudo isso pressupõe que iniciemos processos de “reformas espirituais, pastorais e institucionais” (DAp 367), as quais nos obrigam a abandonar estruturas que não favorecem mais a transmissão da fé e a criar outras novas que respondam aos sinais atuais dos tempos.

Uma Igreja sinodal: Esta nova época eclesial se caracteriza por um processo de reforma, reconfiguração e ressignificação de toda a vida eclesial à luz da sinodalidade, vendo nela uma dimensão constitutiva que expressa o modo de viver e de trabalhar/operar da Igreja Povo de Deus. Este não é um princípio abstrato. A sinodalidade nos convida a imaginar um novo modelo institucional. Francisco sustenta que este é “o caminho que Deus espera da



Igreja no terceiro milênio”. Suas palavras para a Diocese de Roma (18/09/2021) recordam que “falamos de uma Igreja sinodal, evitando assim que a consideremos como um título entre outros ou uma forma de pensar sobre ela prevendo alternativas”. Nossa Igreja Continental experimentou processos sinodais esperançosos, mas incipientes, como o Sínodo da Amazônia, a Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe e, atualmente, o Sínodo sobre a Sinodalidade. Em todos estes processos, a Vida Religiosa, e diretamente a CLAR, tem desempenhado um papel essencial de primeira ordem. Há uma crescente consciência de querer se tornar uma Igreja sinodal, na qual as mudanças acontecem através do envolvimento de todos, mas especialmente ouvindo a voz das mulheres e dos pobres, cujas palavras são excluídas, rompendo com o chamado para caminhar juntos.

Nos dias atuais dois processos de transformação eclesial estão em jogo à luz dum modelo de Igreja como Povo de Deus a caminho, que seja participativo e corresponsável, que revise o exercício do poder e da autoridade, e que aprofunde a prática do ‘sensus fidei fidelium’. Um modelo eclesial capaz de criar novas

formas de proceder baseadas na escuta, no diálogo, no discernimento em comum, na tomada de conselhos e na elaboração de decisões em conjunto. Este é o grande desafio para a Igreja no terceiro milênio: construir um novo modelo institucional.

Realidade da Vida Religiosa

A Vida Religiosa vive uma travessia decisiva em sua história. Ela está cruzando o limiar dum tênue fio que separa o Velho e o Novo. Este está sendo gestado e geme na dor de um parto complicado que dificulta aventurar-se numa nova perspectiva, enfrentando assim um horizonte distante e nublado. Parece que o novo modo de ser e de estar que precisa engendrar é maior do que sua capacidade de gerar novidades, com o rosto despojado de certezas e das seguranças que paralisam para vislumbrar novas perspectivas.

A Vida Religiosa precisa aventurar-se com audácia em busca da gestação do novo, aprender em profundidade a dar passos mais livres e mais autênticos. O contexto chama a Vida Religiosa a empreender um caminho sem precedentes, sendo conduzida



pela Sabedoria Divina, que abre possibilidades de dar à luz um modelo de Vida Religiosa mais missionário e menos institucionalizado, que emerge à margem de nosso entendimento. O horizonte é como as brasas, que têm a presença do fogo aparentemente extinto, e que precisam do Sopro do Espírito para reavivá-lo e assim acender a vida que tanto precisamos e na qual acreditamos.

Iniciemos a caminhada do triênio na perspectiva da ressurreição. Ousemos, como as Mulheres da Aurora, caminhar pela noite, caminhar com esperança e confiantemente de mãos dadas com nosso Deus.

Deixar-se afetar sinodalmente

A vida religiosa que peregrina hoje na América Latina e no Caribe vê com profunda preocupação a deterioração da democracia, do tecido social e da crescente instabilidade política em vários de nossos países, nos quais as liberdades estão sendo corroídas. É inaceitável que a ameaça à democracia, as mudanças climáticas e a falta de acesso equitativo às oportunidades econômicas, sociais e políticas continuem afetando de forma desproporcional e severa a vida

das pessoas mais vulneráveis e sistematicamente excluídas em cada um de nossos países.

As mulheres e homens consagrados em missão, movidos por uma mística profético-sapiencial e institucionalmente articuladas/os, procuram responder aos desafios de cada tempo, tecendo relações humanizadoras e interculturais, escutando o grito dos pobres e da terra e acolhendo o poder da Ressurreição.

Como vida religiosa latino-americana e caribenha, na aurora de uma Igreja sinodal, nos preparamos, como as Mulheres da Aurora, para visibilizar a memória viva do Ressuscitado e nos deixarmos afetar por seu brilho através:

- **Da arte de escutar**, para aprender a ouvir-nos uns aos outros como Igreja, como comunidade, como famílias carismáticas, na diversidade de ministérios e carismas, a buscar juntos a vontade de Deus e a ouvir os convites do Espírito;
- **Do olhar contemplativo sobre a realidade** para criar novos espaços em que nos comprometamos no serviço das populações e, para inspiradas/os pela Divina Ruah e a partir das profundezas da vida, recriar a centralidade de nosso seguimento de Jesus e um



renovado compromisso místico-profético-comunitário com os mais empobrecidos e excluídos;

- **Do discernimento** para acolher a nova proposta de vida que Deus nos faz de forma pessoal e comunitária, na urgência de desaprender as formas anti-evangélicas de ser Igreja e intuir os sinais de sua presença viva, na “aurora de cada amanhecer” desta hora histórica;

- **Da itinerância existencial e geográfica** para lançar-nos pelos caminhos da intempérie e dispor-nos a “envolver-nos no mistério da vida” com o colorido de nossas flores, que germinam nas parcelas marginais do Continente. Para mobilizar-nos nas fronteiras onde o compromisso frutífero da Vida Religiosa é urgentemente necessário;

- **Da saída missionária na intercongregacionalidade e interculturalidade** para tecer novas redes com os fios da comunhão e da diversidade que nos permitam atravessar a noite e partir por outros caminhos de volta, à plena luz do dia, para nossa “Galileia original”.

Por todas estas razões, neste triênio, pretendemos vigiar pelo amanhecer de uma Igreja sinodal, testemunhando o despontar desta nova hora da salvação.

MARCO BÍBLICO: JULGAR – DISCERNIR – SENTIR - PENSAR

Ícone Bíblico: Mt 28,1-10 - As Mulheres da Aurora

Pinceladas hermenêuticas

Depois do sábado, ao raiar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. De repente, houve um grande terremoto: o anjo do Senhor desceu do céu e, aproximando-se, removeu a pedra e sentou-se nela. Sua aparência era como um relâmpago, e suas vestes, brancas como a neve. Os guardas ficaram com tanto medo do anjo que tremeram e ficaram como mortos. Então o anjo falou às mulheres: “Vós não precisais ter medo! Sei que procurais Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui! Ressuscitou, como havia dito! Vinde ver o lugar em que ele estava. Ide depressa contar aos discípulos: ‘Ele ressuscitou dos mortos e vai à vossa frente para a Galileia. Lá o vereis’. É o que tenho a vos dizer”. E saindo às pressas do túmulo, com sentimentos de temor e de grande alegria, correram para dar a notícia aos discípulos. Nisso, o próprio Jesus veio-lhes ao encontro e disse: “Alegrai-vos!” Elas se



aproximaram e abraçaram seus pés, em adoração. Jesus lhes disse: “Não tenhais medo; ide anunciar a meus irmãos que vão para a 13 Galileia. Lá me verão”.

No brilho do Sol Nascente

O episódio narrado em Mt 28,1-10 se desdobra em três fases ou momentos. Inicialmente, são apresentadas as mulheres, as principais personagens da história. Depois é narrado o episódio com o anjo e os soldados no túmulo. E, finalmente, o encontro delas com o Cristo Ressuscitado. Isto sugere que esta não é a história do “túmulo vazio”, como é comumente chamada, mas a história da transformação destas mulheres como resultado de sua experiência com o Ressuscitado.

O episódio é narrado a partir da perspectiva feminina: elas são a personagem principal (embora a personagem central seja, sem dúvida, o Ressuscitado). O evangelista está interessado nas ações das mulheres e por isso que as contrasta com os soldados. Elas agem independentemente dos homens, obedecem à voz celestial que lhes ordena a irem e anunciarem a mensagem da Ressurreição aos discípulos e, finalmente, são elas as destinatárias da primeira aparição do

Ressuscitado. Tudo isso confirma que as mulheres são as protagonistas do episódio.

Embora Mateus se refira a elas de forma muito breve, ele deixa sinais que revelam a parresia das duas mulheres.

Elas estiveram perto de Jesus desde a crucificação, junto com muitos outros “que tinham seguido Jesus da Galileia para servi-lo” – *diakonousai* – (27, 55) e tinham permanecido em silêncio no túmulo depois que os homens tinham honrado o corpo do Senhor (27, 61). Agora, assim que podem, retornam ao túmulo onde está o tesouro de suas vidas e, portanto, seu coração (Mt 6,21).

Não parece que elas vão ungi o corpo de Jesus, pois este trabalho já havia sido feito pelos homens. Elas talvez vão chorar por sua dor e, desta forma, mostrar seu amor pelo Senhor. Como o amor voa, elas são levadas pela pressa no meio da escuridão, e atravessam a noite talvez com mais confiança do que medo. Sua atitude é mais do que um aceno para a missão da Vida Religiosa em momentos de dificuldade.

O que acontece ao redor do sepulcro acentua o contraste entre os guardas e as mulheres. Eles são muitos e armados; elas são



duas e externamente desprotegidas. Entretanto, os guardas não serão testemunhas do que acontecerá com o anjo; elas, pelo contrário, contemplarão e serão enviadas para levar o anúncio da Ressurreição.

Na aparição do anjo, os efeitos que a envolvem, sua aparência, suas ações e suas palavras são uma clara indicação de que Mateus não está narrando um evento “angelical”, no sentido usual do termo, mas uma intervenção portentosa de Deus na história. A aparência do anjo e suas vestes, assim como o terremoto que sua aparição provoca, corroboram que ele é uma criatura celestial e que tudo o que está acontecendo só pode ser obra de Deus. Ele rola a pedra e se senta sobre ela, como um sinal de que Deus vence a morte e as seguranças humanas. É notável que o rolar da pedra não é um ato que favorece a ressurreição de Jesus, mas ajuda as mulheres a verificarem que o túmulo está vazio.

Todas as precauções e medidas de segurança são facilmente superadas pela ação de Deus. Cheios de preocupação, os chefes dos sacerdotes e os fariseus haviam solicitado que o túmulo de Jesus fosse militarmente seguro. Que temor tinham os poderes religiosos e políticos por um homem

morto; por aquele que eles mesmos haviam executado! Mas tais medos e disposições não servem para proteger a vida, mas para reprimir a esperança. O Deus da vida os desfaz sem nenhuma violência, como que para sugerir que também eles são convocados para o projeto de vida nova que o Senhor está gerando.

O que as mulheres observam é o triunfo sobre a morte: o anjo sentado sobre a enorme pedra que antes havia fechado o túmulo. A reação lógica é o medo religioso diante do incompreensível. Um medo que não as priva da experiência, embora a limite. Os guardas, por outro lado, estão aterrorizados, começam a tremer e ficam ali como se estivessem mortos. O terremoto externo é prolongado pelo choque interno do que eles tinham visto. Eles veem o anjo, mas para eles é uma experiência de morte. Na verdade, eles não recebem o anúncio da Vida.

O anjo se dirige apenas às mulheres. Até agora, ninguém havia falado. Um sinal da importância do que ele lhes comunica. E a primeira palavra as convida a superarem seu medo natural do incompreensível. Sem elas precisarem lhe falar, ele sabe que foram à procura de Jesus. E elas têm razão, pois o viram morrer,



viram seu corpo e sabiam que este era o lugar onde ele havia sido sepultado. Mas sua procura é infrutífera, pois Jesus já não está mais entre os mortos: ele foi ressuscitado pelo poder divino. Um sinal de tudo isso é que o túmulo está vazio. Tendo a pedra sido rolada, elas mesmas podem corroborar o que o anjo lhes diz. E sugere que as mulheres não devem se surpreender com a ressurreição de Jesus, pois ele mesmo já havia anunciado isso a seus discípulos. Finalmente, ele as envia em uma missão privilegiada e difícil: reconstruir a esperança despedaçada dos discípulos com o anúncio da ressurreição de Jesus.

O espaço da morte é agora um território povoado por uma vida sem fim. Isto é o que elas experimentaram naquele lugar. É por isso que elas partiram apressadas e sem medo, embora com certo temor acompanhado de alegria, para cumprir a missão encomendada pelo anjo. O medo paralisa, está associado à morte. Isto tinha acontecido fazia pouco tempo com os guardas. O temor de Deus, por outro lado, é o início da sabedoria (Sl 111, 10) que nos coloca no caminho para desfrutar dos dons do Senhor.

Os versículos finais do relato são o ponto culminante do

episódio. Enquanto as mulheres estão a caminho, em alguma curva da estrada, o próprio Jesus sai ao encontro delas. Nesse momento exultante, a narrativa se concentra em Jesus Ressuscitado, o sol do novo dia. O narrador acha desnecessário descrevê-lo ou dar algum detalhe sobre sua aparência: a ressurreição era tão real que não precisava de explicação. O narrador está mais interessado em mostrar a transformação que o acontecimento provocou na vida das pessoas, a começar pelas mulheres.

A saudação do Ressuscitado – “Alegrai-vos!” – confirma a alegria que elas estavam experimentando, e que agora transborda nelas. Como reação, as mulheres se prostram diante de Jesus e o adoram. Elas fazem o que os sábios fizeram em Belém, indicando qual deve ser a atitude lógica dos seres humanos perante o Criador.

A segunda palavra do Ressuscitado confirma o envio que o anjo lhes fez. Na verdade, elas deverão ser as porta-vozes do anúncio da ressurreição para os discípulos. Mais uma vez fica claro o alcance transformador da ressurreição: aquelas que, em sua sociedade, sua cultura e sua religião estavam destinadas a desempenhar papéis absolutamente secundários,



são agora as protagonistas da nova história, “apóstolas dos apóstolos”, como com justiça foram chamadas nos tempos antigos. O novo dia da salvação deverá começar no mesmo estágio em que a história do discipulado havia começado. E serão os mesmos seguidores que se deixaram levar por seus interesses e temores, e abandonaram Jesus. Para os evangelistas, eles eram um grupo de traidores, mas, para o Ressuscitado eles são seus irmãos.

Duas notas finais sobre o relato. A experiência da Ressurreição leva à soro-fraternidade; o amor fraterno é o cenário da presença do Ressuscitado (cf. 1Jo 3,14). Por outro lado, é no cumprimento da missão que as discípulas e os discípulos se encontram com o Ressuscitado. Permanecer fechado nos medos ou nos próprios títulos leva à suspeita, à morte. Assumir o risco da proclamação leva a um encontro com Aquele que transforma a morte em vida e a falta de amor em fraternidade.

ELAS.....

Ao despertar da Aurora, memória do amor.

¹ *Depois do sábado, ao raiar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.*

“No final do sábado”, o fim do dia nos prepara a iniciar um novo amanhecer; o brilho do amanhecer inaugura uma nova semana. Para os judeus, a Páscoa antiga, na qual Deus libertou o povo de Israel da escravidão, havia acontecido durante a noite: a noite do Êxodo. A nova Páscoa, na qual Jesus liberta seu povo da escravidão da morte, também deveria acontecer durante a noite... e para desfrutar, na ousada esperança, o despontar da aurora.

Elas foram ver o túmulo, mesmo sabendo que o acesso ao corpo do amado Senhor era impossível, por causa da pedra que o fechava e dos guarda que guardavam o lugar onde ele tinha sido colocado.

Elas, que com muitas outras tinham seguido Jesus desde a Galileia... (Mt 27, 55), vão ao túmulo porque têm memória.

Jesus havia dito que seria traído, lhe tirariam a vida, mas... ao terceiro dia ressuscitaria (cf. Mt 17, 22-23).

² *De repente, houve um grande terremoto: o anjo do Senhor desceu do céu e, aproximando-se, removeu a pedra e sentou-se nela.* ³ *Sua aparência era como um relâmpago, e suas vestes, brancas como a neve.* ⁴ *Os guardas ficaram com tanto medo do anjo que tremeram e ficaram como mortos.*



A intervenção divina remove a pedra. Aqueles que guardam o túmulo ficam paralisados pelo medo. Eles estão lá para manter a morte, mas o amor divino a vence. Elas testemunham o triunfo da vida sobre os poderes da morte.

⁵ Então o anjo falou às mulheres: “Vós não precisais ter medo! Sei que procurais Jesus, que foi crucificado. ⁶ Ele não está aqui! Ressuscitou, como havia dito! Vinde ver o lugar em que ele estava.

A elas também, como para Maria, o anjo, o mensageiro, lhes diz que não têm nada a temer. O crucificado ressuscitou como tinha dito, e lhes confirma o anunciado, ratifica sua memória: “Ressuscitou como havida dito... venham e vejam”...

⁷ Ide depressa contar aos discípulos: ‘Ele ressuscitou dos mortos e vai à vossa frente para a Galileia. Lá o vereis’. É o que tenho a vos dizer”.

Elas, discípulas, que o seguiram desde a Galileia até Jerusalém, naquela hora, já ao amanhecer, na aurora do primeiro dia da semana, recebem o envio para anunciar a Boa Nova da Ressurreição. E como no auge da anunciação a Maria, a elas também.

⁸ E saindo às pressas do túmulo, com sentimentos de temor e de grande alegria, correram para dar a notícia aos discípulos. ⁹ Nisso, o próprio

Jesus veio-lhes ao encontro e disse: “Alegrai-vos!” Elas se aproximaram e abraçaram seus pés, em adoração. ¹⁰ Jesus lhes disse: “Não tenhais medo; ide anunciar a meus irmãos que vão para a Galileia. Lá me verão”.

Jesus aparece às mulheres e a reação que tiveram foi diferente da experimentada diante do anjo. A diferença nos diz algo sobre como os primeiros cristãos vieram a conhecer Jesus ressuscitado: a fé na Ressurreição de Jesus será uma consequência da experiência direta da presença de Jesus como o Senhor ressuscitado.

Elas, constantes e perseverantes, recebem consolo, um ensinamento e uma missão. Elas, as Mulheres da Aurora, fortes, retas, memoriosas e sábias, são enviadas como apóstolas da Boa Nova da Ressurreição.

Elas são as primeiras a receber a saudação da nova vida: “Não tenham medo”.

Elas e toda a comunidade de discípulas e discípulos daquela época e de todos os tempos receberão o dom do Espírito, do Divino, da Ruah Divina, que renova tudo quanto existe.

Elas, eles, darão testemunho de que a Ressurreição de Jesus recupera a vida em todas as suas formas para sempre.



MOVIMENTOS DA AURORA

1º Movimento - Rumo à Vida na Esperança

No caminho para a plenitude da vida. Este primeiro movimento para o qual a Divina Ruah nos empurra é o despertar para a vida a partir duma esperança profunda e inquietante. Aproximar-nos das Mulheres da Aurora é mergulhar em profunda contemplação e num desafiante itinerário espiritual em direção à vida. Elas, apesar de tudo e contra todas as probabilidades, são capazes de navegar pela noite até encontrar a luz cintilante da aurora.

Sua memória é um movimento em direção à vida, pois apesar do impacto do sofrimento e da cruz, as Mulheres da Aurora nos mostram uma esperança resiliente capaz de não fugir, mas de ficar e atravessar a noite juntas sem ficar paralisadas pelo medo. A profunda desolação, orfandade e dor não podem apagar delas o chamado para estarem perto de Jesus. Junto com Ele, toda a vida delas ficou preenchida de histórias, sentido, sonhos e amores. Porque, mesmo diante da morte, o Espírito lhes sussurra em suas profundezas que, no limiar da dor, se pode

deixar espaço para que se geste uma nova vida. As mulheres são sustentadas por uma esperança que reconhece que o amor até a cruz não é um sofrimento infrutífero e que, por trás dessa dor, pode haver uma transição para a vida e para a plenitude.

Sua memória é um movimento em direção à vida, porque as Mulheres da Aurora são capazes de dialogar com o mistério da dor, da cruz e do túmulo, agarrando-se apenas à esperança do encontro. Nesses buracos e vazios da caminhada humana, elas reconhecem o preço que deve ser pago porque se ama. Recusando a resignação, elas mergulham suas vidas num diálogo profundo para que, em meio à ambiguidade, fraqueza e impotência desconcertante do túmulo vazio, possam ser encontradas pelo Crucificado que está Vivo. Desta forma, em meio à perplexidade e lágrimas, o encontro com o Ressuscitado é uma explosão de vida que se converte numa forma de acessar o mistério de Deus, de descobrir a verdade da vida, reafirmar seu compromisso de servir e amar, e olhar o futuro com nova esperança. Ali, no despertar da aurora, elas são consoladas pelo Ressuscitado que lhes fala, as desafia, encoraja e lhes comunica paz e alegria. Desta forma,



reconstruindo seu coração ferido, ele as enraíza na Nova Vida que renasce na Páscoa. Uma identidade e uma pertença que nada e ninguém pode tirar delas.

Sua memória é um movimento em direção à vida, porque as Mulheres da Aurora, desde a alegria e da novidade da Páscoa, são empurradas pela Divina Ruah para serem testemunhas de esperança no coração da comunidade. Desta forma, colocando toda a sua confiança em Deus, elas são capazes de sair apressadas e anunciar com profunda alegria a notícia para a qual foram enviadas pelo Ressuscitado. Além de suas forças e da sua credibilidade sócio eclesial, o Espírito lhes dá a autoridade inegável de serem as primeiras testemunhas da Ressurreição, convertendo-se assim nas “apóstolas dos apóstolos”. Assim, movidas por uma esperança ousada, se tornam testemunhas e profetizas da restauração, da consolação e da restituição, dando origem a novas possibilidades para que a vida floresça. Em resumo, mulheres que, emergindo de dentro de si mesmas, dedicam toda sua energia criativa fazendo-se oferta e *kénosis*.

Aproximemo-nos com respeito e reverência desta fonte de esperança que, como manancial de água viva, flui através das

entranhas, do coração e da alma das Mulheres da Aurora. Elas são as da mais radical ousadia, as que sustentam a esperança, agarradas à promessa, as que caminham rompendo a noite e, em estado de missão, abrem buracos para que o Espírito possa entrar e tornar tudo fecundado.

É hora de abraçar o poder da Ressurreição e “caminhar pela noite, caminhar com esperança e confiança de mãos dadas com nosso Deus”:

- da centralidade em Jesus que dá plenitude à existência;
- viver com sentido, radicalismo e renovado entusiasmo nossa vocação;
- abraçando o futuro com esperança em tempos de pós-pandemia.

2º Movimento - Rumo ao Essencial do seguimento de Jesus e à Centralidade das Relações Humanas

O caminho é nosso, e esse caminho temos que percorrer juntas/os. Esta é talvez a mais profunda e simples implicação espiritual da reflexão sinodal na Igreja. Hoje reconhecemos com maior certeza que no Povo de Deus existe apenas uma vocação: Siga-me! E que todo o restante são formas de



vida e papéis ministeriais que concretizam as muitas formas pessoais e culturais de resposta humana a este chamado de Deus, no compromisso com a única missão da experiência cristã: o reinado de Deus. Caminhar juntas/os nos lembra de nossa essência relacional e constitui um eixo transversal dos diálogos mais urgentes da humanidade, e nela, da religião trans-moderna: solidariedade, colaboração, ecologia integral, itinerância, diálogos-encontros generativos, assim como todas as inter-relações.

“Seguir Jesus” é uma expressão metafórica à qual o Evangelho de Marcos dá um duplo propósito ao explicar a vocação da Igreja primitiva: “para estarem com ele”, proximidade místico-relacional, e “para enviá-los a proclamar”, compromisso profético-missionário (Mc 3, 14).

Os Evangelhos também insistem na metáfora do “caminho comum” como exigência para o seguimento de Jesus (Mc 1,2; 8,29). Os textos expressam sumariamente o envolvimento de toda a vida pessoal, relacional e funcional no exercício do discipulado. Este discipulado tem que ser expresso de forma mística, profética, comunitária e missionária, para que possa ser

uma experiência de desenvolvimento integral capaz de humanizar a pessoa. A humanização da pessoa consagrada, como a de todo batizado, acontece no seguimento de Jesus em comunidade. Este é seu horizonte e seu espaço vital.

O discipulado nasce de uma experiência humana abrangente e totalizante e não simplesmente dum exercício intelectual ou duma escolha moral. “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à própria vida e, portanto, uma orientação decisiva” (DC 1). O encontro com a pessoa de Jesus conduz o discípulo para fora da massa de espectadores curiosos (a multidão) e concretiza seu seguimento no compromisso radical com a causa de Jesus. Esta opção leva a/o discípulo/a ao auge da experiência de Jesus e faz dela/dele uma/um apóstolo/a. O compromisso com o Reino e a evangelização devem ser entendidos hoje como a encarnação dos valores do Reino em todas as culturas e não como um apostolado colonialista comprometido exclusivamente com o proselitismo religioso.

As cartas constitucionais de todos os Institutos admitem o óbvio, o



essencial: nos reunimos para seguir Jesus com toda a radicalidade e universalidade que o seguimento tem no compromisso dos carismas com o Reino. Para nós, a experiência de Cristo não é algo reservado exclusivamente às minorias heroicas, nem tampouco ligamos a fé em Jesus a um altruísmo ético, idealista e impraticável para a maioria dos seres humanos. Para nós, o Evangelho é uma utopia que pode ser realizada na história, passo a passo, na experiência de comunidades – com portas abertas – de fé e de vida, que se realizam em relações significativas capazes de visibilizar historicamente a experiência mística, profética e comunitária para a qual a pessoa de Jesus sempre nos convida.

As relações nestas comunidades são baseadas na equidade e na justiça. Neste sentido, as comunidades locais são comunidades humanizadas no seguimento de Jesus em relacionamentos que são continuamente curados, recriados e enriquecidos. Esta experiência faz das comunidades referências vivas dos carismas que concretizam a realidade do Reino e que exercem naturalmente a atração vocacional através da força contagiante do testemunho. Este testemunho também é capaz de resgatar a credibilidade perdida e de reavivar a esperança das/

dos desesperançadas/os da terra a quem nós devemos por vocação.

Da eclesialidade e do caráter reformador de todos os carismas, hoje nos sentimos comprometidos com uma Igreja que, guiada por Francisco, procura superar seu medo interno à radicalidade do Evangelho do Reino. O seguimento de Jesus, em comunidades que mergulham resolutamente em novas e vitais relações em todas as direções, exige um compromisso com a ecologia integral, com a sustentabilidade da vida e a escuta permanente da vida que clama e chama a todos quantos se decidiram a cuidar dela.

Se a Vida Religiosa em todas as suas estruturas humanas, econômicas e funcionais não conduz todos à pessoa de Jesus e a sua paixão pelo Reino, esta Vida Religiosa estaria morta em si mesma, em sua identidade e em sua missão.

O momento decisivo que o cristianismo hoje necessita, e dentro dele a Vida Religiosa, é uma conversão radical e decisiva que se evidencie simplesmente pelo retorno à experiência totalizadora do discipulado de Jesus para encarnar em nossas vidas os valores revelados em sua pessoa e relacionamentos históricos. Estes valores encarnados nos ajudarão a humanizar nossa vida



e nossos relacionamentos para ser um ponto de referência permanente de que já é hora, que o Reino de Deus chegou para sempre (Mc 1, 15). A plenitude do discipulado está no fato de que, do jeito de Jesus, somos seres pró-existentes, com uma profunda liberdade para cair, como a semente, para ser uma explosão de vida a partir de dentro, para transformar a partir de baixo, para testemunhar a partir dos pequenos, para convocar a partir do silêncio, e assim dar a vida sempre e em tudo. Voltemos, pois, ao Evangelho, que é capaz de curar e de ressignificar nossa humanidade. E façamo-lo com urgência, sem pressa, mas sem hesitação, como fizeram as Mulheres da Aurora quando ousaram atravessar a noite.

É hora de abraçar o poder da Ressurreição e “promover uma cultura vocacional e relacional que humaniza”:

3º Movimento - Rumo à Dignidade Humana e à Cultura do Cuidado

A Igreja está abalada. Em vez de serem cuidadas, nossas irmãs e irmãos foram abusados por vários líderes eclesiais. Trata-se de abusos sexuais, abusos de poder e abusos de consciência. São crimes, delitos e contravenções.

Foram os próprios bispos, padres e religiosas/os que, com esses comportamentos, prejudicaram seriamente a credibilidade do ministério, da Igreja e, às vezes, até mesmo da proclamação do anúncio de Jesus Cristo.

Isto tem sido terrível quando as vítimas foram crianças e pessoas vulneráveis. Além disso, os católicos estão chocados e indignados que as autoridades eclesiais tenham encoberto os abusadores clericais. Tornou-se ultrajante para os leigos que a hierarquia da Igreja, em vez de ouvir os gritos dos fiéis ou de seus pais por justiça, tenha encoberto os culpados.

Os abusos dentro da Vida Religiosa são pouco conhecidos, talvez porque não tenham sido chamados por seu nome. As mulheres religiosas têm muito a dizer. Elas frequentemente sofrem maus-tratos, tanto em suas relações interpessoais com sacerdotes e bispos, como no campo pastoral. Mas, dentro das próprias comunidades religiosas, também ocorrem práticas impróprias.

A situação criada exige que nós, como Igreja, entremos num processo de conversão e de reforma, que deve começar com a reivindicação das vítimas. Nas palavras do Papa Francisco:



Este último período é um tempo de escuta e discernimento para chegar às raízes que permitiram que tais atrocidades acontecessem e se perpetuassem e assim encontrar soluções para o escândalo do abuso não com meras estratégias de contenção – indispensáveis, mas insuficientes –, mas com todas as medidas necessárias para poder assumir o problema em sua complexidade (Carta ao Povo Peregrino de Deus do Chile, nº3).

A conversão é necessária. As mudanças são necessárias em todos os níveis. Devemos começar aprendendo a ver com outros olhos o que aconteceu. As vítimas ficaram em silêncio durante muitos anos porque pensavam que, se contassem a outras pessoas sobre os abusos que sofreram, essas pessoas não acreditariam nelas. As instituições frequentemente costumam contar com o benefício da dúvida, especialmente quando, como neste caso, elas representam a Igreja de Jesus. A experiência destes anos nos ensina que uma mudança de mentalidade foi e é necessária. Os costumes ou comportamentos que eram considerados naturais não devem continuar sendo assim.

Além da conversão, deve haver reformas, mudanças estruturais, modificações nos processos decisórios e até mesmo na formação dos seminaristas. Estudos internacionais sobre abusos mostram que o abuso está intimamente

relacionado a um tipo de eclesiologia clerical. Há maneiras de ser Igreja que facilitam o crime, o abuso e o desrespeito. O Papa Francisco até insistiu em alterações no Direito Canônico que favoreçam os processos de justiça. Mas o problema é ainda maior. Parece que um modo clerical de ser Igreja precisa ser desmontado. Não pode acontecer que a classe sacerdotal não preste contas de seu desempenho perante o Povo de Deus.

Frequentemente o clero é considerado um grupo separado, representando uma sacralidade mal compreendida. Se auto seleciona e é formado em reclusão, separado das outras pessoas. De fato, sua mera investidura sacra tem um impacto sobre os fiéis, atenuando sua liberdade e capacidade crítica.

Na Síntese Narrativa da Assembleia Eclesial para a América Latina e o Caribe, o clericalismo foi atribuído aos seminários. Seria desejável que os leigos, as mulheres, as famílias e as comunidades também participassem da seleção, formação e aceitação dos seminaristas para a ordenação sacerdotal.

O Povo de Deus como um todo deveria ser capaz de decidir quais autoridades deveriam governá-los.



Antes dessas mudanças, as autoridades eclesiais devem fazer justiça às vítimas sem demora. Isto não pode esperar. Os canais existentes devem ser utilizados e novos devem ser criados. É essencial criar as condições para que aqueles que foram abusados saiam à luz do sol com suas exigências de justiça. Essas pessoas precisam ser ouvidas com urgência.

É preciso reparar sua honra e integridade psicoemocional e, quando apropriado, compensadas financeiramente. Sua plena reparação, sabemos, acontecerá em Cristo, mas já agora Cristo vive, cura e restaura através de seu Espírito, e o Espírito através de nós.

É hora de acolher o poder da Ressurreição e atender os gemidos das vítimas de todos os tipos de abusos, para reparar o máximo possível e gerar na Igreja relações e mecanismos de cuidado:

- promovendo a cultura do encontro, do cuidado e das boas relações;
- Destacando as dinâmicas de abuso, clericalismo e verticalidade que, dentro da Igreja, tornam impossível viver o modo relacional de Jesus.

4º Movimento – Rumo à possibilidade de ser Sinal, Palavra e Metáfora Credível. Caminhar rumo à Interação e ao Encontro dos Carismas.

A história atual exige uma Vida Religiosa capaz de assumir riscos na travessia, de deixar de ser referência individual e institucional para ser referência do Reino pelo significado de seus gestos, palavras, opções, atitudes e expressões de comunhão. É hora de caminhar juntos em direção a águas mais profundas de pequenez evangélica, para despertar e sustentar a esperança profética a partir do pouco, do pequeno, do pobre e do insignificante. Para avançar, com Jesus, em direção ao anônimo, ao gradual, ao marginal, ao silêncio contemplativo e à espiritualidade da minoria. A história místico-profética e de comunhão da Vida Religiosa hoje é expressa a partir da vulnerabilidade, pois é nela que a vida se encarna, porque ela só existe inter-relacionada.

Viver a missão em comunhão com os leigos, em afinidade interinstitucional, promovendo e diversificando novas lideranças, ministérios e serviços, permite à Vida Religiosa do Continente desdobrar a semente da parresia que ela contém em si mesma e que lhe permite criar e manter



laços fraternos e inclusivos, que irradiem comunhão, amizade social, Reino. A partir da riqueza da diversidade dos carismas, da caminhada intercongregacional e das sementes do Verbo encarnado nas diferentes culturas, a Vida Religiosa tem a oportunidade de expressar com redes missionárias e itinerantes a opção radical de servir em meio a contextos excluídos ou vulneráveis, fronteiras existenciais onde se luta e se arrisca a vida pela vida.

O diálogo aberto torna-se um lugar de encontro, vitalidade e afinidade de carismas e pessoas a serviço do Reino de Deus, porque cada carisma encarna um caminho concreto da Boa Nova e, portanto, um modo de ser plenamente humanos.

O significado credível e o simbolismo da Vida Religiosa somente podem acontecer através do interrelacional, do comunitário, da generosidade coletiva, partilhada e sustentada, que transcende a geografia, as estatísticas e as economias individuais. Somente assim ela pode ser uma metáfora credível, somente assim pode suscitar o que favorece a vida ressuscitada.

Diante da evidente crise relacional no mundo e na Igreja, a resistência profética consistirá em caminhar para a interação e o encontro de carismas.

É necessário deixar fluir a criatividade, a fim de encontrar sementes alternativas e novas formas que facilitem o levantamento de âncoras do que já é conhecido, seguro e aprendido, para dispor-se à travessia da minoridade, da tentativa e do desaprender progressivo de formas ultrapassadas, esquemas obsoletos que se naturalizaram na vida cotidiana e impedem o dinamismo profético e a possibilidade de novas relações éticas grávidas do Reino. A resistência profética ao individualismo radical, ao consumismo acrítico, à idolatria da imagem/aparência e à vida dupla como conduta cotidiana não pode ser feita individualmente. Ela requer ações corporativas intencionais, fruto de encontros, diálogos, consensos, ações conjuntas com impacto transformador na realidade e comportamentos consequentes com as opções próprias do discipulado.

Nesso modo de ser humanos estará a maior possibilidade profética para a realidade atual, a única capaz de revelar que somos pessoas em relação, íntegras, integradas e integradoras, que se esforçam para refletir a Comunhão Trinitária. A mística do “inter” se torna assim um lugar de revelação daquele em quem acreditamos e amamos.



É hora de abraçar a força da Ressurreição e “servir em itinerância, intercongregacionalidade e interculturalidade, até que ocorra a transformação”:

- realizando a missão em comunhão com os leigos e em interrelação dinâmica com outras instituições;
- aprofundando o significado e o impacto da missão da Vida Religiosa hoje no Continente: Itinerância, intercongregacionalidade e saída missionária;
- promovendo novas lideranças, ministérios e serviços.

5º Movimento – Rumo à Sinodalidade

A Ruah Divina está promovendo em nosso tempo a redescoberta da sinodalidade como um dinamismo da caminhada da Igreja-Povo de Deus na história. Como Vida Religiosa, também experimentamos esta força interior que nos impulsiona a repensar nossas escolhas e nossas práticas.

Remar com outras/os ou caminhar juntas/os é, na realidade, um movimento que nasce na própria essência do humano e de toda a criação. Nosso Deus Criador, que é comunhão trinitária, deixou sua marca relacional em tudo e em todos (cf. LS, 239). Na Trindade tudo é

relacionalidade, reciprocidade, interdependência, amor compartilhado. E nosso Deus uno e trino quis nos fazer participantes de seus relacionamentos e fazer parte do nosso: viver e interagir conosco e entre nós. Trata-se de nos deixar conduzir e entrar resolutamente na mesma dança geradora de redes para nos unir no compromisso de responder à dor da Mãe Terra e de nossos irmãos e irmãs excluídas.

Nisto consiste o chamado sinodal: redescobrir e promover esta dinâmica e comprometer-nos a viver com radicalidade nossa consagração, dando testemunho de que o Reino já está em nós e entre nós. E tornar possível a necessária capacidade de nos harmonizar-nos, nós que somos tão diferentes, respeitando a forma, o ritmo, as diversidades e superando-nos a nós mesmas/os para participar na gestação do novo.

A sinodalidade é um espírito, um método e uma atitude. Requer tempos de partilha, de espaços e disposição para a escuta, discernimentos conjuntos, de consensos que se vão construindo e desconstruindo e da tomada de decisões que nos levem à ação transformadora da realidade. É um caminho prioritário para tornar possível



“um novo modo de ser Igreja” e, portanto, “um novo modo de ser Vida Religiosa”, porque a sinodalidade exige uma conversão interna de nossos modos de ser e de tomar decisões, colaborando na mesma conversão dentro da Igreja como um todo.

No Documento sobre “Sinodalidade na Vida e Missão da Igreja” (CTI, 74) é explicitado como uma nova compreensão do lugar da Vida Religiosa na Igreja expande nossas possibilidades e responsabilidades para participar deste processo: “o princípio da co-essencialidade entre os dons hierárquicos e carismáticos na Igreja baseado nos ensinamentos do Concílio Vaticano II. Isto implica a participação das comunidades de vida consagrada, dos movimentos e das novas comunidades eclesiais de vida consagrada na vida sinodal da Igreja”.

Da mesma forma, recebemos sugestões de pistas do que podemos oferecer a partir de nossa identidade como Vida Religiosa, a fim de reconhecer-nos mutuamente e articular um caminho sinodal como sinal profético de comunhão e serviço à Igreja: “os carismas dados pelo Espírito Santo para a renovação da vida e missão da Igreja podem oferecer”:

- Experiências significativas de articulação sinodal da vida de comunhão;
- Dinâmicas de discernimento comunitário postas em prática dentro delas;
- Estímulos para individualizar novos caminhos de evangelização. Em alguns casos, eles também propõem exemplos de integração entre as diversas vocações eclesiais na perspectiva da eclesiologia da comunhão.

Podemos dizer que, se assumirmos a fundo o “caminhar juntos” com os vários carismas e vocações no coração do Povo de Deus, entramos ativamente numa autêntica pericorese eclesial, num dinamismo histórico no coração da Trindade como fermento duma humanidade solidária e reconciliada.

É hora de acolher a força da Ressurreição e para remar com outras/os em sinodalidade e rumo a uma nova maneira de ser Igreja:

- contribuindo a partir da identidade da Vida Religiosa para a reforma da Igreja;
- promovendo a formação em sinodalidade e discernimento;
- gerando dinâmicas de participação nas buscas, nos processos e na tomada de decisões na e da Igreja.



6º Movimento - Rumo à utopia do Reino: um Mundo de Irmãs e Irmãos

Mística, profecia e testemunho estão intimamente interligados na trajetória de quem aceita o chamado de Deus, abrindo-se amorosamente à voz que pede à mulher e ao homem: “Sai da tua terra e vai...” (Gn 12, 1). Ser religioso ou religiosa no mundo de hoje é um exercício contínuo na busca de se transformar em semeadores da soro-fraternidade universal, o único remédio capaz de curar as feridas causadas pelo egoísmo:

Nisso reside a verdadeira cura, já que o modo de nos relacionarmos com os demais é o que realmente nos cura em vez de nos adoecer numa fraternidade mística e contemplativa que sabe olhar para a grandeza sagrada dos outros, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar o desconforto da convivência, agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para buscar a felicidade dos demais como a busca do seu bom Pai. (EG, 92).

Um esforço constante para viver desta forma se torna um belo retrato do que significa hoje a experiência de viver a consagração em total liberdade para Deus e para os próprios irmãos. É um testemunho de amor e alegria daqueles que descobrem a beleza de viver não para si mesmos,

mas para os outros, abertos para o totalmente Outro, que é Deus. Discernimento: a Utopia do Reino nos convida a desejar e pedir o modo profético de ser e fazer das mulheres da primeira comunidade cristã. Procurar com a mesma força e destemor “onde” Jesus está e “como” permanecer com Ele.

Quando Jesus morreu, a comunidade dos discípulos entrou em uma noite profunda de perplexidade, com risco de desintegração. Maria Madalena, mulher da aurora, rompe a noite procurando Jesus, querendo recuperar aquele que os reuniu em comunidade. Maria precisa saber “onde” encontrar pelo menos o corpo de Jesus. Ela manifesta isto em seu diálogo com os anjos e com Ele mesmo (Jo 20, 13.15). Há toda uma teologia em torno do “onde” no Evangelho: “Onde você mora?” (Jo 1, 38), “Para onde você vai?” Precedido pelo “Onde está teu irmão?” (Gn 4, 9), com o qual Deus nos convida a voltar nosso olhar para o outro. Este “onde” não se refere a um espaço geográfico, mas à união interior com Jesus presente na irmã e no irmão.

O Ressuscitado convida Maria a não retê-lo e revela para ela “onde” encontrar seu Corpo. Ele a envia desde seu novo modo de presença elevada para



reconstruir os laços da comunidade: “Vá até meus irmãos e irmãs [*adelphoi*] e diga-lhes que vou até meu Deus que é seu Deus”. Esta é a primeira vez que ele usa a expressão “irmãos e irmãs”, enfatizando a soro-fraternidade no envio. Maria e as outras mulheres, “as Mulheres da Aurora do Cristianismo”, serão sempre e em todos os lugares testemunhas da fraternidade, emprestando sua casa à Igreja local como Ninfa (Cl 4, 15), sendo companheira de prisão de Paulo como Junia (Rm 16, 7) ou colaborando a ponto de se colocarem em risco como Prisca, a quem a Igreja tem uma dívida de gratidão (1Cor 16, 19; At 18, 26; Rm 16, 3-5).

É hora de abraçar o poder da Ressurreição e nos formar para darmos sempre e em tudo testemunho da soro-fraternidade:

- colocando-nos na lógica da contemplação do território e na inclusão da diversidade;
- promovendo uma conversão pastoral que nos coloca na condição de irmãs/irmãos e discípulas/discípulos, em caminho com nosso povo;
- revisando estruturas e formas de assumir a missão (pessoal, comunitária, congregacional, local, continental).

7º Movimento – Rumo à Mudança Sistêmica e à Incidência Política

A mudança de paradigma é uma expressão que a Vida Religiosa tem usado para intensificar seu compromisso com os pobres e com a Terra - invisibilizados, sistemicamente torturados - tratando sempre de entender os sinais da história que ela nunca deixa de contemplar. Compreender esta transformação paradigmática é essencial para poder assimilar o significado e o alcance do que hoje se estabelece como um compromisso urgente de todos os carismas: a mudança sistêmica e a incidência política para tornar esta mudança sustentável.

A pandemia está nos deixando um “festival de incertezas”. O momento cultural atual é estruturalmente contrário aos elementos próprios da identidade e da missão das pessoas consagradas neste Continente. A boa vontade pessoal ou congregacional não é suficiente para manter nossas opções. Hoje é urgente implementar um novo modo de ser, de pensar e de agir. Devemos imperativamente medir a magnitude da crise que a civilização humana está atravessando, a crise do modelo decadente da sociedade católica e a crise do aparato estrutural e



testemunhal da Vida Religiosa. A visão sistêmica destas realidades nos ajudará a comprometer-nos com uma nova visão profética que nos tire do isolamento e gere soluções sistêmicas a curto e longo prazos. Desta forma podemos superar o medo e abraçar a mudança como um modo de vida e uma forma de nos situarmos numa história que está sempre se fazendo. Hoje precisamos empenhar-nos numa fidelidade que não seja cega, ritualista, ingênua e que saiba dar razão a sua esperança (cf. 1Pd 3,15).

O “pensamento único” dominante, inclusive em nossas comunidades, inculca a inviabilidade de qualquer mudança, especialmente a mudança sistêmica. A impossibilidade de encontrar uma alternativa, a convicção de estar “no melhor dos mundos possíveis” ou mesmo no “fim da história”, são alguns dos argumentos que são sistemicamente usados para fazer lobby em favor do status quo social e eclesial. Este movimento gera em nossa sociedade e em nossas comunidades, especialmente nos jovens, uma desesperança profunda, a perda da confiança, o desencanto, a morte dos imaginários de vida e a destruição de todas as utopias que apontam para a mudança sistêmica como solução e

que podem tornar-se um agente central da transformação social e eclesial no compromisso com a libertação dos pobres e de todos os invisibilizados da terra pela força da inclusão e da equidade em todos os níveis.

A reforma da Igreja e a ressignificação de todos os Institutos de Vida Consagrada que esta nova etapa evangelizadora e o caminho sinodal exigem é inseparável de sua contribuição à transformação social que, por sua vez, inclui a justiça social e ambiental (cf. LS). A Igreja sai de si mesma - e supera sua auto referencialidade - na medida em que se compromete com a sustentabilidade da vida, da humanidade e do planeta. Esta reforma eclesial e a ressignificação dos carismas só acontecerá a partir da conquista da equidade como fundamento relacional.

A ação sistêmica, social, política e econômica é hoje uma possibilidade de alcance ministerial e profética no trabalho que fazemos permanentemente para aproximar o Reino de Deus e para estabelecê-lo em nosso aqui e agora. Não militamos em movimentos político. Nossa militância está sempre no movimento global em favor da vida, da dignidade e dos direitos das pessoas, especialmente daquelas



que são social ou eclesialmente invisíveis. Nossa militância é evangélica e carismática e se baseia nos valores que tentamos encarnar todos os dias para influenciar a política, a sociedade e a economia, os lugares onde o presente e o futuro de todos nós são decididos. A influência política é um elemento essencial para entender a mudança sistêmica e como esta mudança se torna verdadeiramente sustentável.

A relação entre mudança sistêmica e influência política é baseada na mais profunda relação entre o local e o global, e se expressa numa megatendência histórica que vai além dos limites dos partidos políticos e religiões confessionais e do tribalismo cultural ou racial, e os abre para o horizonte de redes e tecidos sociais em defesa da vida com todos os nossos recursos humanos, econômicos e estruturais.

Os carismas congregacionais que nascem na Ruah de Deus e não pertencem a seus Fundadores ou Comunidades, mas ao Reino, estão todos imbuídos da novidade (sistêmica/ envolvente) do Espírito. Todos contêm uma força de implantação incontrolável da justiça como expressão da vinda do Reino. Se interrelacionam por seus pontos de partida e de chegada, que são o Espírito e o Reino.

E se alimentam por uma leitura específica da Palavra de Deus na contínua interação entre a história e a Escritura.

A vida religiosa é parte duma corrente profética global que percorre toda a história. Hoje somos chamados a recuperar nossa origem profética mais primitiva no compromisso com os pobres e com a terra, que se expressa na profecia da proposta: a da colaboração, da superação do isolamento, do re-encantamento, de sermos sinais de novidade, a das comunidades reconciliadas e missionárias, a da disponibilidade radical para a vivência do carisma, a de tentar sempre de novo sem vacilar, seguindo os passos das Mulheres da Aurora.

É hora de acolher a força da Ressurreição e não permitir que ninguém fique invisibilizado na Sociedade e na Igreja:

- favorecendo a formação política, a participação em instâncias públicas, no trabalho de influência e transformação;
- desvendando a dimensão místico-profética da Vida Religiosa, situadas onde vivem os mais pobres, os migrantes, as vítimas de tráfico...;
- acompanhando através de dinâmicas que tornam visíveis e capacitem de forma especial as mulheres, os leigos e os jovens.



8º Movimento – Rumo ao cuidado responsável do Meio Ambiente e dos Direitos das Gerações Futuras

Todos nós podemos colaborar como instrumentos de Deus para o cuidado da criação, cada qual desde sua própria cultura, experiência, iniciativas e capacidades (cf. LS, 14). A origem comum que nos irmana, a pertença mútua e o futuro compartilhado por todos, se torna cada vez mais uma urgência que exige da Vida Religiosa uma consciência básica que permita o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e modos de vida, a fim de favorecer o desafio cultural, espiritual e educativo como um processo contínuo de regeneração (Cf. LS, 202).

A sociedade se tornou mais consciente e responsável pela harmonia e pelo cuidado da Casa Comum, mas o equilíbrio socioambiental ainda está longe de ser alcançado. Ainda persistem os impactos negativos no clima, nos corpos de água, nas espécies animais, nas florestas, nas culturas e na vida humana em geral. A principal causa da poluição continua sendo a falta de hábitos de consumo responsável, junto com a falta de políticas de saneamento, proteção e recuperação ambiental, tanto no setor público quanto no privado. Há um número crescente

de organizações da sociedade civil e iniciativas locais, particularmente entre os jovens, a favor do cuidado da Casa Comum e na busca dum novo modo de vida, encorajados pela liderança desenvolvida pelo Papa Francisco.

Nosso futuro comum animado pelo Espírito criador nos faz caminhar como um corpo, em consciência, coerência e defesa prática do cuidado da Casa Comum. Todos os projetos a serem empreendidos nos obrigam a contemplar as necessidades de nosso meio ambiente e a nos envolver na busca do bem comum, transformando o que está próximo de nós, ouvindo os mais empobrecidos e nossa irmã Mãe Terra, a fim de recuperar as condições para uma existência digna e sustentável para todas e todos. A realidade que nos é apresentada como um todo intimamente relacionado exige que a Vida Religiosa na América Latina e no Caribe favoreça estratégias para um diálogo entre a ecologia econômica, social, cultural e cotidiana; que inclua a perspectiva duma ética do bem comum e da justiça entre as gerações, sendo uma presença a serviço da vida, comprometida com o cuidado da casa comum, a promoção dos direitos humanos e dos povos, a defesa da família e dos mais vulneráveis da sociedade.



Compreender-nos a partir deste diálogo e na chave duma Ecologia Integral implicará uma opção clara de austeridade, simplicidade, humildade e sustentabilidade (pobreza); o que implica uma escuta obediente comum ao Criador na convivência sinodal com todas as criaturas (obediência), e que conduza a relações transparentes e interdependentes com nossas comunidades e com os leigos (castidade). Estes três compromissos convergirão na dimensão profética de nossa consagração e no dinamismo de uma conversão ecológica que mobiliza em todos os consagrados e consagradas um “cuidado generoso e terno” (LS, 220), desencadeando processos de conversão transformadora e de impacto ativo sobre a realidade de nossos povos.

É hora de acolher o poder da Ressurreição para uma opção renovada pela Ecologia Integral a partir da consciência da sacralidade da criação:

- promovendo a conversão ecológica como uma dinâmica que privilegia a dignidade humana, cuida da sacralidade da criação e inter-relaciona tudo na busca do bem comum;
- entrelaçando e participando em redes de cuidado e defesa da vida, da terra, dos mais pobres e das culturas.

PROJEÇÃO – AGIR – DEIXAR FLUIR

Aprofundamento e socialização da reflexão teológico-pastoral e interdisciplinar sobre o Ícone das Mulheres da Aurora e do lema A ousada esperança no despertar da aurora:

- Contribuições da Equipe de Assessores Teólogas/os da Presidência (ETAP) e das Comissões.
- Acompanhamento e fortalecimento das Equipes de Reflexão Teológica das Conferências Nacionais.
- Animação a partir da centralidade da Palavra e da Espiritualidade Bíblica, por meio de retiros e recursos de oração, para despertar a aurora.
- Divulgação da Revista CLAR (acesso livre online) e outras Publicações.
- Animação do Portal institucional e das redes sociais.
- Seminários e Diplomados Regionais e Nacionais (presenciais e remotos) das COMISSÕES da CLAR:
- Religiosas/os contra o Tráfico de Pessoas
- Pessoas Migrantes, Refugiadas e Deslocadas
- Ecologia Integral



- Rede Itinerante Amazônica
- Vida Religiosa Indígena
- Vida Religiosa Afro
- Rumo a uma Vida Religiosa em chave sinodal
- Religiosos Irmãos
- Novas Gerações da Vida Religiosa
- Educação e Vida Religiosa
- Famílias Carismáticas
- Cuidado e Proteção de crianças, adolescentes e pessoas vulneráveis
- Cultura Vocacional
- Comunicação e cultura digital.
- Animação da Presidência, ETAP e Secretaria:
- Socialização do Horizonte Inspirador 2022-2025.
- Avaliação e monitoramento do Horizonte Inspirador e dos novos desafios emergentes: reuniões da Presidência-ETAP.
- Acompanhamento das Conferências Nacionais:
- Assembleia Geral, Conselhos de Administração,
- Reuniões de Secretários e Secretárias, participação nas Assembleias Nacionais e formação da Vida Religiosa.
- Articulação das Conferências Nacionais e das Regiões.
- Encontro e articulação entre as Comissões.
- Fortalecimento e consolidação do trabalho em Redes intereclesiais e interinstitucionais, mantendo um vínculo especial com CIVCSVA, CELAM, UISG, USG, CONFER, LCWR, CMSM, CRC, AHLMA, CIEC, AMERINDIA, JCOR e as Agências de Ajuda Internacional, entre outras.
- Agências de ajuda internacional, entre outras.
- Acompanhamento no uso de novas tecnologias de informação e comunicação.
- Socialização dos recursos humanos e propostas de treinamento.
- Animação e monitoramento dos projetos institucionais.

HINO: A ESPERANÇA DESPONTA JÁ!

Nós decidimos a sair em
plena madrugada,
Enfrentando os
ventos contrários,
o frio e o medo da escuridão.
A passo firme, juntas e juntos,
nos damos ânimo para chegar,
nossas pupilas se dilataram,
os corações se aceleraram.

E VEMOS COMO A
ESPERANÇA DESPONTA JÁ!
COM TERNURA E CORAGEM,
COM AS MULHERES
DA AURORA,
BUSCAMOS NOSSO
SENHOR JESUS QUE SALVA.

Nós temos fresca em
nossa memória
Tua Palavra viva
Tua cruz nos revela
e nos desafia,
Teu amor nos faz permanecer.
Até o lugar da ferida
nós vamos,
nos move essa dor de
nossos irmãos.
Em nossos pés vai a profecia
de mil testemunhos
que são semente.

E VEMOS COMO A
ESPERANÇA DESPONTA JÁ!
COM TERNURA E CORAGEM,
COM AS MULHERES
DA AURORA,
BUSCAMOS NOSSO
SENHOR JESUS QUE SALVA.

Somos a Igreja que
humildemente
começa a escutar as vozes
Dos que sempre
ficaram à margem,
dos gemidos da criação.
Nesse encontro nos saís,
Senhor quão formosa surpresa!
nossas pupilas se dilataram,
os corações se aceleraram.

E VEMOS COMO A
ESPERANÇA DESPONTA JÁ!

(Letra e música: Irmã
Marcela Bonafede, ODN
Vozes: Irmã Marcela
Bonafede, ODN
Frei Pablo Ordoñez, O. M.
Cantoria das Mercês
Musicalização: Manuel
Ruiz Juri)



SINODALIDADE E VIDA CONSAGRADA¹

FREI UGO SARTORIO, OFM CONV.

Resumo: O autor apresenta a reflexão da sinodalidade na VRC apontando alguns instrumentos concretos que favorecem a participação de cada um nas questões que dizem respeito a todos. Por outro lado, a origem carismática que caracteriza a vida consagrada implica implicitamente numa autêntica vivência sinodal, porque cada instituto se insere no dinamismo da Igreja com a riqueza do próprio carisma sem esquecer o outro, na fidelidade à eclesiologia de comunhão que dá forma a toda a Igreja através da co-essencialidade de dons hierárquicos e carismáticos

Palavras-chave: *sinodalidade; colegiado; capítulos.*

Situando a questão

Antes de tudo, afirmamos que na vida consagrada não se fala muito de sinodalidade. A vida consagrada tem contribuído, isto sim, para contagiar a Igreja, como também a sociedade, praticando num certo período da história um estilo sinodal, por exemplo,

no exercício da autoridade e na forma de alguns instrumentos de governabilidade em caráter colegial como os Capítulos Gerais. Contudo, está fora de discussão, que este tipo de ação, no meu modo de ver, não foi suficientemente refletido a nível teológico.

¹ Artigo publicado na revista 'Vita Consacrata', janeiro-março 2022. Tradução Padre João Mendonça, sdb.



No interior da vida consagrada fala-se muito de comunidade e, a partir do documento de 1994, “Vida fraterna em comunidade”,¹ “de vida fraterna em comunhão”, individualizando na comunidade a estrutura (feita de regras e indicações de comportamentos) que pressupõem a ligação fraterna alimentada pelo Espírito Santo.

Um dos textos decisivos do Concílio Vaticano II sobre a vida consagrada é o número 15 da “*Perfectae Caritatis*”, que o teólogo canadense Tillard julga como um dos mais altos e teologicamente densos de todo o Concílio, em grau de resumir o espírito conciliar.² Trata-se do texto no qual emerge com maior ênfase – mesmo sendo apenas narrativo e não dogmático como no capítulo VI da *Lumen Gentium* – a dimensão essencialmente eclesial da vida religiosa, inteiramente fundada na Palavra de Deus e na Eucaristia, o que a identifica não tanto como comunidade de cristãos que miram a uma perfeição somente individual, por caminhos elitistas e alternativos em relação aos outros, mas como “sinal e

proclamação da grande diaconia da caridade que, no Filho, o Pai deseja restaurar entre os seres humanos.”³ Pela primeira vez aparece de forma clara a natureza mística da comunidade religiosa, além de uma leitura utilitarista ou pragmática. Se a Igreja é, na sua essência, diaconia,⁴ Tillard sustenta a tese de que a vida consagrada é uma intensificação da diaconia no interior da Igreja⁵ e, por isso, o seu modo de ser, antes mesmo do agir e de qualquer serviço, é o seu principal contributo à eclesialidade.⁶ A diaconia, como realidade teológica que comporta a Igreja e as relações com suas partes, necessita se exprimir através de formas organizativas e estruturas que a tornem visível, sem trair o seu significado profundo.

3 Idem

4 “a natureza da Igreja assim como entende a primeira tradição é vivida na comunhão, diaconia. Este ser de comunhão é a sua essência. E, a relação comunhão do pai, do Filho e do Espírito Santo, indica a sua radical e eterna realidade no Mistério de Deus.” In *Chiesa di Chiesa. L'eclesologia di comunione*, Queriniana, Brescia 1989, p. 41.

5 “A comunidade religiosa é um mistério no seio da Igreja-Mistério. É sacramento, ou seja, ao mesmo tempo realidade e sinal, que revela primeiramente à própria Igreja, depois ao mundo, que o *Mystérian*, no sentido paulino do termo, está semeado na história dos seres humanos pelo próprio Jesus Cristo,” In *Le grandi leggi del rinnovamento della vita religiosa*, Op.Cit, p. 128.

6 U. Sartorio, *L'obbedienza religiosa*. Contexto, memoria storica e contributi del Magistero e della teologia nella recezione postconciliare, “Ancora, Milano 2017, p. 178-191.

1 Congregação para os Institutos de Vida Com sagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *A vida fraterna em comunidade*, 1994.

2 J.M.R. Tillard, *Le grandi leggi del rinnovamento della vita religiosa*, In *Il rinnovamento della vita religiosa*. Studi e commenti intorno al decreto *Perfectae caritatis*, Vallecchi, Firenze, 1968, p. 123.



Na vida religiosa a sinodalidade realiza-se, sobretudo, mediante formas colegiadas representadas pelos capítulos, em todos os níveis, do Capítulo geral ao comunitário. São instrumentos que favorecem a participação de cada um nas questões que dizem respeito a todos. Por outro lado, a origem carismática que caracteriza a vida consagrada implica implicitamente numa autêntica vivência sinodal, porque cada instituto se insere no dinamismo da Igreja com a riqueza do próprio carisma sem esquecer o outro, na fidelidade à eclesiologia de comunhão que dá forma a toda a Igreja através da co-essencialidade de dons hierárquicos e carismáticos. É o que iremos refletir nos parágrafos seguintes, seguindo o que foi publicado no documento da Comissão Teológica Internacional de 02 de março de 2018 “A sinodalidade na vida e na missão da Igreja”.

Os Capítulos Gerais

No documento da Comissão Teológica, há alguns acenos interessantes sobre a vida religiosa. Um deles é o número 33, que comenta a prática sinodal nos institutos:

Não faltam, no período medieval, exemplos de revitalização da práxis sinodal no sentido amplo do termo.

Assim, por exemplo, na obra dos monges de Cluny. Uma contribuição que mantém viva a práxis sinodal oferecem também os capítulos das Igrejas catedrais assim como as das comunidades religiosas, em particular, as ordens mendicantes.

A nota 34 do referido documento, esclarece o como esta revitalização da práxis sinodal acontecia, descrevendo a forma de governo assumida pelas Ordens mendicantes:

Os conventos são organizados em províncias e colocados sob os cuidados de um superior geral cuja jurisdição de estende a todos os membros da Ordem. Os superiores das ordens, tanto aqueles gerais como os provinciais e das comunidades religiosas, são eleitos pelos representantes dos membros das Ordens para um determinado período e são auxiliados para este serviço pelos conselhos.

Para os cargos principais de governo (ministros gerais, provinciais e superiores dos conventos) fala-se de eleição feita pela base, através de representações, e não por escolha do alto, porque os cargos são por um tempo determinado e não de forma vitalícia, sempre mediada por um Capítulo ou Conselho. Houve um tempo no qual a visão verticalista da Igreja e da sacralidade da autoridade considerava este serviço o ápice da autoridade. O nascimento da instituição chamada Capítulo Geral é do ano 1119,



com a aprovação do Papa Calisto II na carta “Caritatis” que previa o Capítulo geral como organismo de governo para as Ordens de Citeaux. A partir dela, a experiência se expandiu para todas as demais Ordens.

Em 1220, São Domingos de Gusmão, convocou o primeiro Capítulo Geral com a participação dos assim chamados definidores, eleitos nas várias províncias da Ordem. Se, num primeiro momento, o fundador dos dominicanos exercia o pleno poder sobre toda a Ordem, a partir desse fato o Capítulo Geral teve, depois do Papa, a suprema autoridade.⁷ Os Capítulos franciscanos, por sua vez, foram no início uma expressão livre e harmônica da fraternidade, sem ser órgão administrativo, mas ocasiões para alimentar a fraternidade e vivê-la o mais possível em forma participativa. Somente depois, com o crescimento do número de frades, o Capítulo assumiu duas formas: uma de caráter geral (Capítulo de Pentecostes que podia convocar apenas os frades da jurisdição, segundo a Regra de São Francisco, Regola bollata, VIII: FF 96-97). Na mesma linha e com o mesmo animo, com caráter

espiritual e prático, próximo ao ano 1230, foi introduzido no ordenamento cotidiano da vida comunitária, como diálogo espiritual (collatio) e mutua exortação, os Capítulos Conventuais, cuja codificação está na Constituição de 1260, repetindo as normas das Constituições de 1239, que caducou rapidamente e não foi observada. Do Capítulo Conventual participa cada membro da comunidade, enquanto a nível superior (Capítulo Provincial e Geral) a participação de todos é, de fato, ideal, desejada:

Se é verdadeiro que a presença total da fraternidade foi conservada no sentido mais restrito no Capítulo conventual, é também verdade que o espírito da participação universal permaneceu apenas nos Capítulos Gerais e Provinciais devido à consciência da representatividade dos superiores e da efetiva presença dos representantes eleitos nos Capítulos das Províncias para o Capítulo Geral e nos Capítulos Conventuais.⁸

Fazendo um salto de oito séculos, marcados por períodos de governos caracterizados por uma genuína e genial sinodalidade, mas, também por períodos de rigidez autoritário (basta mencionar o complexo panorama das congregações religiosas do início do século 18 até a metade do século 19), damos uma

⁷ C.H. Lawrence, I mendicante. I nuovi ordini religioso nella società medievale, San Paolo, Cinisello Balsamo, 1988, p. 96.

⁸ A. Sanna, Capitoli, in Dizionario Franciscano. Spiritualità, a cura di E. Caroli, EMP, Padova 1995, p. 164.



olhada à novidade introduzida pelo Vaticano II, sobretudo no Decreto “Perfectae Caritatis” n. 4, que indica os sujeitos de renovação e os critérios para a atualização. Ali aparecem duas posições extremas: a solução autocrática, que deixa tudo nas mãos dos superiores, com o risco que nada mude; e a solução populista e demagógica, o risco de promover uma desregulação sem conclusão. A escolha foi o envolvimento de todos sobre a supervisão da autoridade competente, afirmando que

A renovação eficaz e a adaptação conveniente não se podem obter sem a colaboração de todos os membros do Instituto. Estabelecer, porém, as normas e dar as leis desta renovação, assim como dar possibilidades para uma suficiente e prudente experiência, pertence somente às autoridades competentes, sobretudo aos Capítulos gerais, salva a aprovação da Santa Sé ou dos Ordinários de lugar, quando for necessária, segundo as normas do direito. Todavia, os Superiores, nas coisas que dizem respeito a todo o Instituto, consultem e ouçam os seus súditos de modo conveniente. (PC, 4).

Cada membro do instituto, nenhuma excluído, é agente de renovação e não deve omitir a sua colaboração sobre isso. A última palavra depende da autoridade competente: fala-se de Capítulos, organismos oficiais que emanam leis e normas. As consultas dos superiores devem, porém,

envolver a todos os religiosos, sem distinção alguma, algo óbvio e de grande importância. Assim chegamos ao coração do Decreto que resguarda o verdadeiro espírito da renovação da vida religiosa, ao ponto que essa não pode acontecer senão a partir de cada membro do instituto e da escuta evangélica da própria e real situação. A insistência do Decreto sobre este ponto coloca em destaque o início de um retorno a um profundo respeito da pessoa. “Longe de destruir a dignidade da pessoa humana, a obediência religiosa, ao contrário, deve promovê-la”.⁹

Uma mudança significativa foi a de um estilo de vida religiosa com uma visão sacralizada da autoridade, que se divide em classes no interior da comunidade, com escarça atenção à dimensão psíquico-física dos membros. Depois da superação do rígido monofisismo jurídico que absolutizava as leis, a observância, o hábito, os horários, as práticas de piedade, realizou-se a primeira grande e verdadeira revolução do Concílio que reconhece um comportamento mais livre e autônomo dos religiosos, com plena dignidade, expressa no direito de participação. Abre-se assim, na vida religiosa, a

⁹ Tillard, *Le grandi leggi del rinnovamento della vita religiosa*, Op.cit, p.108.



estação dos Capítulos especiais (1967-1971), os intermediários (1972-1976) e os constitucionais (1977-1986), dedicados ao processo de atualização das Constituições e dos carismas à luz do Concílio. Aumentou a participação, inclusive da presença de observadores leigos, sem direito de voto. Claro, não faltou uma certa visão parlamentarista, ainda presente, porque o caráter sinodal traz consigo confusão e uma certa improvisação.

Tendo presente os sucessivos textos do Magistério, pode-se registrar uma continuidade na linha indicada pelo Concílio, por exemplo, o que propõe a Exortação Pós-sinodal “Vita Consecrata” (1996):

Na vida de comunidade, também se deve tornar de algum modo palpável que a comunhão fraterna, antes de ser instrumento para uma determinada missão, é espaço teologal, onde se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado (cf. Mt 18,20). Isto verifica-se graças ao amor recíproco de quantos compõem a comunidade: um amor alimentado pela Palavra e pela Eucaristia, purificado no sacramento da Reconciliação, sustentado pela invocação da unidade, especial dom do Espírito para aqueles que se colocam numa escuta obediente do Evangelho. É precisamente Ele, o Espírito, que introduz a alma na comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo (cf. 1 Jo 1,3), comunhão

essa que é a fonte da vida fraterna. É pelo Espírito que as comunidades de vida consagrada são guiadas no cumprimento da sua missão ao serviço da Igreja e da humanidade inteira, segundo a respectiva inspiração originária. Nesta perspectiva, assumem particular importância os Capítulos (ou reuniões análogas), tanto particulares como gerais, onde cada Instituto é chamado a eleger os Superiores ou Superiores, segundo as normas estabelecidas pelas respectivas Constituições, e a discernir, à luz do Espírito, as modalidades adequadas para proteger e renovar, nas diversas situações históricas e culturais, o próprio carisma e patrimônio espiritual (n. 42).

As recentes orientações do Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, intitulado “Para vinhos novos, odres novos (2017), descrevem a ação de discernimento do Capítulo Geral no âmbito de um amplo discernimento do Instituto ao qual cada membro deve participar:

Não seria prudente reduzir o discernimento dentro de um horizonte privado dos Capitulares, como se o Capítulo fosse uma empresa solo. Trata-se de “ter o contato com a passagem do Espírito” e isso significa “escutar o que Deus está dizendo no interno de nossos contextos institucionais” (n.50).

De tudo o que até aqui foi dito, é fácil entender como os Capítulos Gerais, mas também os Capítulos de caráter mais local,



sejam organismos colegiados de governo que garantem a participação, a escuta, o discernimento e as decisões, em síntese, sinodalidade. É bom fazer notar que segundo o Direito Canônico “o Capítulo Geral tem no instituto a suprema autoridade segunda a norma das Constituições” (naturalmente estando subordinado à hierarquia, segundo o direito próprio). Por sua vez, “deve ser composto de forma representativa de todo o instituto, para ser, de fato, sinal de unidade na caridade” (can. 631, parágrafo 1). Para que isso seja real, é necessário que, quando o Capítulo Geral tenha início, a autoridade do supremo moderador da Ordem seja suspensa para passar para as mãos dos capitulares. E, ainda, para que o Capítulo não seja manipulado no seu desenvolvimento, a práxis do instituto prever que o superior, por um período estabelecido antes do Capítulo, não possa fazer mudanças que influenciem na composição da assembleia capitular.

Co-essencialidade de dons hierárquicos e carismáticos

Tendo presente o documento da Comissão Teológica Internacional, uma segunda referência sobre a vida consagrada (junto aos movimentos e

às novas comunidades eclesiais de vida) encontramos no n. 74 que ocupa um parágrafo inteiro, sinal de que não é apenas um aceno ocasional, mas um ponto importante que merece ser assinalado.

É preciso também valorizar o princípio da co-essencialidade entre os dons hierárquicos e os dons carismáticos na Igreja sobre a base do ensinamento do Concílio Vaticano II. Isso implica o envolvimento na vida sinodal da Igreja, das comunidades de vida consagrada, dos movimentos e das novas comunidades eclesiais. Toda essa realidade, são frutos do mesmo Espírito Santo para a renovação da vida e da missão da Igreja e oferecem experiências significativas de articulação sinodal da vida de comunhão e dinâmica do discernimento comunitário interno, como também de integração entre as diversas vocações eclesiais na perspectiva da eclesiologia de comunhão.

Neste sentido passa-se da história à teologia, suscitando temáticas fundamentais que provocam reflexões, de forma até ásperas, nos anos pós-conciliares e são ainda motivo de inflamados debates. Antes de tudo fala-se do “princípio de co-essencialidade entre dons hierárquicos e dons carismáticos na Igreja”, para evitar aquela visão superficial que coloca a hierarquia de um lado e os carismas de outro, como se fosse uma competição. O Concílio fala de dons hierárquicos e carismáticos (LG 4),



fazendo derivar tudo do Espírito, tanto a hierarquia quanto os carismas pessoais como aqueles partilhados por um grupo de pessoas, numa tentativa de síntese que atravessou os séculos. Sobre os carismas, a história narra uma questão que corrobora a valorização dos mesmos iniciada no segundo século, concomitantemente com a afirmação do montanismo e das incontáveis e efervescentes afirmações de seus membros, até as portas do Vaticano II. Os carismas (e os carismáticos) estavam sob suspeita porque eram vistos como concorrentes com a hierarquia, como forma de desestabilização da vida ordinária da Igreja e, sobretudo, como produtores de uma hierarquia paralela, mais espiritual e pretensamente mais autêntica. É a tendência de alguns grupos de se auto-reconhecerem como a verdadeira Igreja, inabitada pelo Espírito e, portanto, isentos de erros. O que provocou o impedimento de uma visão carismática da Igreja foi, sem dúvida, o modo mesmo de entender os carismas, considerados como dons extraordinários e excepcionais, não facilmente em comunhão com a normalidade da vida cristã, uma perspectiva que o texto da LG 12 cita na nota 74 e que provocou uma revisão profunda.

Porém, vamos ao centro da questão da co-essencialidade entre dons hierárquicos e dons carismáticos na Igreja, um tema que o magistério tratou amplamente no documento da Dicasterio para a Doutrina da fé *Iuvenescit ecclesia* “(A Igreja rejuvenesce), publicado no ano 2016 e, até agora, pouco valorizado pela reflexão teológica. Trata-se de um texto que assinala um definitivo abandono da forma de considerar a realidade da Igreja, do esquema bipolar carisma-instituição, tendo presente que ambos são fruto do mesmo Espírito e precisam ser considerados conjuntamente, nunca em contradição: “uma contraposição entre ambos, ou uma justaposição, seria sintoma de uma errônea ou insuficiente compreensão da ação do Espírito Santo na vida e na missão da Igreja” (n.10).

Num texto fundamental e lúcido do ano de 1998, o teólogo Ratzinger contribuiu com reflexões e, em 2007, o Papa Bento XVI, acrescentou uma observação essencial, segundo a qual, “na Igreja as instituições essenciais são carismáticas”, mas “os carismas devem de uma forma ou outra institucionalizar-se para ter coerência e continuidade.”¹⁰ O termo

¹⁰ Discurso aos participantes da peregrinação promovida pela fraternidade Comunhão e Libertação na ocasião do XXV aniversário do reconhecimento pontifício, 24/03/2007, <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/>



“co-essencialidade”, provavelmente de inspiração ratzingeriana, foi muito utilizado ao longo do magistério de João Paulo II:

Muitas vezes tive ocasião de ressaltar como na Igreja não existe contraste ou contraposição entre a dimensão institucional e a dimensão carismática, da qual os Movimentos são uma expressão significativa. Ambas são co-essenciais à constituição divina da Igreja fundada por Jesus, porque concorrem juntas para tornar presentes o mistério de Cristo e a Sua obra salvífica no mundo.¹¹

A João Paulo II e a Bento XVI soma-se, na mesma linha de reflexão, o Papa Francisco que, no dia 28 de outubro de 2016, invocou a co-essencialidade dos dons hierárquicos e carismáticos ao falar aos participantes do Simpósio para os vigários episcopais e delegados para a vida consagrada:

Aos consagrados recordo que a justa autonomia e a dispensa não se podem confundir com o isolamento e a independência. Hoje mais do que nunca é necessário viver a justa autonomia e a dispensa nos Institutos que são fornecidos disto, em estreita relação com a inserção, de tal modo que a liberdade carismática e a catolicidade da vida

speeches/2007/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20070324_comunione-liberazione.html, acesso 24/08/2022.

11 Mensagem de agradecimento a Deus aos participantes do IV Congresso mundial dos movimentos eclesiais e das comunidades, 27/05/1998, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/may/documents/hf_jp-ii_spe_19980527_movimenti.html, acesso 24/08/2022.

consagrada se exprimam também no contexto da Igreja particular. Esta não corresponderia plenamente ao que Jesus desejou para a sua Igreja, se não houvesse a vida consagrada, a qual faz parte da sua estrutura essencial, do mesmo modo que o laicado e o ministério ordenado. É por este motivo, à luz do Concílio Vaticano II, que hoje falamos de co-essencialidade dos dons hierárquicos e dos dons carismáticos (cf. LG 4), que fluem do único Espírito de Deus e alimentam a vida da Igreja e a sua ação missionária. Todos estes dons estão destinados a contribuir, de diversas maneiras, para a edificação da Igreja, em relação harmoniosa e complementar entre si. Os Pastores são chamados a respeitar, sem manipular, a “pluridimensionalidade que constitui a Igreja e através da qual a Igreja se manifesta”. Os consagrados, por sua vez, recordem que não são “um patrimônio fechado”, mas “uma faceta integrada no corpo da Igreja, atraída para o centro, que é Cristo”.¹²

Em sintonia com a contribuição de Ratzinger, não devem ser esquecidas as referências a teólogos como Balthasar e Rahner. Para Balthasar, os dons hierárquicos garantem à Igreja a presença objetiva de Cristo que se doa na Palavra e nos Sacramentos; através dos dons carismáticos estão plasmados a vida dos fieis ou de grupos de fieis, para que seja acolhido o dom de cada um, de forma

12 Francisco, Discurso no Encontro Internacional para Vigários Episcopais e Delegados da Vida Consagrada, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/october/documents/papa-francesco_20161028_vita-consacrata-convegno.html, acesso em 29/08/2022.



personalizada, no dom objetivo da graça de Jesus Cristo.¹³ Existe, no entanto, uma relação analógica entre a “Cháris” e “Chárisma”, no sentido de que o Espírito Santo universaliza o modo objetivo da salvação realizada por Cristo e, ao mesmo tempo, a personaliza como dom particular que se projeta a partir da liberdade do sujeito para cada um.¹⁴

Por sua vez, Rahner, mesmo admitindo que por alguns excessos próprios, o fator carismático pode, às vezes, mover a vida da Igreja, pode também - é sua convicção - ser um elemento dinâmico que faz crescer, através do sopro do Espírito, a Igreja e mantê-la no seguimento criativo de Jesus Cristo. Se, em séculos passados, a comunidade cristã esteve muito preocupada em colocar à margem a evidência da força carismática, está na hora de prestar atenção ao perigo oposto, aquele de uma instituição demasiada sufocante e paralisante em relação aos múltiplos dons de Deus.¹⁵

O discurso sobre a valorização dos carismas está bem presente

13 H.U. Von Balthasar, La grazia e il carisma, In, Sponsa Verbi, Morcelliana, Brescia, 1969, p. 297-309.

14 P. Martinelli, La dimensione carismática dela Chiesa e la vita consagrada, in Italia Franciscana, 90, (1/2015), p. 19.

15 K. Rahner, L'elemento dinâmico nella Chiesa, Morcelliana, Brescia, 1970.

no Documento “Iuvenescit ecclesia”, sobretudo no que se refere aos movimentos eclesiais e às novas comunidades,¹⁶ e envolve somente uma parte da vida consagrada como dom – carisma – dado pelo espírito à Igreja universal através da Igreja local:

De fato, de uma parte, os dons carismáticos são dados a toda a Igreja; de outra parte, a dinâmica destes dons não pode realizar-se senão ao serviço de uma concreta diocese, à qual é “uma porção do povo de Deus confiada aos cuidados pastorais do bispo auxiliado pelo seu presbitério (CD 11). Sobre isso, pode ser útil recordar o caso da vida consagrada; essa, de fato, não é uma realidade externa ou independente da vida da Igreja local, mas constitui um modo particular, marcado pela radicalidade evangélica, estando presente no interior da Igreja, com seus dons específicos (IE 21).

Não há nenhuma dúvida, como bem disse o então bispo auxiliar de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio, sobre o fato de que a “vida consagrada é dom à Igreja, nasce na Igreja, cresce na Igreja, é toda orientada à Igreja,”¹⁷ po-

16 F. Ciardi, Carismi dei consacrati e Chiesa locale, In Larrañaga (Ed.), La vita consagrada nel mistério dela Chiesa, Àncora, Milano 2017, p. 49.

17 J.M. Bergoglio, Intervento al sínodo sulla vita consagrada e la sua missione nella Chiesa e nel mondo, XVI Congregazione Generale del 13 ottobre 1994, In “Il Regno Documenti” 21 (2014), p. 688; Francisco, La forza dela vocazione. Conversazione com Fernando Prado, EDB, Bologna, p. 41.



rém, a questão é o como, pois não pode ser resolvido em chave puramente jurídica, invocando a tradicional instituição da essência.¹⁸ Ela requer, por sua vez, uma reflexão eclesiológica qualificada. A vida religiosa vive e respira na e pela Igreja, trata-se do seu ser – menos do que o fazer, às vezes pouco ressaltado – que enriquece a Igreja com o tesouro carismático que a torna fiel ao Evangelho de Jesus, sobretudo à missão evangelizadora. Essa, por sua vez, é na Igreja e para a Igreja como a sua parte determinante. Contudo, não faltam críticas a esse respeito, nos dias de hoje.

Causa muita fadiga identificar a vida consagrada como essencial para a vida da Igreja, porque ela a qualificaria somente de forma accidental, como uma variável facultativa, não como essencial. Dizer essencial, não significa afirmar que as suas formas de expressão são perenes e imutáveis e que não pertencem ao bem viver da Igreja, mas ao seu próprio ser, à sua identidade mais plena. Segundo João Paulo II, “a concepção de uma Igreja composta somente de ministros ordenados e de leigos, não responde a intenção de Jesus

¹⁸ Ciardi, *Carismi dei consacrati e Chiesa locale*, Op.cit, p. 54; G. Pasquale, *I religiosi e la Chiesa locale. Tra esenzione e giusta autonomia*, Ancora, Milano, 2015, p. 118.

e muito menos do Evangelho e de outros escritos do Novo Testamento” (VC 29).

De forma prática, como não é sensato afirmar que, se numa Igreja local não está presente a vida consagrada, este fato pode ser interpretado como uma deficiência da sua eclesialidade, como algumas intervenções do sínodo de 1994 chegaram a afirmar, é superficial conceber a vida consagrada como uma presença contingente, pouco, ou de nenhuma forma dotada de eclesialidade pela Igreja local. O debate sobre a essencialidade da vida consagrada não defende o direito dos religiosos a serem reconhecidos no interior da Igreja local, mas reconhece a comunhão dos consagrados com a Igreja local e não apenas no que se refere à comunhão no interno da vida consagrada.¹⁹

Contudo, nos ambientes onde a Igreja tem pouca presença do clero ou de agentes de pastoral ou, onde a Igreja tem um grande número de agentes e clero, a situação difere bastante. Por outro lado, a situação é muito desarmônica em outras partes do mundo, pois, em alguns o testemunho evangélico dos religiosos(as) é determinante

¹⁹ P. Martinelli, *La teologia della vita consacrata*, in *Vita Consacrata*, 44 (2008), p. 408.



para a Evangelização. A atualização que está sendo feita no documento “Mutuae relationes”, publicado em 1978, será de grande proveito e reais benefícios se for acompanhado pelo movimento sinodal de recíproco encontro entre bispos e religiosos(as), um encontro que fortaleça sobretudo a parresia, muito mais que o estilo puramente diplomático das relações. Há dois princípios que, segundo o jurista Agostino Montan, deveriam estar presente no novo texto:²⁰ a eclesiologia de comunhão e a co-essencialidade dos dons hierárquicos e carismáticos, acrescentando ainda o da sinodalidade, para dar eficácia às novas orientações e relações.

De volta ao texto da Comissão Teológica Internacional, o n. 74 insiste na necessidade de integrar a vida consagrada nos processos sinodais da igreja local e de a própria Igreja local ter presente as formas sinodais que já existem na práxis da vida consagrada, sobretudo com o objetivo comum da evangelização. Fala-se concretamente de “estimular e individualizar novos caminhos de evangelização.” De fato, a “sinodalidade na Igreja está a serviço da missão. É da natureza da Igreja peregrina

20 A. Montan, *La vita consacrata nella Chiesa particolare in una eclesiologia di comunione*, Lateran University Press, Città del Vaticano 2018, p. 83.

a essência missionária (AG 2), a Igreja existe para evangelizar” (AG 53), por isso, todos estão ativamente integrados; particularmente, segundo o IE, os dons carismáticos são “de importância irrenunciáveis para a vida e a missão eclesial” (n.9), portanto, em comunhão com os ministérios ordenados e com os sacramentos. O número 105 da Comissão Teológica Internacional reforça esta questão:

A conversão pastoral para concretizar a sinodalidade exige que alguns paradigmas, ainda presentes na cultura eclesiástica sejam superados, porque exprimem uma compreensão da Igreja não renovada pela eclesiologia de comunhão. Entre esses, o insuficiente reconhecimento da vida consagrada e dos dons carismáticos.

Num tempo em que a pastoral da Igreja parece girar num vazio, é sempre mais difícil encontrar caminhos de evangelização que ultrapassem o “sempre foi assim”, marcado pela repetição do passado que conduz a uma pastoral que faz pouco e não muda quase nada. É preciso questionar se não se deveria tomar isso como algo sério e de relevância. Uma coisa é certa: ninguém tem a solução de forma isolada, mas o reconhecimento da pluralidade dos carismas e do seu valor pode ser um bom início para viver e configurar uma forma



de Igreja de portas abertas. De fato, os religiosos trabalham na porta giratória da Igreja, por onde as pessoas entram e saem todo o tempo. Podemos pensar nos santuários, por exemplo, e no alcance de sua ação pastoral. Num pequeno volume de 70 páginas, J. B. Metz apresenta as ordens religiosas num cômodo alinhamento com os planos pastorais diocesanos, perdendo, assim, a função profética do seu agir. Recentemente, o mesmo Metz, convocou os religiosos a se inserirem naquilo que ele chama de “pastoral da diáspora na Europa” para “serem próximos daqueles que escapam das grandes organizações eclesiais, paroquiais e às formas de assistência da Igreja popular.”²¹ O grande dilema pastoral hoje é escolher entre duas lógicas de pensamento e de fé, isto é, “o medo de perder os que estão salvos e o desejo de salvar os perdidos.”²² Na Igreja local é preciso saber fazer uma aliança para que, com a colaboração de todos, com uma sadia divisão de funções, todos esses objetivos sejam garantidos.

21 J.B. Metz, *Mistica degli occhi aperti. Per una spiritualità concreta e responsabile*, Queriniana, Brescia 2013, p. 95-96.

22 M. Zuppi, *I consacrati nella pastorale della Chiesa locale*, in Larrañaga (ed.), *La vita consacrata nel mistero della Chiesa*, Op. Cit, p. 72.

Três notas ao pé de página

No documento da Comissão Teológica Internacional sobre a sinodalidade que estamos examinando não podem escapar algumas citações, colocadas em lugares estratégicos, que chamam diretamente em causa a vida consagrada. Tal é o n. 107:

O ethos da Igreja Povo de Deus convocado pelo Pai e guiado pelo Espírito Santo em comunhão com Jesus Cristo “o sacramento, ou seja, sinal e instrumento, da união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (CTI, nota 133) expressa-se e se alimenta da conversão pessoal e da espiritualidade de comunhão.

Depois da “unidade de todo o gênero humano”, está a nota que remete à “Lumen Gentium” 1, que se refere também ao documento de 1994 da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólicas, “A vida fraterna em comunidade”:

Na sua peregrinação neste mundo, a Igreja, uma e santa, constantemente está marcada por uma tensão, às vezes dolorosa, a unidade. O concílio Vaticano II empenhou-se em realizar, talvez como nunca antes, esta misteriosa e comum dimensão da igreja (VC 9).



A sessão intitulada “A espiritualidade de comunhão e a formação à sinodalidade”, do documento “A vida fraterna em comunidade”, (n.107-109) inicia fazendo uma referência ao texto da LG e a um dos mais citados documentos pós-conciliar sobre a vida consagrada, sobretudo por apontar e realizar a comunhão dos religiosos caracterizado pela autêntica diaconia. O chamado do texto à espiritualidade de comunhão, conceito relançado pelo Papa João Paulo II para o novo milênio,²³ tema

²³ João Paulo II, *Novo millennio ineunte*, 2001, n. 43, Espiritualidade da comunhão significa em primeiro lugar ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há-de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor. Espiritualidade da comunhão significa também a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico, isto é, como « um que faz parte de mim », para saber partilhar as suas alegrias e os seus sofrimentos, para intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades, para oferecer-lhe uma verdadeira e profunda amizade. Espiritualidade da comunhão é ainda a capacidade de ver antes de mais nada o que há de positivo no outro, para acolhê-lo e valorizá-lo como dom de Deus: um « dom para mim », como o é para o irmão que diretamente o recebeu. Por fim, espiritualidade da comunhão é saber « criar espaço » para o irmão, levando « os fardos uns dos outros » (Gal 6,2) e rejeitando as tentações egoístas que sempre nos insidiam e geram competição, arrivismo, suspeitas, ciúmes. Não haja ilusões! Sem esta caminhada espiritual, de pouco servirão os instrumentos exteriores da comunhão. Revelar-se-iam mais como estruturas sem alma, máscaras de comunhão, do que como vias para a sua expressão e crescimento. <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/>

que já encontramos presente na Exortação Apostólica Pós-sinodal “Vita Consecrata”. A espiritualidade de comunhão é indicada no documento da CTI a partir do fundamento da graça recebida no Batismo, com sua plenitude na Eucaristia, como “passagem do EU individualista ao NÓS eclesial (n.107). Essa passagem do EU ao NÓS revela uma sinfonia comunitária e apostólica que reelabora, em chave eclesial, um dos textos mais incisivos do documento A vida fraterna em comunidade: “a comunidade religiosa é o lugar aonde, no cotidiano, há a passagem do EU ao NÓS, do meu empenho ao empenho confiado à comunidade, da busca das minhas coisas à busca das coisas de Jesus Cristo” (VC 39).

Ao que tudo indica, “a conversão para uma renovada sinodalidade”, que é a quarta e última parte do documento da CTI, percorre o caminho que a vida consagrada já está fazendo e ainda procura fazer, nos nossos dias, mas isso é considerado não apenas como uma práxis cristã que se apoia na graça de Deus e não na sua força pessoal, mas que coloca em sinergia dons que são próprios da Igreja.²⁴

[pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html](https://www.vatican.va/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html), acesso 30/08/2022.

²⁴ S.Segoloni Rua, *Il rilievo eclesiológico della vita consacrata*, in *Convivium*



2. A segunda nota, que implica numa referência à vida consagrada, é a citação da Regra de Santo Agostinho onde se diz que os irmãos devem ter “um mesmo coração e uma mesma alma no seguimento para Deus.”²⁵ Em vista, claro, de uma missão que, mantendo Deus como meta, deve encontrar e envolver a cada pessoa. É sempre importante deixar-se interpelar pela pergunta: como podemos ser uma Igreja verdadeiramente sinodal se não estivermos em saída em direção a todos e a Deus?

Neste sentido, precisamos refletir sobre o por que na vida consagrada, em base a uma autêntica motivação teológica e não num movimento involutivo, há uma certa convicção, segundo a qual a vida fraterna em comunhão é a primeira forma de missão. Uma correta eclesiologia ensina que a missão move a todos a partir da comunhão e a ela reconduz. Aqui é importante considerar que não podemos fazer da comunhão um âmbito separado, autorreferencial, no sentido de considerar a sinodalidade como algo interno da Igreja, sem impacto sobre a

Assisiense, 17/1 (2015), p. 231-275; C. Stercal, La vita consacrata: a servizio dell vocazione di tutti, in P. Martinelli (ed.), Vocazione alla vita consacrata oggi, Glossa, Milano, 2019, p. 91-102.

25 Agostinho, Regra, I, 3, cit. In CTI, La sinodalità nella vita e nella missione della Chiesa, n. 109.

realidade e sem encontrar aqueles que Papa Francisco costuma chamar “a carne de Cristo”, ou seja, os pobres.

3. A terceira citação que nos interessa provém da Regra de São Bento. Trata-se de um convite ao exercício do diálogo sinodal, “humildade, que proporciona de cada um à vontade de Deus e a recíproca obediência a Cristo.”²⁶ O versículo 6 do capítulo 72 da Regra, citado ao pé da página, diz, referindo-se aos monges: “encorajemo-nos a obedecer entre nós”. A obediência de todos para com todos, sobretudo entre pares, é uma grande meta para se viver em comunhão de discipulado. Quem tem familiaridade com a vida consagrada, sabe, por experiência, que a obediência recíproca, de forma horizontal e nunca de forma vertical, é sempre mais fácil, porque dignifica ao da dar crédito aos irmãos e às irmãs com os quais se vive ombro a ombro e que não se pode criar vantagens específicas de autoridade.

Para bem da verdade, a obediência fraterna é muito mais cansativa e a mais difícil porque não se trata apenas de uma prática ascética, uma disciplina para viver junto, mas é uma busca comum, feita juntos, na vontade de Deus, aceitando que os outros tenham mais discernimento sobre mim e somos mais habilitados a reconhecer-nos segundo a vontade

26 Idem, n. 112



de Deus e a realiza-la. Isso vai sublinhado com precisão: a obediência não se dá somente na relação com quem tem autoridade, porque há, sobretudo, uma obediência recíproca para viver entre irmãos.²⁷

Por outro lado, é possível fazer notar que, em geral, a obediência ao irmão/irmã e à comunidade realiza-se verdadeiramente quando acontece na relação com os superiores, porque a ideia de serviçal e oportunismo é menor e isso leva a que a obediência fraterna seja o verdadeiro mapa que indique a qualidade da obediência ao interno de um grupo que vive o discipulado de Jesus Cristo. Trata-se de viver o mandamento novo de Jesus Cristo (“amai-vos uns aos outros como eu vos amei”, Jo 13,34; 15,12) num contexto particular de um grupo de irmãos e irmãs que não escolheram a quem amar, pelo fato de que, na fraternidade, o outro é sempre o irmão (ã) “pelo qual Jesus Cristo morreu” (1 Cor 8,11). Imaginemos a fecundidade deste percurso num projeto sinodal realizado entre pessoas diferentes, porém, desejosas de servir ao Senhor e esperar o seu Reino.

Conclusão

Se, para apresentar o tema da sinodalidade, o documento da

²⁷ E. Bianchi, *Nella libertà e per amore*, Qiqajon, Magnano, (BI) 2014, p. 66

CTI várias vezes cita a vida consagrada e a sua história, aos seus organismos de colegialidade e a espiritualidade de comunhão que tornam possível a assistência e o funcionamento, significa concretamente que há na vida consagrada uma altíssima concretização da sinodalidade e do exercício da colegialidade. Que o Papa Francisco, depois de quatro semanas de sua eleição tenha anunciado o “Conselho de cardeais”, (o famoso G 9), nos faz pensar na forma colegiada da vida consagrada de cuja herança espiritual vem Francisco, jesuíta.

Quando se defende o sentido da co-essencialidade de dons hierárquicos e carismáticos, o fazemos para superar a clássica separação entre hierarquia e carismas, que muito se manifestou na história recente, com muitos enfrentamentos que negam, inclusive, a ampla riqueza do valor carismático da Igreja, “uma porque garante o programa católico da contracultura que não se reduz a ideologia antimodernista”. De fato, o documento da CTI de 2016, fala muito mais dos movimentos eclesiais que sobre a vida consagrada, haja visto que o magistério católico, no pós-concílio, evidenciou sobremaneira os movimentos, esquecendo-se que os mesmos tiveram sua formação entre os anos 80 e 90, sobretudo com a



tese da ineficácia das igrejas locais em relação à Evangelização, assim como as Ordens mendicantes, entre os séculos XII e XIII, quando a Igreja não tinha tão claro seu caráter universal. Hoje, este preconceito da ineficácia da evangelização das igrejas locais está praticamente superado e, de fato, não aparece nenhuma referência a este tema na “*Evangelium Gaudium*”, o documento programático do Papa Francisco: parte-se do Povo de Deus, do conjunto da Igreja sem dar carta branca ou delegar a outros os valores da Igreja. Todos os dons, hierárquicos e carismáticos, são para a missão da Igreja.

Por fim, algumas interrogações, porque a sinodalidade não é um tema que se esgota em si mesmo, mas se constrói no saber caminhar, passo a passo, todos juntos, em solidariedade para a mesma meta. Os consagrados(as) vivem em suas comunidades, nas instituições, na gestão do poder, na relação com os superiores(as), uma eficaz experiência sinodal? Sentem que podem exprimir a sinodalidade através de suas estruturas colegiadas? A palavra participação é ainda hoje capaz de mover ou, talvez, está paralisada? Provavelmente a situação de emergência de alguns institutos têm favorecido uma certa “paralização ou estado de

deriva” no exercício da autoridade, como manifestou o secretário para o Dicastério da Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica.²⁸

Na verdade, ele já tinha se pronunciado no documento “Para vinho novo, odres novos”:

Cuidado e vigilância para que o fosso que há entre os consagrados que exercem autoridade em vários níveis, ou que tenham o dever de administrar os bens e as irmãs e irmãos que dependem desses não sejam legados ao sofrimento devido à disparidade e formas autoritárias de exercício do poder. Isso ocorre quando os primeiros desenvolvem a maturidade e a projetualidade, enquanto os outros são desprovidos de total capacidade de discernimento e decisão no desenvolvimento dos objetivos e pessoais e comunitários (n. 40).

Certamente há problemas sérios na dimensão fraterna, ou seja, em relação à obediência de todos no confronto entre todos na comunidade, seja feminina ou masculina. Trata-se de um tema que não pode ser esquecido na agenda.

Outra questão que não pode ficar esquecida é a relação com a igreja local. Os consagrados sentem a igreja local como a própria casa, o lugar onde são chamados a cultivar o bem de todos e o próprio carisma em sintonia com os dons seus e dos outros

²⁸ J.R. Carballo, *L'arte della fedeltà creativa*, in *L'Osservatore Romano*, 2/02/2019, p. 6



sob a guia do bispo? São ainda coerentes com a fórmula “consagrados versus igreja local”, como se fossem duas realidades em confronto, ou compreendem que a inserção na igreja local não os penaliza, mas lhes permite exprimir melhor os próprios dons? Vivem a sinodalidade “ad intra” como estímulo para levar adiante a específica contribuição sinodal à igreja local? Na vida monástica, num passado e, talvez hoje, de certa maneira, existem duas linhas: aquela da fuga do mundo que, em alguns casos, pode ser interpretado como fuga da Igreja, segundo o costume monástico de que o monge deve fugir dos inimigos; a outra, por sua vez, é o modelo pacomiano e basiliano, que busca manter uma relação estreita com a igreja local. Essa segunda é, certamente, o caminho mais fecundo e mais correspondente com a imagem da Igreja proposta pelo Concílio Vaticano II.

A partir de outra consideração, é preciso perguntar sobre qual é o imaginário que muitos bispos e padres diocesanos têm sobre a vida consagrada. São vistos apenas como reservas que estão na primeira fila quando falta pessoal eclesialístico ou são integrados no agir pastoral das dioceses? São considerados um problema ou uma solução, ou, talvez, uma solução necessária que se recorre fechando um olho diante dos eventuais problemas? Como e quando se fala dos consagrados nos cursos de teologia nos seminários e faculdades teológicas? Os manuais de teologia pós-conciliares quase nunca apresentam a vida consagrada com o justo reconhecimento. Muitos nem falam da vida consagrada. Essas situações são contraproducentes e não ajudam nas mútuas relações e muito menos no caminho que ainda temos que fazer juntos.



A MISSÃO DO PRESBÍTERO RELIGIOSO E O CLERICALISMO

PE. RAFAEL LOPEZ VILLASEÑOR¹

Resumo: O artigo reflete sobre alguns aspectos do papel do presbítero religioso, desafiado pela cultura clericalista que vai na contramão do Papa Francisco de constituir uma “Igreja em saída”, sinodal e decididamente missionária. Historicamente a Vida Religiosa masculina nasceu laical, mas com o passar dos séculos tornou-se quase na sua totalidade clerical. A vocação laical do religioso foi considerada de segunda categoria, a desigualdade nas congregações clericais entre clérigos e não clérigos passou a ser perceptível. Na história da Igreja o Religioso presbítero foi uma força suplementar na missão evangelizadora. Os religiosos presbíteros, a partir dos carismas próprios, incrementaram a vida espiritual e missionária da Igreja. Os religiosos missionários se empenharam com ardor na missão universal evangelizadora da Igreja. O Pontificado de Francisco propõe uma Igreja missionária que enfrenta as mazelas do clericalismo, que originam vários tipos de contratestemunho na ação pastoral missionária.

Palavras-chave: Vida Religiosa Consagrada; Ministério Ordenado; Clericalismo; Papa Francisco.

1 Presbítero, Missionário Xaveriano, Superior Provincial. Membro da Equipe Interdisciplinar



Introdução

Francisco condena intensamente o clericalismo, um dos maiores desafios na atualidade da Igreja Católica. Ele está tão fortemente enraizado nas estruturas eclesiais que, dificilmente, conseguimos imaginar uma maneira de pensar e de agir diferente. As mazelas do clericalismo aparecem como empecilho para uma Igreja sinodal e missionária. Diante desta realidade nos perguntamos: qual é a missão do religioso presbítero na Igreja? O que entendemos por clericalismo? Será que a Vida Religiosa Consagrada não está passando também pelo clericalismo? Por que existe uma caminhada eclesial na contramão das reformas do Papa Francisco? Estas e outras questões nos fazem pensar no contratemunho de religiosos clérigos que buscam uma vida confortável, cheia de privilégios, com celebrações litúrgicas que exageram nas rubricas, com uso excessivo de roupas clericais, buscando sempre mais regalias e conforto.

A identidade do presbítero

De acordo com a Tradição da Igreja, o ministério ordenado compreende três graus, o episcopado, o presbiterado e o

diaconato. O ministério ordenado tem a missão de ser animador das forças vivas presentes na comunidade, coordenador dos ministérios, da construção do Povo de Deus e de ser o elo de comunhão, enquanto coordena em função da unidade. Tendo como missão principal anunciar e testemunhar o Evangelho, com o “cheiro das ovelhas” (EG 24), construindo a comunidade eclesial, diante de individualismo, subjetivismo pós-moderno, “não deixemos que nos roubem a comunidade!” (EG 92).

O presbítero deve estar presente na comunidade como um irmão entre os irmãos, com o sacerdócio comum dos fiéis (LG 10). “Seu ministério nasce na comunidade e ele representa a Igreja” (CARRARA, 2019, p 65). O ministro ordenado faz parte do presbitério, de um colégio que ajuda o bispo em sua solicitude para com a Igreja local. Deve agir em comunhão com as diretrizes e orientações da diocese. Entretanto, o presbítero religioso tem um acréscimo mais: ele faz a profissão dos conselhos evangélicos, faz parte de uma comunidade religiosa e deve se inserir com a



caminhada da Igreja local para uma missão específica.

Segundo Taborda (1999, p 370), no primeiro milênio da história da Igreja, a ordenação tinha sempre em vista uma Igreja local, o que vetava, inclusive, as ordenações absolutas. O Espírito Santo, nesse caso, suscita o ministério episcopal através da comunidade local, cabendo aos bispos vizinhos a legitimação da escolha pelo discernimento das qualidades do candidato, as quais permitem conferir-lhe o Espírito pela oração e imposição das mãos. Nesse período da história, o exercício do ministério episcopal e presbiteral não se compreende fora da comunidade cristã na qual atua. Por isso, era comum a ordenação de “*invitus*” e “*coatus*”, ou seja, homens convidados, às vezes coagidos, devido às suas qualidades e virtudes, a assumir esses ministérios de presidência da comunidade e dos carismas (TABORDA, 2011 p 42).

O presbítero, como representante da Igreja, exerce uma função de liderança na comunidade eclesial local. O ministério é uma graça recebida pela Igreja que, ao reconhecer tal carisma, aceita e confirma a precedente vocação de Deus. A nomeação comporta uma legitimação espiritual para

a comunidade e para o próprio ordenado. A compreensão de ordenação não esgota o significado teológico da vocação, enquanto se converte em novo acontecimento de graça. Pelo contrário, ajuda a compreendê-la na medida em que o ministério ordenado se converte em um elemento ordenador e organizador da comunidade (HACKMANN, 2011, p. 1096).

De acordo com Carrara, no segundo milênio surgiu uma concepção mais cristológica e individualista do ministério ordenado, quando se generalizou no Ocidente a ordenação absoluta. Por sua vez, o Concílio de Trento reforçou a concepção ministerial centrando-se nos poderes sacramentais, como reação à insistência dos reformadores no serviço da pregação. Nessa compreensão, o candidato a clérigo recebe do próprio Cristo a vocação sacerdotal sem passar pela mediação da comunidade.

Nesta compreensão, a oração e imposição das mãos do bispo conferem ao clérigo o “poder de ordem” e o capacita para desempenhar as ações de Cristo pelos sacramentos. A comunidade eclesial desaparece do horizonte, porque o acento recai sobre o fato jurídico da ordenação válida. O presbítero recebe o sacramento da ordem



para administrar os sacramentos, para ser pastor, para a missão evangelizadora. A finalidade da ordenação é a ação evangelizadora da igreja, fazendo com que “todas as pastorais se tornem mais missionárias, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de saída” (EG 27).

A ação pastoral missionária do presbítero não deve privilegiar ninguém, mas deve ter um coração para os pobres, os pequenos, os fracos, para as crianças, os doentes, as minorias e os desfavorecidos colocando a vida a serviço do Reino, sendo protagonista da missão, chegando à vida das pessoas. (CARRARA, 2019b p. 71). O presbítero tem como missão abandonar as comodidades para ir às periferias do mundo (EG 19-20), constituindo uma Igreja em saída e de portas abertas (EG 47). Também tem a missão e o ministério de estar a serviço da misericórdia. Neste sentido, o Papa Francisco diz: “aos sacerdotes, lembro que o confessionário não deve ser uma câmara de tortura, mas o lugar da misericórdia do Senhor que nos incentiva a praticar o bem possível” (EG, 44). A pregação forma parte essencial da missão presbiteral, por isso, a homilia deve ser “uma experiência intensa e feliz do Espírito,

um consolador encontro com a Palavra, uma fonte constante de renovação e crescimento” (EG 137).

Presbíteros Religiosos com uma missão universal

Lembremos que a Vida Religiosa masculina tem suas origens no estado de vida laical. Ela não nasceu clerical. Porém, com o passar dos anos, passou a ser majoritariamente clerical. Os clérigos bispos oriundos da Vida Consagrada, ao assumirem o ministérios episcopal, passaram a deixar a obediência e a comunidade religiosa, tornando-se parte do clero diocesano. Apenas os religiosos diáconos – raros e, normalmente, temporários - permanecem unidos afetivamente à ordem ou congregação de origem. Os religiosos presbíteros, permanecendo na ordem ou congregação, são a maioria dos clérigos religiosos.

Ao longo da história, no primeiro milênio, o carisma da Vida Religiosa Consagrada segue a originalidade e os religiosos normalmente não são ordenados presbíteros. Monges e eremitas eram ocasionalmente escolhidos para exercer o ministério episcopal em Igrejas locais desejosas



ou necessitadas de um bispo considerado santo. Nos mosteiros, alguns monges recebiam a ordenação para o serviço litúrgico. As ordenações absolutas eram proibidas pelo Concílio de Calcedônia e aconteciam excepcionalmente. O certo é que, normalmente, no primeiro milênio, os religiosos não eram ordenados. Portanto, a Vida Religiosa não nasceu clerical. (CARRARA, 2019 p 69).

A ordenação de monges presbíteros começou para possibilitar a celebração da eucaristia nos mosteiros. Bastavam dois ou três monges presbíteros para solucionar o problema. Com a valorização da missa como “boa obra”, obra meritória, veio a multiplicação das missas pelos defuntos ou das “missas penitenciais”, levando à expansão do número de monges presbíteros. O surgimento das ordens mendicantes trouxe consigo uma nova perspectiva. Os frades eram ordenados para melhor poderem exercer sua missão de pregar o Evangelho. Mas continuavam primeiramente como irmãos ou frades (TABORDA, 2008, p 44).

No segundo milênio, o carisma da Vida Religiosa e do ministério presbiteral foram fortemente clericalizados. A partir do séc. XII, no Ocidente, tornou-se

quase unânime a regra da existência de presbíteros religiosos (TABORDA 1999 p 372). As fraternidades mendicantes que nasceram não-clericais, distanciaram-se da inspiração original e se tornaram clericais, o mesmo acontecendo com as ordens monásticas. As missas penitenciais e pelas almas fortalecem o fenômeno da clericalização da Vida Religiosa. A pregação passou a formar parte da missão mais universal dos clérigos ordenados. Os presbíteros religiosos têm o privilégio da não pertença obrigatória a um presbitério. Eles têm uma missão mais universal. A função de presidir a celebração eucarística na comunidade que se animou pela pregação requer a ordenação presbiteral. Os religiosos passam a ser ordenados, podendo presidir a celebração da eucaristia e os sacramentos; caso contrário, não poderiam fazê-lo, mesmo que tivessem edificado a comunidade com a palavra Evangelizadora (TABORDA, 1999, p. 378)

No começo do século XVI surgem novas congregações religiosas totalmente clericais, com irmãos leigos colaboradores como auxiliares nos serviços domésticos e serviços gerais. Nas ordens mendicantes, o Religioso Ordenado passa ser uma força



suplementar na missão evangelizadora. Os religiosos presbíteros, a partir dos carismas próprios das congregações, incrementaram a vida espiritual e missionária da Igreja, mesmo num contexto de clericalização e privatização do ministério presbiteral.

Monges e religiosos são ordenados presbíteros para presidirem comunidades eucarísticas específicas, cada vez mais autônomas e aleatórias e até mesmo, para simplesmente “rezarem a missa” sem a presença do povo. O monge e o religioso seriam presbíteros em sentido lato, enquanto é permitida a presidência da eucaristia das comunidades que edificaram com o testemunho de vida ou com a pregação (TABORDA, 1999, p. 379).

Ser presbítero e ser religioso são carismas distintos, que nasceram em contextos diferentes da história da Igreja. Porém, com o passar dos anos, foram unificados. O carisma da Vida Religiosa Consagrada não é presbiteral. (CARRARA, 2019, p. 70). Na ordenação de religiosos, uma vez que o presbítero religioso pertence a uma ordem ou congregação onde faz voto de obediência, além do superior local, deve obedecer a um bispo local quando está a serviço da ação pastoral.

Os religiosos missionários se empenharam com ardor na missão evangelizadora da Igreja, em um trabalho mais universal e menos local, uma vez que as congregações se espalharam pelos continentes. Foram liberados para uma missão mais universal e missionária nas ordens ou congregações, ficando sujeitos aos legítimos superiores e pertencendo aos presbitérios dos lugares para onde forem enviados e exercem a ação missionária. Recordemos que nos seus primeiros quatro séculos de história, a América Latina contou, para a evangelização, quase exclusivamente, com instituições religiosas fundadas na Europa: Dominicanos, Franciscanos, Mercedários, Jesuítas, Agostinianos, entre muitas outras congregações ou ordens religiosas.

Falar de protagonismo de religiosos presbíteros na Evangelização ao longo da história, de suas atividades, dos personagens e de seus feitos, não é difícil. A Vida Religiosa masculina, apesar de não perder a intuição original, fica associada ao ministério presbiteral, mesmo que, na modernidade, nasçam congregações não clericais. Porém, a maioria, são clericais, até porque a pregação e



as missões se tornaram parte de muitos carismas fundacionais.

Os presbíteros religiosos, uma vez que professam os votos numa congregação, especialmente se é missionária e de direito pontifício, encontram-se numa eclesialidade universal, podendo exercer seu ministério em qualquer lugar do mundo onde a congregação estiver presente. Obedecem ao Papa como supremo superior (CIC 590), exercem a mesma obediência na Igreja particular ao bispo diocesano em razão de sua autoridade pastoral. Na ordenação, os presbíteros religiosos prometem obediência ao legítimo superior e ao bispo diocesano (CARRARA, 2019, p. 73). Por sua vez, o presbítero diocesano faz parte da igreja particular. Portanto, integrando o clero religioso e o clero diocesano no mesmo presbitério, realizando a justa harmonia entre a Igreja particular e a Igreja universal, é na Igreja particular onde se expressa o carisma das congregações. Os padres religiosos vivem o ministério com uma missão universal. É na mútua partilha dos dons e carismas próprios com a Igreja particular que é expresso o carisma específico.

Muitos padres religiosos, ao não ter uma comunidade cristã para presidir a celebração

eucarística, “rezam a missa sozinhos”, fora do contexto comunitária, como uma devoção e não como um ato comunitário. Não seria esta atitude uma forma de clericalismo? Esquecem a fórmula de que ninguém se batiza a si mesmo, nem se absolve os próprios pecados, então não poderia

“celebrar solitariamente a eucaristia, pois a celebração, requer ser feita na comunhão, de onde se segue a necessidade constantemente requerida pelo Direito Canônico no cânone 906, que pede a participação de ao menos outro cristão que responda Amém. Mas também assumir paróquias e funções mais ou menos estáveis ou diretivas numa diocese não seria apropriado ao ministério próprio do religioso presbítero” (TABORDA, 1999, p. 380).

Uma Vida Religiosa sem clericalismo

O clericalismo está presente na Vida Religiosa de muitas maneiras, especialmente na parte masculina composta em sua maioria por clérigos. Existem muitos religiosos presbíteros clericalizados; mas há também os que não estão clericalizados. São ministros que caminham junto com o povo, aprendem com os leigos e com as comunidades cristãs. A Vida Religiosa Consagrada surgiu como uma resposta concreta a



uma determinada conjuntura para viver a radicalidade do Evangelho, tentando suprir uma carência eclesial e mundial, testemunhando um estilo de vida profético.

Nos institutos clericais, na maioria deles, não se incentiva a vocação para irmãos religiosos, não se têm um curriculum formativo específico para a Vida Religiosa masculina leiga. Inclusive, quem é chamado por Deus para a vocação religiosa como irmão consagrado sem ser clérigo, é muitas vezes desmotivado. Tal atitude revela a noção de que ser religioso sem ser clérigo seria uma falta de algo, uma carência, como se a Vida Religiosa não tivesse nascido laical e o essencial não fosse a profissão religiosa. Permanece certa mentalidade equívoca de que tais religiosos são pessoas que não são nem presbíteros nem seculares, mas que estão situadas no meio do caminho, como se fossem incompletos, indefinidos.

Enfatizamos que a Vida Religiosa não nasceu clerical, mas aos poucos a maioria dos institutos religiosos foram clericalizados. O importante para o religioso homem, com o passar do tempo, foi ser presbítero e não irmão religioso. A vocação laical

do irmão religioso ficou numa espécie de segunda categoria e com pouco reconhecimento. Infelizmente, ao longo da história, os irmãos religiosos nas congregações clericais passaram a não ter uma preparação intelectual, a fazer os trabalhos manuais domésticos e mais simples como os serviços gerais.

A desigualdade nas congregações clericais entre clérigos e não clérigos passou a ser muito perceptível, principalmente no exercício do serviço da autoridade. Os irmãos não poderiam exercer o serviço de “superiores” por estarem em uma congregação ou ordem clerical. Ainda devemos fazer um caminho de desclericalização da Vida Religiosa. Finalmente, em 18 de maio de 2022, o irmão leigo, teve a autorização canônica, para poder prestar o serviço de autoridade, sendo superior de um instituto clerical. O Papa Francisco aprovou a mudança em 11 de fevereiro, concedendo a faculdade de nomear superior maior qualquer religioso, mesmo sem ser presbítero e pertencendo a uma congregação clerical. Com a decisão de Francisco, ficou revogado o cânon 588 do Código de Direito Canônico, que dizia que,



o estado de vida consagrada, por sua natureza, não é clerical nem laical. Denomina-se instituto clerical o que, em razão do fim ou objetivo determinado pelo fundador ou em virtude da legítima tradição, se encontra sob o governo de clérigos, assume o exercício da ordem sagrada, e como tal é reconhecido pela autoridade da Igreja.

O Rescrito do Papa Francisco publicado em 18 de maio, contém quatro artigos que determinam que a Congregação para a Vida Religiosa e os Institutos de Vida Consagrada continua sendo a instância suprema encarregada de “avaliar o caso individualmente e as razões alegadas pelo Moderador supremo ou pelo capítulo geral”. Diante da nova disposição, nas congregações ou institutos clericais, todos são irmãos entre si, com os mesmos direitos e deveres, ordenados ou não. Desse modo, o serviço da autoridade não está vinculado ao sacramento da ordenação presbiteral. De acordo com a nova norma, todos os membros que fazem parte de uma família religiosa como “não clérigos” podem ser eleitos superiores maiores do instituto. A mudança é sinodal, é um passo em direção de uma vida religiosa mais fraternal. Mas não é suficiente, devemos percorrer ainda um longo caminho.

A Vida Religiosa há de ser cada vez mais sinodal e evangelizadora, na medida em que vive radicalmente a experiência cristã e testemunha a entrega total no seguimento de Cristo sendo todos irmãos, independentemente de ser clérigo ou não. A força pastoral e missionária do religioso vem do fato de ser expressão do seguimento de Cristo no meio do Povo de Deus.

Uma Igreja missionária sem clericalismo

Francisco propõe uma Igreja missionária em saída e de portas abertas (EG 46). Uma igreja missionária que enfrenta as mazelas do clericalismo, fonte de contra-testemunho na ação missionária. Em 13 de agosto de 2018, ele disse aos jovens italianos reunidos no Circo Máximo: “o clericalismo, não é só dos clérigos, é um comportamento que diz respeito a todos nós: o clericalismo é uma perversão da Igreja”. As palavras questionam a autenticidade e o testemunho de vida da Igreja e, em especial, dos clérigos na ação evangelizadora. Para o Papa “os leigos, o clero e a Igreja, todos sofrem com a cultura do clericalismo. Ela distorce as nossas relações humanas e corrompe o corpo de Cristo”. Por isso, é

preciso permanecer longe de um “excessivo clericalismo que mantém os leigos à margem das decisões” (EG 103).

A Associação dos Padres Católicos dos EUA, em junho de 2019, definiu o clericalismo como “uma expectativa, que leva a abusos de poder de que os ministros ordenados sejam e devam ser melhores do que qualquer outra pessoa do Povo de Deus” (apud DALY, 2019). Tal afirmação induz a pensar que os clérigos não devem ser questionados pela sociedade, nem pela Igreja, seja no comportamento, palavras ou estilo de vida. O clericalismo leva a pensar o governo eclesial como um senhorio feudal: “muitas vezes é assim que eles se veem, como senhores do feudo, até mesmo com brasões, títulos de nobreza e todas as regalias que acompanham a superioridade” (BERETTA, 2019). Ou, como diz o Papa Francisco: “Quem caiu no mundanismo olha de cima e de longe, rejeita a profecia dos irmãos, desqualifica quem o questiona, faz ressaltar constantemente os erros alheios e vive obcecado pela aparência” (EG, 97).

O clericalismo é contratestemunho que se expressa no uso excessivo de roupas clericais, com uma “vida confortável” cheia de privilégios, com celebrações litúrgicas

cheias de rubricas e repleta de tecidos, clericalizando o povo para ser aplaudido e ganhar mais regalias, se sentindo super-homem com a última e definitiva palavra em todos os campos. Neste sentido Francisco afirma: “Deus nos livre de uma Igreja mundana sob vestes espirituais ou pastorais! Este mundanismo asfixiante... Não deixemos que nos roubem o Evangelho!” (EG 97).

Não se pode cair num exibicionismo da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, sem preocupar-se na vivência do Evangelho (EG 95). Pois o clericalismo se faz presente onde quer que o serviço se transforme em domínio, em exercício de poder pessoal, para situar-se acima dos outros, ocupando o primeiro lugar e obtendo vantagens pessoais, pondo-se acima dos leigos e se sentindo membro de uma casta sacerdotal (CARRARA, 2019b p. 81), deixando de lado a ação evangelizadora e missionária. É um mal que afasta as pessoas da Igreja e torna os leigos infantis. Um “mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade... uma maneira sutil de procurar os próprios interesses” (EG, 93).

A cultura do clericalismo começa a partir da época da formação presbiteral. Nos seminários



os futuros clérigos são educados para administrar a paróquia como um feudo, os sacramentos como privilégio dos “puros”, o magistério como ortodoxia e moralismo, deixando em segundo plano a ação pastoral e missionária. Formados e submetidos a processos de aculturação, sendo romanizados e educados a estarem acima do povo em busca de privilégios (COSTADOAT). São mergulhados no “mundanismo espiritual” como uma suposta segurança doutrinal ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário (EG 94). Para combater essa enfermidade o Papa prefere “uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos” (EG, 49).

O clericalismo é um vício estrutural, que ambiciona construir uma aristocracia no Povo de Deus, obtendo vantagens e poder. Muitas vezes apela para uma falsa moral, nega o primado da consciência, prega uma teologia distorcida e arcaica, nega os sinais dos tempos impedindo de aprender com a realidade

cotidiana, imunizando a Igreja da vida, entende a tradição como um museu imóvel que impede a evangelização. (BERETTA, 2019-2). Nesse sentido, Francisco afirmou no encontro com o clero na catedral de Palermo, em 15 de setembro de 2018: “O clericalismo é a perversão mais difícil de eliminar. A Igreja não está acima do mundo, mas dentro do mundo, para fazê-lo fermentar, como fermento na massa. Por isso, queridos irmãos, toda forma de clericalismo deve ser banida”. Porque “um mundanismo espiritual esconde-se por detrás do fascínio de poder” (EG, 95), com graves consequências para o testemunho evangelizador.

Francisco sonha com um presbítero pastor, com cheiro de ovelhas, pastor no meio do rebanho (EG 24). Vê-se, no entanto, em muitos ambientes, um clero que busca privilégios, se isola de amizade com pessoas do povo. Pensa deter uma autoridade inquestionável, pensa que sabe dar respostas para além da competência e capacidade. Inclusive, distorce qualquer forma de relações humanas fraternas. Esse tipo de atitudes vai na contramão do testemunho pastoral e missionário. A Igreja de Francisco é uma Igreja capaz de descobrir Jesus no rosto dos outros, na sua



voz, nas suas reivindicações (EG 91). Porque uma Igreja que busca a autocomplacência egocêntrica e não se preocupa em sair à procura dos que andam perdidos e das imensas multidões sedentas de Cristo, é uma Igreja que não traz, de fato, o selo de Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado, mas, sim, uma Igreja encerrada em si mesma, em grupos de elite (EG 95).

Para o Concílio Vaticano II, entre os membros do Povo de Deus há uma igualdade na dignidade e na ação comum dos fiéis, na construção da Igreja. De fato, essa visão ainda não entrou no mundo clerical. Em tempos de pontificado de Francisco, há um esforço por criar uma Igreja em saída, que seja mais sinodal e missionária, na contramão do clericalismo. Infelizmente, ainda hoje, há muitas paróquias e dioceses sem o conselho de assuntos econômicos ou sem o conselho pastoral. Essas paróquias e dioceses são administradas com um espírito clerical, sem nenhuma prática sinodal. A Igreja Católica precisa de presbíteros que sejam cristãos, em vez de funcionários de uma organização sacerdotal, dirigida por uma classe que se elege a si mesma, que acredita estar isenta de responsabilidade perante o Povo de Deus.

Agenor Brighenti coordenou uma pesquisa entre o clero brasileiro, em busca do perfil dos “padres novos” no Brasil. O resultado deixa transparecer que os “padres novos” são muito mais clericais, autoritários, ortodoxos e moralistas que os mais antigos. O autor vê um deslocamento do aspecto profético para o terapêutico e do ético para o estético na esfera da experiência religiosa, provocando tensões e entraves nos processos pastorais em curso, tanto nas dioceses entre presbíteros como nas paróquias onde atuam frente a religiosas, leigos e leigas (BRIGHENTI, 2021 p. 17).

Considerações finais

Diante dos desafios que o mundo apresenta, o Papa convida a Igreja a uma saída missionária. Isso se traduz em sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do evangelho (EG 20). “Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa sair pelo mundo sem direção nem sentido” (EG 46). Como Vida Religiosa, temos o desafio de formar uma “Igreja em saída” que sai da comodidade dos seus templos para ir ao encontro dos menos favorecidos da sociedade,



capaz de abrir as portas para acolher todos aqueles que quiseram entrar, sem a necessidade de uma “vistoria alfandegária”. Porque, muitas vezes, a Igreja age como controladora da graça, e não como facilitadora. A respeito disso, Francisco não deixa dúvidas: “a Igreja não é uma alfândega, mas a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fatigosa” (EG 47).

O clericalismo vai na contra-mão do Concílio Vaticano II, se apresenta como triunfalista e saudoso de um sistema eclesial que não existe mais na realidade atual. Infelizmente, parece que não se enxergam sinais de mudança. Pelo contrário, há setores que buscam tendenciosas interpretações teológicas, bíblicas e pastorais para tentar manter a

velha ordem. O clericalismo é alérgico às reformas do Papa Francisco em direção à sinodalidade eclesial, à missionariedade, à misericórdia.

Nós, como Vida Consagrada, infelizmente não estamos imunes à enfermidade do clericalismo. Por isso, diante desse perigo, como religiosos/as, precisamos estar atentos para não sermos afetados, mas estarmos sempre ao serviço ao Povo de Deus e da Igreja, sendo testemunhas da Sinodalidade em uma Igreja em Saída. Somos chamados a sermos pastores com o “cheiro de ovelha” através das palavras e do testemunho, tendo como modelo o único Pastor, Jesus Cristo, sendo discípulos missionários. Vivendo como irmãos entre os irmãos da comunidade.

Questões para aprofundar em comunidade

- O que entendemos por clericalismo?
- Com quais atitudes concretas aparece o clericalismo nas nossas comunidades?
- Como religiosas e religiosos, qual deverá ser nossa missão no pontificado do Papa Francisco que quer uma Igreja em Saída?



Referências

BERETTA, Roberto. Clericalismo: uma doença mortal. **IHU Online**, 09 de abril de 2019.

Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/588229-clericalismo-uma-doencamortal> Acesso 06 de setembro de 2022.

CARRARA, Paulo Sérgio. A identidade do presbítero religioso: uma identidade problemática. **Convergência**, Ano LIV, n. 519, p. 64-74, março, 2019.

_____. **Presbítero**: discípulo do Senhor e pastor do rebanho. São Paulo: Vozes, 2019B.

BRIGHENTI, Agenor. **O novo rosto do clero**: Perfil dos padres novos no Brasil. São Paulo: Vozes. 2021.

COSTADOAT, Jorge. **A necessidade de desclericalizar a Igreja Católica**. 22 de março de 2022. Disponível em: <https://www.xaverianos.org.br/noticias-e-artigos/teologia/2263-anecessidade-de-desclericalizar-a-igreja-catolica>. Acesso: 06 de setembro de 2022.

DALY, Peter. É preciso enfrentar o clericalismo antes de tentar reformar o sacerdócio. Em: **IHU Online**, 14 de agosto de 2019. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/78-noticias/591656-e-preciso-enfrentar-o-clericalismo-antes-de-tentar-reformar-o-sacerdocio> Acesso em: 17/11/2022.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica sobre o Anúncio do Evangelho. São Paulo: Paulinas 2014.

FRANCISCO, Papa. **Rescritto del Santo Padre Francesco circa la deroga al can. 588 §2 CIC**. Roma, 18/05/2022. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2022/05/18/0371/00782.html>. Acesso em 22/11/2022.

HACKMANN, Jorge Luís Borges. A identidade presbiteral depois do Vaticano II. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 24, p. 1090-1112, dez. 2011.

TABORDA, Francisco. **A Igreja e seus ministros**. Uma teologia do ministério ordenado. São Paulo: Paulus, 2011.

TABORDA, Francisco. O Religioso Presbítero: uma questão disputada, reflexão teológica a partir da tradição jesuítica. **Perspectiva Teológica**, n. 31, p. 363-382, 1999.

TABORDA, Francisco. Religiosos Ordenados, tentativa de solução a partir do “princípio da economia”. **Revista CLAR**, n. 4, p. 38-46, 2008.



NO RIO DA VIDA, O IRMÃO É MISSÃO FECUNDANDO O REINO:

Uma reflexão sobre o envelhecimento e a
profissionalização entre os Religiosos Irmãos

FR. EDIMAR FERNANDO MOREIRA, O.CARM.¹

O encontro de irmãos

O rio é uma dessas imagens com incontáveis significados e sentidos. Os poetas irão se ocupar das suas características para falar dos percursos humanos; os místicos para expressar a graça de Deus; a Sagrada Escritura para elucidar um lugar donde brota a vida. Rio é movimento, itinerância, devir, fluidez... Rios não nos faltam no território amazônico onde acontece, em 2022, pela primeira vez, o VI Seminário

Nacional de Religiosos Irmãos, da CRB Nacional.

No movimento das águas, seja nos grandes rios, seja nos pequenos igarapés, os irmãos são convidados a moverem-se, a irem para outras margens. Os discípulos, acompanhando o mestre Jesus, adentram em terras pagãs para anunciar o Reino (Mc 4,35; 5,20). Diante da tentação de retrain e permanecer no próprio espaço, somos provocados por

1 Frade Carmelita. Mestre em Teologia. Endereço: edimar_fernando@yahoo.com.br A produção do texto contou com a participação dos membros do Grupo de Trabalho preparatório ao VI Seminário Nacional de Religiosos Irmãos: Ir. Carlos Eurípedes Honório Filho, FMS; Ir. Jorge de Paula, SJ; Ir. Cícero Júnio, FdCC; Ir. Darlan Santorum, FMS; Ir. Ivonir Imperatori, FMS; Ir. João Batista de Viveros, C.Ss.R.; Fr. Wagner José da Rosa, OFM; Ir. Wanderson Nogueira Alves, MSF.





Jesus a ultrapassar fronteiras, a ir além de todo e qualquer limite. Aquele que se fez irmão de todos, ensina que “nada do que é humano lhe é alheio e qualquer situação humana será sempre um cenário potencial para a Igreja, um lugar apropriado para o anúncio da Boa-Nova”. (CONGREGAÇÃO..., n. 30).

Quais são as outras margens para as quais nossos pais fundadores tiveram a coragem de se dirigir? Quais foram as missões “fora do esquadro” que tiveram a coragem de assumir? Somos convocados à renovação de nossa opção preferencial pelos pobres que vivem nas variadas periferias do mundo. Quais são essas periferias, esses rios da vida, que nos têm interpelado? Estamos perto e inseridos na vida desses pobres, sendo um refrigerio para esse povo sedento?

Somos impelidos a estarmos presentes na “realidade dramática que vivem hoje tantos homens e mulheres, num contexto marcado pelo empobrecimento, migração, fome, injustiça, indiferença e falta de sensibilidade para com a dor dos outros, a superficialidade, a perda dos valores humanos e religiosos... A vocação do irmão, vivida com autenticidade e encarnada nesta realidade, adquire um grande sentido.” (CONGREGAÇÃO..., n 30).

Jesus foi um homem de movimento, do caminho. Seu ministério público foi marcado pela pregação itinerante. Ele viveu na incerteza e sem casa, como um estrangeiro e peregrino na terra. Segui-lo significa enfrentar uma existência despojada de segurança humana (Mt 8,20). Por isso, os discípulos do Mestre não têm permissão de se estabelecer confortavelmente neste mundo (Lc 9,57-58; CHALMERS, 2006, n. 13). Sem tal despojamento e abertura, nossa capacidade de sermos missão fecundando o Reino no mundo poderá ficar gravemente comprometida.

Em seu curso, a CRB, desde 1987, tem promovido encontros de religiosos irmãos em nível nacional. O primeiro ocorreu em Mendes, RJ, com o tema: “Identidade e missão do religioso leigo na Igreja, hoje”. O segundo, no ano de 2010, sediado em Belo Horizonte, MG, abordou “A identidade de Religiosos Leigos em diálogo”. O terceiro seminário aconteceu em Brasília, DF, em 2012, tendo por tema “Masculinidade, a mística e a missão do irmão”. Em 2016, ocorreu o quarto seminário, que refletiu, baseado no título do documento sobre os irmãos, à época, recém lançado, “Identidade e missão do Religioso Irmão na Igreja”. O lema trazia um horizonte importante de nossa vida: “Eis o vosso





tesouro' a fraternidade". O último seminário, no ano de 2019, nas terras ensolaradas de Fortaleza, CE, nos levou a cantar a beleza de sermos "Plenamente humano, simplesmente irmão". O lema foi "Maria, peregrina na fé".

Um dos grandes marcos desses encontros nacionais é a intercongregacionalidade. Em terras amazonenses, aprendemos que igarapé é um pequeno riacho, um caminho estreito e navegável, que nasce na mata e deságua no rio. A variedade de congregações se assemelha aos vários igarapés que se reconhecem no grande rio da Vida Religiosa Consagrada (VRC) brasileira. Cada grupo traz presente, desde a própria preparação do seminário, as belezas, os desafios e as oportunidades para uma atuação profética junto ao grande mar da vida. A partilha de experiências enriquece e fortalece a identidade e missão do religioso irmão na Igreja e no mundo.

"No rio da vida, o irmão é missão fecundando o reino" floresce como tema do seminário que acontece em Belém do Pará em sua sexta edição. O lema é inspirado no Salmo 46: "Os braços de um rio vêm trazer alegria". Neste artigo, a equipe preparatória do evento propõe-se a refletir a missão do irmão em seus variados

apostolados no percurso de sua vida. Primeiramente, teremos uma iluminação bíblica a partir da simbologia do rio. Depois identificaremos algumas características do sinal profético que os irmãos transmitem ao mundo, com especial atenção naqueles que passam pelo processo de envelhecimento. Por fim, abriremos alguns horizontes para aprofundar os entendimentos sobre a profissionalização dos consagrados.

"Os braços do rio vem trazer alegria"

A água é fundamental para variadas formas de vida: "na Amazônia, a água é a rainha; rios e córregos lembram veias, e toda a forma de vida brota dela" (QA 43). O terreno seco, árido e desértico significa, normalmente, a morte. Para o homem de fé, porém, é lugar da confiança em Deus, de despir-se de suas próprias seguranças para clamar com o salmista: "minha alma tem sede de ti, minha carne te deseja com ardor, como terra árida, esgotada, sem água" (Sl 63,2).

Vivemos em contextos de seca! No âmbito eclesial, a Igreja, se vê sequiosa diante de tanto contrastemunho que oferecemos ao mundo e de algumas atitudes cheias de um conservadorismo





vazio. No interior da VRC, são diversos os religiosos que têm apresentado quadros psicológicos e psiquiátricos comprometidos que os levam, muitas vezes, a não ver mais sentido seja VRC, e até na própria existência. Basta olharmos a quantidade de suicídios por parte de lideranças da Igreja nos últimos anos. No cenário político e econômico, nos assusta ver tantos governantes, com projetos e programas insalubres, preocupados apenas com o jogo de poder, brigando entre si visando apenas o benefício próprio, enquanto o povo continua sedento de justiça.

Mas não podemos perder a esperança. O profeta Isaías, em seu tempo, convidava Israel a recordar da promessa de Deus que dissipa todo temor: “derramarei água sobre o solo sedento e correntes sobre a terra seca. Derramarei o meu espírito sobre a tua raça e minha bênção sobre os teus descendentes” (Is 44,3). Na Bíblia, o verbo “derramar” é utilizado tanto para a água que fertiliza a terra quanto para o alento que vivifica a semente.

Aquele que carrega a responsabilidade de ser chamado “irmão”, é interpelado a andar pelo bom caminho e meditar dia e noite na lei do Senhor. Se assim o for, será, utilizando as palavras

do salmista, “como árvore plantada junto a riachos: dá seu fruto no tempo devido e suas folhas nunca murcham; tudo o que ele faz é bem sucedido” (Sl 1,3). A água permite que a semente germine e de seus frutos.

O salmo 133 utiliza as imagens do orvalho e do óleo para mostrar “como é bom, como é agradável habitar todos juntos, como irmãos”. Tal vivência dos irmãos é comparada ao “orvalho do Hermon, descendo sobre os montes de Sião” (Sl 133, 3). Saber que de montes e colinas podem nascer rios é algo encantador. De minúsculas gotículas d’água, brotam rios caudalosos. Mas chama a atenção o fato de que, assim como o óleo, o orvalho é lento para escorrer. Parece que o salmista quer mostrar que é muito linda a fraternidade, mas que ela não é algo fácil, rápido de se alcançar. Requer paciência!

O Salmo 46, celebra Deus que fez da Cidade Santa um refúgio seguro para devotos que estão atemorizados (BERGANT; KARRIS, 1999, p. 193). Isso é muito claro no estribilho que se repete três vezes, como um refrão: “O Senhor dos Exércitos está conosco, nossa fortaleza é o Deus de Jacó”. Tal conteúdo aparece como um tema gerador do poema ou síntese conclusiva. O





poema evoca um assalto à cidade que fora frustrado pela intervenção divina. Há um Senhor do cosmos, que é Deus do universo e Deus de um povo (SCHÖKEL; CARNITI, 1996, p. 635). Também o profeta Ezequiel traz a imagem do templo que jorra água para salvar o povo (Ez 47).

A imagem da água corrobora com o sentido apresentado no salmo. A cidade está assentada na colina e no meio dela sobressai o templo. Ela é ameaçada pelo exército inimigo que brama e se agita como uma maré ameaçadora. O salmista apresenta uma visão cósmica, mitológica. A partir dela, dá profundidade ao acontecimento histórico, travando uma linha entre história e criação. Coloca Jerusalém como o centro do universo e, por cima dela, o Senhor dos astros no céu e de um povo na terra (SCHÖKEL; CARNITI, 1996, p. 636).

Em tempos difíceis, a VRC se sente também como que assaltada pelas mais variadas circunstâncias que nos tem tentado roubar tantos valores. Dentre eles, estão os citados pelo Papa Francisco: a comunidade, a fraternidade, a esperança. (EG, 76-109). São muitos os tumultos que tentam roubar a paz.

“Não deixemos que nos roubem a esperança” (EG, 86): “Há um

rio, cujos braços alegam a cidade de Deus, santificando as moradas do Altíssimo. Deus está em seu meio...” (Sl 46,5). Está é “água amena e fecundadora, à qual não chega a agitação agressiva do oceano; água una e plural que alegra e dá ares de festa à cidade. No meio do tumulto caótico a cidade celebra a festa, e funcionários dos festejos são seus canais de água” (SCHÖKEL; CARNITI, 1996, p. 637-638).

Esse encontro com a água viva (Jo 4, 13-14) faz com que a VRC possa jorrar a água do amor. A fecundidade desse estado de vida é fruto do encontro amoroso de Deus com a liberdade doada da pessoa que se entrega ao seu Senhor. Uma adequada compreensão e vivência do voto de castidade nos levar ao amor fecundo pelos irmãos.

Para santo Agostinho, em seu comentário sobre o Salmo 46, por mais que os rios possam se abalar ou se enfurecer, Deus não abandona sua cidade. Ele se alegra com um rio impetuoso que, para ele, é o próprio Espírito Santo: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, de seu seio jorrarão rios de água viva”. Tais rios jorravam do seio de Paulo, de Pedro, de João, dos outros apóstolos, dos outros evangelistas fiéis. Como





estes rios provinham de um só rio, muitos “rios impetuosos alegram a cidade de Deus” (Comentário aos Salmos, 8).

A ação do Cristo Ressuscitado, por meio do Espírito Santo, traz alegria aos corações da VRC. Não se trata de uma alegria qualquer. É antes, a alegria do Evangelho, que “enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (EG 1). O irmão é chamado à transmitir sua alegria em todos os lugares.

O rio da vida

Cada religioso quer responder ao chamado que ouviu de Deus. A isso chamamos de vocação. A missão corresponde à responsabilidade dada à pessoa ou à comunidade. Tem relação com o ministério que se recebe. Nesse sentido, a missão não é aquilo que ele faz, mas a sua própria vida feita comunhão com os pequenos. Nas palavras do Papa Bento XVI, “para que o dom não humilhe o outro, não só devo dar algo de meu, mas dar a mim mesmo; preciso ser parte do dom como pessoa” (DCE, 34; CONGREGAÇÃO..., n. 27).

Um religioso não realiza uma missão apenas em nome próprio, individualmente, mas cumpre missão carismática comunitária. A própria vivência de um

carisma é uma missão, um dom dado por Deus para a Igreja. A VRC é chamada à profecia no mundo, a “viver a fraternidade como um dom recebido de Deus e construí-la com sua ajuda e com o compromisso dos irmãos, dentro e fora da comunidade” (CONGREGAÇÃO..., n. 26).

Onúmero23 do documento sobre os irmãos, confirma que, na VRC,

quem realiza o ministério não é um indivíduo, mas a comunidade. Os membros de uma comunidade ministerial podem desempenhar funções muito diversas; alguns até mesmo podem estar impossibilitados de realizar qualquer tarefa externa, por doença ou por idade. O ministério, nesse sentido, não é identificado com uma tarefa específica. É o conjunto da comunidade que a realiza através de vários serviços de seus membros, incluindo o da oração, da oferta do sofrimento por parte dos enfermos, da atitude solidária de uns com os outros... A comunidade inteira é responsável pela missão que a Igreja lhe confiou.

O serviço de um religioso deve refletir a ação do próprio Cristo no mundo. Nesse sentido,

os ministérios presentes e operantes na Igreja são todos, embora de diferentes modalidades, uma participação no mesmo ministério de Jesus Cristo, o Bom Pastor que dá a vida pelas Suas ovelhas (Jo 10, 11), o servo humilde e totalmente sacrificado para a salvação de todos” (Mc 10, 45; CL, 21,3).





Jesus nos convida a sermos o bom pastor, munido de uma toalha cingida na cintura. Jesus não nos fala de poder, mas de serviço, amor e sacrifício. Ele veio para a dar a vida. Isso requer que desenvolvamos nossa capacidade empática e altruísta para ir ao encontro do outro, sobretudo dos menos favorecidos, os preferidos de Deus.

Em certa altura da vida, a idade ou outras circunstâncias podem até não permitir ao irmão a possibilidade de cumprir suas atividades ou funções profissionais. Aqui, porém, está um grande caráter profético da vocação desses irmãos, por vezes mais velhos, que são um sinal de um caminho que aponta para um horizonte revelador de sentido (CONGREGAÇÃO..., n. 31). Quando bem integrados, carregam uma capacidade de síntese, de voltarem-se para aquilo que é essencial.

Os irmãos mais velhos devem ser os primeiros a olhar o passado com gratidão, o presente com paixão e o futuro com esperança (FRANCISCO, 2014, 1-3). Será que nossos irmãos com idades mais avançadas ou debilitados para certas funções têm tido espaço para partilhar suas histórias e vidas? Será que nossas comunidades têm sido tais espaços de acolhida?

Irmão Marcos Epifânio Lima, jesuíta, reuniu, recentemente, em “Muitas histórias, uma história só” (2016), alguns conselhos ou alertas de irmãos do tempo do Concílio Vaticano II dirigidos aos irmãos mais jovens: “fuja dos ‘trilhos da vaca’. Seja criativo na missão, na vocação e na vida” (n. 43); “sejam acolhedores com as outras gerações e com os diferentes de ti” (n. 51); “tenha confiança e coragem em ti, pois a situação estabelecida que herdaste do passado pode estar pedindo mudanças” (n. 53).

Uma vida comprometida com a causa do Evangelho não pode findar seu testemunho com a aposentadoria do trabalho. Como enfatiza o documento para os irmãos, n. 36, “não existe aposentadoria na missão evangelizadora”. Há diversas maneiras de ser apoio na missão comum, tais como: da oração; dos pequenos serviços que se pode oferecer; do protagonismo e do testemunho da gratuidade.

Nesse sentido,

a contribuição esperada dos idosos não é tanto o desempenho de tarefas específicas, mas principalmente, o saber estar nas comunidades como mestres de vida e esperança, dispostos a acompanhar o caminho e o cansaço dos que estão mais envolvidos em tarefas externas da missão (CONGREGAÇÃO..., n 36).





Assim, a simples presença de idosos que vivem com solicitude e alegria o presente momento de sua vida será um sinal profético para a Igreja e para o mundo que tanto necessita.

Irmão João Gutemberg, marista, e Lucas Lopes recordam que a diferença entre gerações não é um privilégio da VRC, mas povoa as relações sociais em inúmeros outros contextos. Recorrer a esse dado pode levar facilmente o discurso a uma perigosa face da colonização das subjetividades, pela qual se acabará marginalizando os extremos, isto é, ou os mais jovens ou os mais velhos. Para eles, a vida comunitária masculina implica em convivência de homens de idades diferentes e, consequentemente, formas distintas de ver o mundo. Mas isso não confere a ninguém, em nome de “sua geração”, seja qual for, qualquer prerrogativa para a imposição de padrões morais, ideológicos e estéticos. Por isso, uma ecologia integral desponta como horizonte de esperança no âmbito fraterno. Ela pressupõe uma realização pessoal e comunitária, que reconhece e valoriza a subjetividade e as diferenças (apud MOREIRA; ZUGNO, 2019, p. 134-135).

É oportuno, sempre que possível, que a comunidade seja

formada por pessoas de diferentes gerações. Todos devem aprender uns com os outros e respeitar o momento de cada um. Irmão Larry Schatz (2002, p. 57), lassalista, chama a atenção das gerações mais novas para dizer que ser irmão hoje é muito diferente daquilo que era quando os nossos irmãos idosos professaram seus votos. Dentre as nuances, está o fato de que, antes do Concílio Vaticano II, geralmente cada passo da vida do irmão era organizado por regras. O mais importante era seguir as regras: “Guarde a regra e a regra guardará você”. Segui-la era a base para ser um bom irmão. Por detrás dessa compreensão, havia um ideal de fidelidade e perseverança.

Os tempos mudaram. Hoje, há uma grande ênfase na dimensão humana e pessoal. Quando não se cai em um individualismo narcisista, a dimensão da autonomia e liberdade desponta como grande avanço para a VRC. Basta lembrar de algumas obras cinematográficas que nos permitem ver um retrato do quão dramático era a subserviência e, muitas vezes, o abuso de consciência sofrido por religiosas e religiosos. Apenas para trazer um exemplo antigo e outro recente, citamos dois filmes que apontam





caminhos muito distintos de discernimento pessoal e comunitário: “A história de uma irmã” (1959) e “Homens e deuses” (2010). Nossos irmãos idosos hoje, quando já não o fizeram, podem encontrar nessas novas compreensões da integração do ser humano, espaços de humanização e de reconhecimento de sua história e missão.

A profissionalização

Já fazem alguns anos que o tema da profissionalização tem sido levantado entre os participantes nos seminários de irmãos. Algumas congregações investem há bastante tempo em profissões específicas para cumprir o carisma e a missão de sua instituição. Outras compreendem a missão em sentido mais amplo, não deixando explícito o lugar de trabalho para um determinado irmão.

Para o Papa Francisco, “é o trabalho que torna o homem semelhante a Deus, pois com o trabalho o homem é criador, é capaz de criar, de criar muitas coisas [...]. O homem é criador e cria com o trabalho” (2020). Esse trabalho confere a autonomia e a capacidade de contribuir com o mundo que espera a participação de cada um. Por isso, o trabalho dignifica aquele que o faz.

São várias as regras e constituições que mencionam a importância do trabalho. Para São Bento, a máxima “ora et labora” oferecia uma síntese da vida monástica. Na Regra do Carmo, do século XIII, a ocupação é um caminho para que o diabo não encontre caminho na vida do frade. Por isso, para aqueles que gostam de gastar o tempo sem nada fazer, há um convite ao trabalho em silêncio para que se ganhe seu próprio pão. São Francisco de Assis, do mesmo século, exerceu tanto o trabalho apostólico como manual. Ele insistia: “quero firmemente que todos os outros irmãos se ocupem num trabalho honesto. E os que não souberem trabalhar, o aprendam [...]. E se acaso não nos pagarem pelo trabalho, vamos recorrer à mesa do Senhor, e pedir esmola de porta em porta” (Testamento 5, 19b-22). Em qualquer circunstância, tais trabalhos não poderiam retirar o caráter de seguidores de Cristo pobre e despojado que marca a vida dos irmãos.

Na relação entre os aspectos de vida profissional e de consagração, mesmo se um irmão, por quaisquer razões, como saúde ou idade, não puder exercer um ofício profissional, ainda assim é convidado a viver à dimensão da diaconia enraizada nos valores cristãos (CONGREGAÇÃO..., n.





31). Vale repetir o que já foi dito anteriormente: ainda que exista uma aposentadoria do trabalho profissional, não há aposentaria para a missão evangelizadora.

É preciso, desde o processo formativo, ter claro que a profissionalização é um meio para a realização da missão e não o contrário. A identificação do candidato ao carisma e a sua fidelidade a ele devem ser a chave de entrega e serviço. É essencial que um irmão seja bem capacitado na sua atuação profissional, mas a resposta vocacional não deve estar estabelecida apenas por essa dimensão. Para que se entra em uma Congregação Religiosa? Para ser enfermeiro, educador, assistente social, administrador? Se for apenas para exercer esses ou outros trabalhos profissionais, não há necessidade de ser religioso.

A própria vida do irmão já deve expressar um caráter ministerial. Ela corrobora, inclusive, na construção de sua identidade como irmão. Sua consagração foi ratificada publicamente e aceita pela Igreja. Sua conduta se situa a partir de um sistema de vida aprovado pela Igreja e com finalidade de serviço na mesma. Seu ministério, então, estará vinculado à natureza da congregação a qual pertence.

Como dissemos em outra obra (MOREIRA, 2019, p. 175s), para os irmãos, algumas atividades tem um caráter mais interno, tais como formação e administração. No geral, como são serviços para o interior da congregação, não oferecem nenhum “salário”. Infelizmente, ainda se pode ouvir de forma explícita ou velada, palavras de preconceito em relação a irmãos que venham a atuar nessas áreas como alguém que só gera gastos.

De fundo, o que falta é uma compreensão adequada de vida fraterna. É uma cultura do “vale quanto ou o que produz”, na medida em que gere receitas. Há trabalhos fundamentais na vida da congregação e da Igreja nos quais os irmãos atuam demonstrando grande abnegação e maturidade. Se não for bem elaborada dentro do irmão uma clara consciência espiritual e vocacional, sua vida poderá ser uma grande frustração, gerando infelicidade e amargura. Vemos qual grande é o dilema quando alguns idosos não são psicologicamente e espiritualmente bem resolvidos.

Por isso, requer-se, daqueles que estão à frente da formação ou da comunidade, uma relação saudável com o trabalho, na qual se evidencia que, a despeito da





renda que gera, o essencial é o anúncio do Reino. É mostrar que nossa vida como religiosos tem valor em si. As atividades de caráter interno também devem se manter como horizonte quando pensamos na vivência da missão da congregação. Mas isso não deve ser, também, escusa para que os irmãos não se profissionalizem.

Muitos irmãos assumem uma profissão, simples ou complexa, cuja repercussão se dá no meio secular. Aqui,

a motivação vocacional toma o ser mais profundo da pessoa e a profissão ou ocupação realizada representa a encarnação concreta da consagração. A vocação, ao proceder do Espírito, é criativa por si mesma e condiciona a modalidade do trabalho que se realiza. Todo trabalho profissional irmão deveria ser consequência do alento vocacional ou carisma... (PUJOL I BARDOLET, 1989, p. 440-441).

Há um relevante número de irmãos que atuam no serviço da saúde, da educação, da assistência aos migrantes, da assistência aos menos favorecidos etc. Buscam trabalhar para que a graça do Reino futuro se faça presente no aqui e agora, tornando o mundo mais humano. O mundo precisa do testemunho de tantos consagrados que estando nas periferias econômicas e existenciais

da humanidade, testemunham que conhecem e amam o Deus da vida (CONGREGAÇÃO..., n. 31).

A escolha de uma carreira profissional dentro da VRC, por sua vez, não é algo simples. É preciso conciliar aptidões pessoais com o carisma e os projetos comunitários da congregação. É uma decisão que necessita de diálogo e sinceridade. Segundo frei Rubens Nunes Motta, franciscano capuchinho, pressupõe o autoconhecimento e um bom discernimento para verificar o leque de opções que aparece. Desse modo, “

este caminho deve considerar a realização pessoal e o sentido do servir socialmente, ou seja, a realização pessoal deve caminhar junto com a doação, a mútua ajuda e às necessidades da instituição e da missão em geral (em MOREIRA; ZUGNO, 2019, p. 162-163).

A vida profissional, nesse caso, surge como um caminho autêntico de levar e encontrar Deus em todas as realidades. Não há lugar onde a presença de Deus não se possa fazer impregnada. Nas palavras de um irmão carmelita descalço chamado Lourenço da Ressurreição, do século XVII, “para estar com Deus, não é preciso ir sempre à Igreja. Podemos fazer de nossos corações uma capela para onde nos retiramos, de tempos em tempos, para





conversar com Ele, suave, humilde e amorosamente” (2000, Carta 4). Uma pessoa madura será capaz de integrar sua vivência espiritual no cotidiano da vida.

Porém, vivência profissional, por vezes, pode ser também um sinal de algum processo de esvaziamento e esfriamento vocacional de um religioso. Basta olhar o período da Pandemia da COVID19, no qual em muitas pessoas aflorou uma profunda crise existencial. Se não for bem compreendido o lugar da dimensão profissional, ela pode ser tão perigosa quanto o clericalismo que tantas vezes fere a índole da VRC. Por isso, uma sólida e consistente compreensão teológica e espiritual é necessária desde a iniciação formativa do candidato para que esteja tudo bem integrado.

Uma atividade irrefletida, sem o espírito evangélico, ou condicionada ao apelo financeiro ou à pura realização pessoal, facilmente cairá em um mero ativismo. Infelizmente, essa é uma situação cada vez mais comum entre os irmãos:

O ativismo rapidamente os esvazia das motivações evangélicas e os impede de contemplar a obra de Deus que se realiza na sua ação apostólica. Levados pelo ativismo, eles acabam substituindo a busca de Deus e de

sua vontade pela busca de si mesmos (CONGREGAÇÃO..., n. 40).

Diante do frenesi do fazer e fazer, acabamos nos colocando como protagonistas absolutos de nossas ações pseudo-evangelizadoras. Desse modo, Cristo deixa de ser o centro e queremos nós mesmos ocupar tal lugar.

Conclusão

Percebemos que vida do irmão, como a de qualquer outro ser humano, é marcada por momentos ou ciclos. Também os rios sofrem tais influências. Ora é água avassaladora, ora é um fino fio d'água. Seja forte, seja fraca, a água segue seu curso, com fluidez e potencial. Olhar para o processo de envelhecimento e para a dimensão profissional dos irmãos revelam essa capacidade humana de maleabilidade, integrando aquilo que precisa ser integrado a cada momento.

A vida religiosa dos irmãos é uma pulsão do amor de Deus Pai que se revelou em seu Filho Jesus, nosso irmão. Do coração de Deus mina a água que enche o coração da VRC. Os irmãos bebem dessa água e nela se lançam, no horizonte que se vê o rio e na horizontalidade das relações





dos irmãos entre irmãos que se vê a fraternidade. Afinal, como lembra o papa Francisco, “o rio não nos separa; mas une-nos”.

Que a Virgem de Nazaré interceda por todos os irmãos e cada um possa continuar a ser missão fecundando o Reino!

111

Para dialogar em comunidade:

1. Quais são os/as religiosos/as mais idosos/as que marcaram sua vida? Que ensinamento você aprendeu ou tem aprendido deles/as?
2. Como sua comunidade tem favorecido o bom equilíbrio entre a dimensão profissional/ministerial da vida com as outras dimensões?
3. Você se considera realizado/a? O que você sonha para seu futuro?

Referências

- AGOSTINHO. **Comentário Bíblico**. Disponível em : <https://forumturbo.org/wp-content/uploads/wpforo/attachments/34853/4917-Patrstica-vol-9-1-Santo-Agostinho.pdf>: Acesso em: 18/11/2022
- BEAUVOIS, Xavier. **Homens e Deus**. Why Not Productions/ France 3 Cinéma/Armada Filmes, França, 2010, 122 minutos.
- BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert (org.). **Comentário Bíblico**. São Paulo; Loyola, São Paulo, 1999. Vol. II.
- CHALMERS, Joseph. **El Señor escucha el grito del pobre**. Roma: Carmelitane, 2006.
- CONGREGAÇÃO para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. **Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2016.
- FRANCISCO DE ASSIS, São. **Escritos e biografias de São Francisco**. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. Petrópolis: Vozes, 1981.





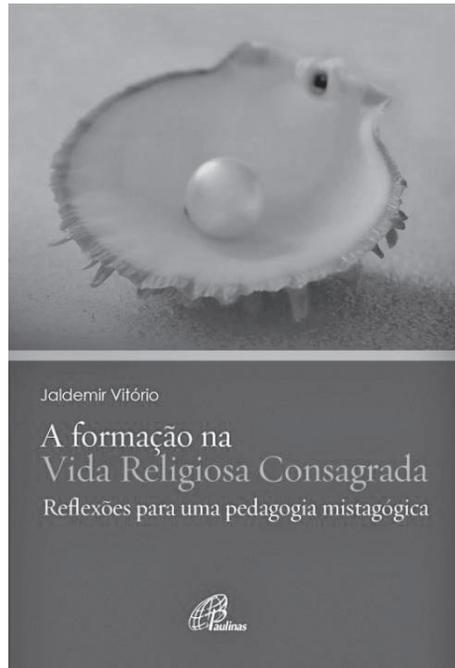
- FRANCISCO, Papa. **Carta apostólica do Papa Francisco às pessoas consagradas para proclamação do ano da Vida Consagrada**. Roma, 21 de novembro de 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_lettera-ap_20141121_lettera-consacрати.html Acesso em 18/11/2022.
- FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, Papa. **Querida Amazônia**. Exortação apostólica pós-sinodal. Roma, 02 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_lettera-ap_20141121_lettera-consacрати.html Acesso em: 18/11/2022.
- JOÃO PAULO II. **Christifideles Laici**. Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre a missão dos leigos na Igreja e no mundo. Roma, 30 de dezembro de 1988. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_lettera-ap_20141121_lettera-consacрати.html Acesso em: 18/11/2022.
- LIMA, Marcos Epifânio. **Muitas histórias, uma história só**. São Paulo: Loyola, 2016.
- MOREIRA, Edimar. **Simplesmente irmão**: um olhar sobre a vocação do religioso irmão. São Paulo: Loyola, 2019.
- MOREIRA, Edimar; ZUGNO, Vanildo Luiz (orgs.). **Plenamente humano, simplesmente irmão**. Brasília: CRB, 2021.
- PACCIOLLA, Aureliano; SANAGIOTTO, Vagner. Exaustos, porém, realizados! Análise descritiva da Síndrome de Burnout entre os padres e religiosos brasileiros. **REB**, Petrópolis, n. 82, fasc. 321, p. 193-207, 2022.
- PUJOL I BARDOLET, Jaume. El ministerio eclesial de los religiosos laicales. **Vida Religiosa**, Madrid, v. 66, n. 6, p. 434-449, nov. 1989.
- REGRAS dos Monges: Pacômio, Agostinho, Bento, Francisco de Assis, Carmelo. São Paulo: Paulinas, 1993.
- RESSURREIÇÃO, Lourenço. A prática da presença de Deus. Rio de Janeiro: Lótus do Saber, 2000.
- SCHATZ, Larry. **Brothers**: an insed look. Winona: Saint Mary's Press, 2002.
- SCHÖKEL, Luis Alonso; CARNITI, Cecília. **Salmos**. São Paulo: Loyola, 1996.
- ZINNEMANN, Fred. **A história de uma irmã**. Warner Bros; EUA; 1959; 151 minutos.





RESENHAS

VITÓRIO, Jaldemir. **A formação na Vida Religiosa Consagrada.** Reflexões para uma pedagogia mistagógica. São Paulo: Paulinas, 2022, 279 p.



A pérola preciosa, o tesouro escondido, quem a encontrou? O processo formativo é uma experiência que precisa tocar a pessoa em profundidade. Trata-se de uma pérola. Não é passage de sucessivas etapas, muito menos a busca de resultados para garantir o quadro de pessoal para manter as obras da congregação. A formação é ação de Deus, o tesouro escondido, que o formando(a) se vê impactado(a) e que será ajudado a fazer o caminho do encontro com o amor incondicional de Deus. A obra em questão narra vivências e experiências de fé para o convite de Jesus: “Vem e segue-me”!

O autor, padre jesuíta com experiência no acompanhamento e formação de seminaristas, professor na Faculdade de Filosofia e Teologia-FAJE/MG, começa o livro com uma expressão forte e real: “as vocações rareiam,” e termina com um pensamento motivacional, sobretudo para os formadores(as): “como no passado, Deus continua a convocar novas vocações para as múltiplas congregações existentes e as que surgirão para responder aos gritos dos irmãos. Cabe aos formadores a tarefa de mistagogo e de pedagogos que, com sabedoria e discernimento, insiram-nos nos corpos apostólicos congregacionais e os ajudem a tomar





consciência do compromisso assumido, a crescer e solidificar a experiência original.” A chave de leitura do livro está em ambas expressões. Uma que constata a desafiadora realidade e a outra que abre perspectiva de futuro, com a clara objetividade de que formar para a VRC não é moldar pessoas, mas educar para “o caminho de Deus.” O autor apresenta os argumentos no corpo do texto, algumas vezes até repetitivo, mas sempre na busca de ajudar no processo formativo, hoje, tão desafiador quanto no passado.

O livro está organizado em onze capítulos com uma tese: a mistagogia, arte de saber introduzir ao Mistério do chamado de Deus, é o cerne da formação. O formando é um discípulo(a) e o formador(a) também. Como pedagogo(a), o formador(a) faz uma parte do caminho, deixando que o Espírito seja o primeiro protagonista e nunca seus próprios interesses, preferências, escolhas e privilégios sobre este ou àquele(a) formando(a). Quem pousa o olhar é Deus e não o formador(a). Contudo, não existe processo formativo sem contextos, desafios, conflitos e soluções.

A partir da compreensão da Mistagogia, o autor realiza um longo percurso de escuta do

momento atual, discernindo os elementos positivos e negativos, aponta valores irrenunciáveis a serem internalizados tanto pelos mistagogo(as) formadores(as) como pelos candidatos(as) ao longo das etapas formativas. Realça o valor das etapas iniciais, postulado, noviciado e juniorato, como processos de internalização e não como meras etapas de transição.

No primeiro capítulo reflete sobre a identidade e pressupostos da VRC, quer dizer, o candidato(a) a VRC é um cristão que se dispõe a fazer um caminho de fé dentro da proposta carismática do Instituto à luz do Evangelho. Para tanto, a base, a rocha sobre a qual o processo se fará a humanização da pessoa e a consciência do ser cristão. Se falta isto, a formação não terá raízes nem será personalizada.

O segundo capítulo traz o olhar mistagógico para dentro do processo formativo. Formar não é algo imóvel, paralisante, fossilizado, mas o saber compreender o crescimento do Mistério do chamado no interior do formando(a). Isto significa que Deus é o primeiro formador que molda no mapa da vida do candidato(a) sua presença, fazendo com que o formando(a) saiba descobrir a beleza da presença salvífica dEle em si e também nos





outros. Portanto, o formador(a) e a equipe, não podem ser pessoas sem habilidades, mas homens e mulheres cuja vida, mesmo nos limites humanos, é presença carismática e discipular. A formação passa pela ponte dos contextos cultural, sociofamiliar, de gênero e etnia, econômico, político, eclesial, religioso e psicológico dos formandos(as), para desenvolver a compaixão pelos mais pobres e despertar o senso crítico de si mesmos. Os formadores(as), abraçando este processo mistagógico, tornam-se colaboradores de Deus e não manipuladores da consciência dos formandos(as). Aqui vai um alerta do autor para as congregações que querem uma formação pré-fabricada, que apenas molda, mas não cria pontes de crescimento humano e de fé. Um alerta aos superiores que, às vezes, fecham os olhos para os processos e querem apenas resultados, sobretudo, quando o assunto é ordenação de futuros diáconos e padres.

O terceiro capítulo aprofunda a identidade dos formadores(as), ou seja, ser mistagogo(a) na obra de Deus. Num contexto acelerado, líquido, o formador(a) está envolvido num turbilhão de propostas. Precisa ser alguém com identidade carismática

segundo a congregação, otimista, que assume a tarefa formativa como missão, aberto aos tempos, com formação acadêmica suficiente para acompanhar os formandos(as), desapegado(a), prudente, sabendo potencializar suas habilidades inatas e adquirir outras, com a consciência de que ser formador(a) não é tarefa isolada dos demais membros da congregação, mas em comunhão com eles(as) porque todos(as) são formadores(as) ou deveriam ter a consciência de ser.

No quarto capítulo o autor reflete sobre o trato com os formandos(as). É preciso conhecer as origens dos formandos(as), o interesse dos mesmos pelas mídias sociais e como as utilizam, a consciência e identidade sexual com suas escolhas e condição, e, assim, personalizar a formação e nunca misturar os formados(as) numa mesma massa, mas saber separar sem criar guetos. Para tanto, é preciso proximidade, criando pontes de encontros e não muros preconceituosos que fortalecem os distanciamentos, os medos e os conflitos. É preciso saber o que é inegociável na VRC com a proposta congregacional e evangélica. O processo mistagógico não se dá apenas passando de etapa em etapa, mas na internalização de valores.





O capítulo quinto apresenta um dos pontos mais delicados do processo formativo mistagógico, o olhar dos formandos(as) para os formadores. O formador(a) não pode viver num pedestal de perfeição. A formação é uma ação de “múltiplas mãos”, diz o autor. Então, deixar-se questionar, saber interagir, ser transparente, responsável, aberto(a) às críticas é o caminho do encontro com os formandos(as). A autossuficiência, a hostilidade, a suspeita, o querer competir com os formandos(as), são atitudes na contramão da mistagogia.

A transparência na formação é o tema do sexto capítulo. A relação entre ser e parecer é uma transparência necessária. Querer que um formando(a) seja aquilo que não é fragiliza o processo formativo. Esta relação perpassa a vida do formador(a), o ideal carismático da congregação e a pessoa do formando(a). Trata-se, portanto, da transparência que desmascara toda simulação no trato com os formandos(as).

A equipe de formadores(as) é um capítulo importante, o sétimo. Não se forma uma equipe de pessoas com objetivos comuns sem um tempo de amadurecimento e experiência. Fato que é muito difícil em várias congregações pela falta de formadores(as),

de equipes e pela instabilidade das mesmas. Não pode haver uma equipe mistagógica sem pessoas de fé e de experiência da VRC. Este capítulo é o ponto nevrálgico para muitas congregações. A improvisação de equipes formadoras, de mestres(as) de noviços(as), encarregados(as) de junioratos, de comunidades de filosofia e teologia, é um prato cheio para o fracasso da formação. O equilíbrio com a presença de jovens formadores(as) e veteranos(as), inclusive de idosos(as) nas comunidades, é condição irrenunciável para o bom êxito do processo mistagógico formativo.

Sobre o mundo digital e suas influências na vida das novas gerações que nascem dentro dos cliques digitais e dos formadores(as), na maioria, migrantes digitais, é um árduo processo que precisa ser ainda estudado. O capítulo oitavo debruça-se sobre este tema. O autor apresenta a grande dependência das juventudes atuais às mídias como vício, idolatria, narcisismo e chama de um “novo Pentecostes,” onde o “dom das línguas digitais” perdem para o sentido de tempo e espaço, tirando o pé da realidade e depositando toda esfera de comunicação no digital, sem o encontro cara a





cara. Formadores(as) migrantes digitais terão maior dificuldade em acompanhar e, os próximos formadores(as) imbuídos desta linguagem não estarão tão confortáveis porque a instabilidade das mudanças não levam a um porto seguro.

O capítulo nono apresenta os ofícios dos formadores(as) que precisam ser preparados para receber informações dos formandos(as) com sabedoria ética, prudência, delicadeza para não rotular, corroer e prejudicar o formando(a). O capítulo trata da questão da heterossexualidade e homossexualidade, ou, como prefere o autor, homoafetividade, um dos temas mais delicados dentro do processo mistagógico da formação, pois engloba a identidade existencial. A equipe de formadores(as) precisa saber interagir para acompanhar e discernir os jovens na integração da sexualidade no projeto de VRC. Deus chama e não faz acepção de pessoas. Cabe à equipe formadora, com os recursos das ciências humanas, saber orientar sem excluir, tendo em conta, inclusive os egressos que podem apresentar tipologias do tipo parasita, que buscam uma congregação para viver na comodidade; os sinceros, que desejam responder ao chamado de Deus; e os hesitantes

que precisam ser ajudados a fundamentar motivações. O autor considera que os parasitas devem ser aconselhados a não entrar na VRC. Um ponto crucial da formação é a etapa do juniorato e votos perpétuos quando os jovens chegam nas comunidades e encontram comunidades fechadas, com serias dificuldades de assimilação das novas gerações. Então, faz-se urgente saber trabalhar as etapas anteriores, aspirantado e postulado, para fundamentar motivações e personalizar valores, pois, pessoas despersonalizadas, que dependem dos outros para ser feliz, não terão a mínima chance de ser perseverantes e fieis ao chamado.

Saber internalizar o carisma da congregação no caminho de fé é a temática do capítulo décimo. A tarefa neste processo é de aceitar a graça do chamado à luz do carisma. O segredo está na equipe saber acompanhar individualmente e no coletivo os formandos(as). Refletir juntos, aprofundar com ajuda das ciências humanas comportamentos e valores, é fundamental o êxito do processo, pois os formadores(as) são mediações da graça de Deus, o formador por excelência.

Por fim, o último capítulo, onze, o autor apresenta os frutos do processo mistagógico.





O termômetro não são os que continuam na congregação, mas aqueles que saem. Quando os que fizeram o processo e deixam a congregação tornam-se pessoas engajadas na vida eclesial e social com os valores que internalizaram, então, a equipe formadora terá a certeza de que conseguiu desenvolver um processo mistagógico. Por outro lado, com aqueles que permanecem, será possível ver a alegria e a felicidade de seguir o Senhor na doação de si mesmo, no fervor missionário, na identificação com o carisma fundacional e na experiência do encontro com Deus.

O livro aparece num momento de grandes contrastes na formação e no modo de realizá-la. Sem citar um documento da Igreja sequer ou de estudos sobre o tema, o autor foi capaz de expor

sua vivência, demonstrar também os riscos e possibilidades da mudança de época para a formação das novas gerações e trazer para o debate a mistagogia, tema transversal em todo o processo de iniciação cristã que a VRC é chamada a resgatar e repensar a formação. Os capítulos se entrelaçam e formam uma rede mistagógica que não exclui mas inclui, não limita mas escancara dilemas para o processo formativo. Acredito que uma das tarefas urgentes das congregações, numa ação conjunta intercongregacional e intercultural, será de formar formadores(as) desde a base humana, teológica e mistagógica. O livro é recomendado para toda a VRC, sobretudo, para as equipes de formadores(as).

Pe. João Mendonça, sdb



ORIENTAÇÕES PARA OS/AS COLABORADORES/AS

A Revista Convergência é uma publicação trimestral que aborda temas relacionados à Vida Religiosa Consagrada ou com reflexões que dizem respeito à missão desenvolvida pelos religiosos/as. Aceitam-se colaborações de religiosos, religiosas e de toda pessoa interessada na temática. Os artigos são publicados após consulta ao conselho editorial. Aceita-se também relatórios das Assembleias, Congressos, Encontros das Regionais, Nacionais e Internacionais, sempre em sintonia com os interesses da CRB Nacional.

Normas técnicas

Os textos devem ser enviados em formato .doc ou compatível, contendo entre 16 e 22 mil caracteres com espaços, fonte

Times New Roman, corpo 12, entrelinhamento 1.5. Aceitam-se apenas textos originais.

As referências de citações no corpo do texto são indicadas pelo sistema autor/data (SILVA, 2018, p. 23; SILVA; LIMA; OLIVEIRA, 2019, p. 987; CNBB, Paróquia: comunidade de comunidades, 2000, p. 82). Para referências bíblicas e documentos eclesiais utiliza-se a abreviatura consolidada (Is 24, 13; Lc 11, 5; LG 89; RM 31; DAp 28).

Citações diretas com mais de três linhas devem ser apresentadas em parágrafo a parte, caixa 10, espaço simples e endentação de 3,5 cm. Citações diretas com menos de três linhas são mantidas no parágrafo e colocadas entre aspas.

No final do artigo é apresentada a relação de todas as fontes



citadas no texto seguindo as normas abaixo indicadas.

Após a conclusão, apresentar duas ou três perguntas para estimular um diálogo em comunidades.

Resenhas, informes, relatórios, mensagens e outros artigos breves com informações relacionadas à Vida Religiosa Consagrada ou de seu interesse também serão publicados seguindo parecer do Conselho Editorial.

Modelos de Referências:

Referências de livros: SILVEIRA, João Antônio. Felicidade infeliz. São Paulo: Fronteira Sem Fim, 1977.

Capítulo de livro: PEREIRA, João. Os frutos da desilusão. Em: ANDRADE, Plácido. Pensamentos e sentimentos. São Paulo: Ser e Cantar, 2018. P. 28-67.

Referências de artigos de periódicos: ZACHARIAS, Ronaldo. Virtualidade: um novo desafio à vida religiosa e sacerdotal. Em: Convergência, Ano LVII, n. 538, p. 73-86, 2002,

Referências em meios eletrônicos: FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html Acesso em: 16/11/2022.

Ao enviar o arquivo, os links devem estar ativados.

Resumo: Contendo, no máximo, 250 palavras, deve apresentar o objeto, o método, os recursos e as principais conclusões do texto. É seguido pela apresentação de três a cinco palavras-chave.

Identificação do autor: Nome completo; Instituição religiosa a que pertença (quando for o caso); endereço eletrônico para contato. A submissão de originais implica que o autor/a ceda totalmente os direitos autorais para a CRB.

E-mail para envio dos artigos: publicacoes@crbnacional.org.br



CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)
 CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL
 BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE
 CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA

ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA



Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: convergencia@crbnacional.org

Pode também acessar o site e imprimir o boleto: www.crbnacional.org.br

Nome completo:

Congregação:

Endereço:

CEP (código postal): Cidade: UF: País:

Nova assinatura () Renovação ()

Telefone: ()E-mail:

Forma de pagamento:

Efetivo () Depósito Bancário () Agência:..... C/C:

Valor da Assinatura:

Brasil: R\$ 145,00 América Latina e Caribe: U\$ 80 Europa: E 70 Outros países: U\$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag: 452-9 - C/C: 306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato: (61) 3226-5540).
2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar). Enviar o comprovante para a CRB Nacional (convergencia@crbnacional.org.br).